

## The Project Gutenberg eBook of Os Lusíadas

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Os Lusíadas

Author: Luís de Camões

Release date: November 11, 2008 [eBook #27236]

Most recently updated: January 4, 2021

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK OS LUSÍADAS \*\*\*

Produced by Rui Baptista. This book was transcribed from

the online scans produced by the Portuguese *Biblioteca Nacional Digital* (<http://purl.pt/1/1/>).

OS LVSIADAS de Luis de Ca- moês.

### COM PRIVILEGIO REAL.

Impreffos em Lisboa, com licença da fancta Inquição, & do Ordinario: em cafa de Antonio Gõçaluez Impreffor. 1572.

Eu el Rey faço faber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoês pera que poffa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Octaua rima chamada Os Lufiadas, que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos fe declarão os principaes feitos dos Portugueses nas partes da India depois que fe descobrio a nauegação pera ellas por mãdado del Rey dom Manoel meu vifauo que fancta gloria aja, & ifto com priuilegio pera que em tempo de dez anos que fe começarão do dia que fe a dita obra acabar de empremir em diãte, fe não poffa imprimir nẽ vender em meus reinos & fenhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas partes da India pera fe vender fem licẽça do dito Luis de Camoês ou da peffoa que pera iffo feu poder tiuer, fob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camoês, & a outra metade pera quem os acufar. E antes de fe a dita obra vender lhe fera pofto o preço na mesa do despacho dos meus Defembargadores do paço, o qual fe declarará & porá impreffo na primeira folha da dita obra pera fer a todos notorio, & antes de fe imprimir fera vifta & examinada na mesa do conselho geral do fanto officio da Inquição pera cõ fua licença fe auer de imprimir, & fe o dito Luis de Camões tiuer acrecentados mais algũs Cantos, tambem fe imprimirão auendo pera iffo licença do fancto officio, como acima he dito. E este meu Aluara fe imprimirà outrofi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como fe foffe carta feita em meu nome por mim affinada & paffada por minha Chancellaria fem embargo da Ordenação do segundo liuro, tit. xx. que diz que as coufas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano paffem per cartas, & paffando por aluaras não valhão. Gafpar de Seixas o fiz em Lisboa, a .xxiiij: de Setembro, de M.D.LXXI. Iorge da Cofta o fiz efcreuer.

### • OS LVSIADAS DE LVIS DE CAMÕES.

Canto primeiro.

As armas, & os ba-

rões afsinalados,  
Que da Occidental praya Lufi-  
tana,  
Por mares nunca de antes na-  
uegados,  
Paffaram, ainda alem da Taprobana,  
Em perigos, & guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana.  
E entre gente remota edificação  
Nouo Reino, que tanto fublimarão.

E tambem as memorias gloriofas  
Daquelles Reis, que forão dilatando  
A Fee, o Imperio, & as terras viciofas  
De Affrica, & de Afia, andarão deuaftando,  
E aquelles que por obras valerofas  
Se vão da ley da Morte libertando.  
Cantando efpalharey por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

Ceffem do fabio Grego, & do Troyano,  
As nauegações grandes que fizerão:  
Callefe de Alexandro, & de Trajano,  
A fama das victorias que tiuerão,  
Que eu canto o peyto illuftre Lufitano,  
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:  
Ceffe tudo o que a Mufa antigua canta,  
Que outro valor mais alto fe aleuanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
Tendes em my hum nouo engenho ardente.  
Se fempres em verfo humilde, celebrado  
Foy de my voffo rio alegremente,  
Daime agora hum fom alto, & fublimado,  
Hum estilo grandiloco, & corrente,  
Porque de voffas agoas Phebo ordene,  
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.

Daime hũa furia grande & fonorofa,  
E não de agrefte a vena, ou frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicofa,  
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:  
Daime igoal canto aos feitos da famofa  
Gente voffa, que a Marte tanto ajuda:  
Que fe efpalhe & fe conte no vniuerfo,  
Se tam fublime preço cabe em verfo.

E vos ò bem nascida fegurança  
Da Lufitana antigua liberdade,  
E não menos certifsima eſperança,  
De aumento da pequena Chriftandade:  
Vos o nouo temor da Maura lança,  
Marauilha fatal da noffa idade:  
Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande,  
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, & nouo ramo florecente,  
De hũa aruore de Christo mais amada  
Que nenhũa nascida no Occidente,  
Cefarea, ou Chriftianifsima chamada:  
Vedeo no voffo efcudo, que prefente  
Vos amostra a victoria ja paffada.  
Na qual vos deu por armas, & deixou  
As que elle pera fi na Cruz tomou.

Vos poderofa Rei, cujo alto Imperio,

O Sol logo em nascendo ve primeiro:  
Veio tambem no meio do Hemifpherio,  
E quando deca o deixa derradeiro.  
Vos que esperamos jugo & vituperio,  
Do torpe Ismaelita caualleiro:  
Do Turco Oriental, & do Gentio,  
Que inda bebe o licor do fancto Rio.

Inclinay por hum pouco a magestade,  
Que neffe tenro gesto vos contemplo,  
Que ja se mostra, qual na inteira idade,  
Quando fobindo yreis ao eterno templo,  
Os olhos a real benignidade  
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido  
De premio vil: mas alto, & quasi eterno  
Que nam he premio vil, fer conhecido  
Por hum pregão do ninho meu paterno.  
Ouui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem fois fenhor superno.  
E julgareis qual he mais excelente,  
Se fer do mundo Rei, se de tal gente:

Ouui, que não vereis com vãs façanhas  
Fantasticas, fingidas, mentirofas,  
Louuar os voffos, como nas estranhas  
Mufas, de engrandecerse defejofas,  
As verdadeiras voffas fam tamanhas,  
Que excedem as fohadas fabulosas:  
Que excedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por estes vos darey hum Nuno fero,  
Que fez ao Rei, & ao Reino tal feruiço,  
Hum Egas, & hũ dom Fuas, ã de Homero  
A Citara parelles fo cobiço:  
Pois polos doze pares daruos quero,  
Os doze de Inglaterra, & o feu Magriço.  
Douuos tambem aquelle illustre Gama,  
Que para fi de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,  
Ou de Cefar, quereis igual memoria:  
Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
Efcura faz qualquer estranha gloria:  
E aquelle que a feu Reino a fegurança  
Deixou, com a grande & profpera victoria.  
Outro Ioane, inuicto caualleiro,  
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,  
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
Se fizerão por armas tam subidos,  
Voffa bandeira sempre vencedora.  
Hum Pacheco fortifsimo, & os temidos  
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.  
Albuquerque terribil, Castro forte,  
E outros em quem poder não teue a morte.

E em quanto eu estes canto, & a vos nam posso  
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
Tomay as redeas vos do Reino voffo,  
Dareis materia a nunca ouvido canto:

Comecem a sentir o peço groffo,  
(Que polo mundo todo faça espanto,)  
De exercitos, & feitos fingulares,  
De affricas as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vê feu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Moftra o peçoço ao jugo ja inclinado:  
Thetis todo o ceruleo fenhorio,  
Tem pera vos por dote aparelhado:  
Que affeiçoada ao gesto bello, & tenro,  
Defeja de compraruos pera genro.

Em vos fe vem da Olimpica morada,  
Dos ous auôs, as almas ca famofas,  
Hũa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas fanguinofas:  
Em vos efperão, verfe renouada,  
Sua memoria, & obras valerofas.  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da fuprema eternidade.

Mas em quanto efte tempo paffa lento,  
De regerdes os pouos, que o defejão:  
Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
Pera que estes meus verfos voffos fejão:  
E vereis ir cortando o falfo argento:  
Os voffos Argonautas, por que vejão,  
Que fam vistos de vos no mar yrado,  
E costumaiuos ja a fer inuocado.

Ia no largo Oceano nauegauão,  
As inquietas ondas apartando,  
Os ventos brandamente respirauão,  
Das naos as vellas concauas inchando:  
Da branca efcura, os mares fe moftrauão  
Cubertos, onde as proas vão cortando.  
As maritimas agoas confagradas,  
Que do gado de Proteo fam cortadas.

Quando os Deufes no Olimpo luminoso,  
Onde o gouerno esta, da humana gente,  
Se ajuntão em confilio gloriofo,  
Sobre as coufas futuras do Oriente:  
Pifando o criftalino Ceo fermofo,  
Vem pela via Lactea, juntamente  
Conuocados da parte do Tonante,  
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos fete Ceos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foi dado,  
Alto poder, que fo co penfamento  
Governa o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:  
Ali fe acharão juntos num momento,  
Os que habitão o Arcturo congelado.  
E os que o Auftro tem, & as partes onde  
A Aurora nafce, & o claro Sol fe efconde.

Eftava o Padre ali fublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
Num affento de estrelas criftalino,  
Com gesto alto, fevero, & foberano,  
Do rofto respiraua hum ar diuino,  
Que diuino tornàra hum corpo humano:  
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,

De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes affentos, marchetados  
De ouro, & de perlas, mais abaixo estavam  
Os outros Deufes todos affentados,  
Como a Razão, & a Ordem concertauão.  
Precedem os antiguos mais honrrados,  
Mais abaixo os menores fe affentauão:  
Quando Iupiter alto, affy dizendo,  
Cum tom de voz começa, graue & horrendo.

Eternos moradores do luzente  
Eftelifero polo & claro affento,  
Se do grande valor da forte gente,  
De Lufo, não perdeis o penfamento,  
Deueis de ter fabido claramente  
Como he dos fados grandes certo intento  
Que por ella fefqueção os humanos,  
De Afsirios, Perfes, Gregos & Romanos.

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido  
Cum poder tam fingelo & tam pequeno  
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,  
Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
Pois contra o Castelhano tam temido  
Sempre alcançou fauor do Ceo fereno.  
Afsi que fempre em fim com fama & gloria,  
Teue os tropheos pendentés da victoria.

Deixo Deofes atras a fama antiga,  
Que co a gente de Romulo alcançarão,  
Quando com Viriato, na inimiga  
Guerra Romana tanto fe affamarão.  
Tambem deixo a memoria, que os obriga  
A grande nome, quando aleuantarão  
Hum, por feu capitão, que peregrino  
Fingio na Cerua efpirito diuino.

Agora vedes bem, que cometendo,  
O diuidofo mar, num lenho leue,  
Por vias nunca vfadas, não temendo  
De Affrico & Noto a força a mais fatreue:  
Que auendo tanto ja que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, & onde breue.  
Inclinão feu propofito, & perfia  
A ver os berços, onde nafce o dia

Prometido lhe eftà do fado eterno,  
Cuja alta ley nam pode fer quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, que vé do Sol a roxa entrada.  
Nas agoas tem paffado o duro Inuerno,  
A gente vem perdida & trabalhada.  
Ia parece bem feito, que lhe feja  
Mostrada a noua terra que defeja.

E porque, como viftes, tem paffados  
Na viagem, tam asperos perigos,  
Tantos Climas & Ceos experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos  
Que fejam, de termino, agafalhados  
Nefta cofta affricana como amigos.  
E tendo guarnecida a laffa frota,  
Tornarão a feguir fua longa rata.

Eftas palauras Iupiter dezia,  
Quando os Deofes por ordem refpondendo,

Na fentença hum do outro difiria,  
Razões diuerfas dando & recebendo.  
O padre Baco, ali nam confentia  
No que Iupiter diffe, conhecendo  
Que esquecerão feus feitos no Oriente,  
Se la paffar a Lufitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria  
Hũa gente fortifsimo de Hefpanha,  
Pelo mar alto, a qual fojeitaria  
Da India, tudo quanto Doris banha:  
E com nouas victorias venceria,  
A fama antiga, ou fua, ou foffe eftranha.  
Altamente lhe doe perder a gloria,  
De que Nifa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo fojugado,  
E nunca lhe tirou Fortuna, ou cafo,  
Por vencedor da India fer cantado,  
De quantos bebem a agoa de Parnafo.  
Teme agora que feja fepultado,  
Seu tam celebre nome, em negro vafo,  
Dagoa do efquecimento, fe la chegão  
Os fortes Portuguefes, que nauegão,

Suftentaua contra elle Venus bella,  
Afeiçãoada aa gente Lufitana,  
Por quantas qualidades via nella,  
Da antiga tam amada fua Romana,  
Nos fortes corações, na grande estrella,  
Que mostrarão na terra Tingitana:  
E na lingoa, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupção cre que he a Latina.

Eftas caufas mouião Cyterea,  
E mais, porque das Parcas claro entende  
Que ha de fer celebrada a clara Dea,  
Onde a gente beligera fe eftende.  
Afsi que hum pela infamia que arrecea,  
E o outro polas honras que pretende,  
Debatem, & na perfia permanecem,  
A qualquer feus amigos fauorecem:

Qual Auftro fero, ou Boreas na efpeffura,  
De filueftre aruoredo abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata efcura,  
Com impito & braueza defmedida.  
Brama toda montanha, o fom murmura,  
Rompenfe as folhas, ferue a ferra erguida.  
Tal andaua o tumulto leuantado,  
Entre os Deofes no Olimpo confagrado.

Mas Marte que da Deofa fuftentaua,  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou por que o amor antiguo o obrigaua,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De entre os Deofes em pee fe leuantaua,  
Merencorio no gesto parecia:  
O forte efculo ao collo pendurado,  
Deitando para tràs medonho e irado.

A vifeira do elmo de Diamante,  
Aleuantando hum pouco, muy feguro,  
Por dar feu parecer fe pos diante  
De Iupiter, armado, forte & duro:  
E dando hũa pancada penetrante,

Co conto do baftão, no folio puro:  
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,  
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E diffe afsi, ò padre a cujo imperio,  
Tudo aquillo obedece, que criafte,  
Se eſta gente que bufca outro Emifpherio,  
Cuja valia, & obras tanto amafte:  
Não queres que padeção vituperio,  
Como ha ja tanto tempo que ordenaſte  
Não ouças mais, pois es juyz direito,  
Razões de quem parece que he foſpeito.

Que fe aqui a razão fe não moſtraſſe  
Vencida do temor demafiado,  
Bem fora que aqui Baco os foſtentafſe,  
Pois que de Lufo vem, feu tam priuado:  
Mas eſta tenção fua, agora paſſe,  
Porque em fim vem de eſtamago danado.  
Que nunca tirará alhea enueja,  
O bem que outrem mereçe, & o ceo defeja.

E tu padre de grande fortaleza,  
Da determinaçam que tês tomada,  
Nam tornes por detras pois he fraqueza  
Defiſtir fe da coufa começada.  
Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, & aa feta bem talhada,  
Lhe va moſtrar a terra, onde fe informe  
Da India, & onde a gente fe reforme.

Como ifto diffe o Padre poderofo,  
A cabeça inclinando, conſentio  
No que diffe Mauorte valerofo,  
E Nectar fobre todos eſparzio:  
Pelo caminho Lacteo gloriofo,  
Logo cada hum dos Deofes fe partio.  
Fazendo feus reaes acatamentos,  
Pera os determinados apouſentos.

Em quanto ifto fe paſſa, na fermofa  
Cafa eterea do Olimpo omnipotente  
Cortaua o mar a gente belicoſa:  
Ia la da banda do Auftro, & do Oriente,  
Entre a coſta Ethiopica, & a famoſa  
Ilha de fam Lourenço, & o Sol ardente  
Queimaua entam os Deofes, que Tifeô  
Co temor grande em pexes conuerteô.

Tam brandamente os ventos os leuauão,  
Como quem o ceo tinha por amigo:  
Serenos o ar, & os tempos fe moſtrauão  
Sem nuuês, fem receio de perigo:  
O promontorio praſſo ja paſſauão  
Na coſta de Ethiopia, nome antiquo.  
Quando o mar deſcobrindo lhe moſtraua,  
Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vaſco da gama, o forte Capitão,  
Que a tamanhas empreſas fe offerece,  
De foberbo, & de altiua coraçãõ,  
A quem fortuna ſempre fauorece  
Pera fe aqui deter, não ve razão,  
Que inhabitada a terra lhe parece:  
Por diante paſſar determinaua:  
Mas nam lhe foccedeo como cuydaua.

Eis aparecem logo em companhia,  
Hũs pequenos bateis, que vem daquella  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vella:  
A gente fe aluroça, & de alegria  
Não fabe mais que olhar a caufa della.  
Que gente fera eſta, em fi dezião,  
Que costumes, que ley, que Rei terião?

As embarcações erão, na maneira  
Muy veloces, eſtreitas, & compridas,  
As vellas com que vem erão de eſteira,  
Dũas folhas de Palma bem tecidas:  
A gente da cor era verdadeira,  
Que Phaeton, nas terras acendidas  
Ao mundo deu, de oufado, & não prudente,  
O Pado o fabe, & Lampetufa o fente.

De panos de algodão vinhão veſtidos,  
De varias cores, brancos, & liftrados,  
Hũs trazem derredor de fi cingidos,  
Outros em modo ayrofo fobraçados,  
Das cintas pera cima vem deſpidos:  
Por armas tem adagas, & tarçados.  
Com toucas na cabeça, & nauegando,  
Anafis fonorofos vão tocando.

Cos panos, & cos braços aßenauão,  
Aas gentes Lufitanas, que eſperaffem:  
Mas ja as proas ligeiras, fe inclinauão,  
Pera que junto aas Ilhas amainaffem.  
A gente, & marinheiros trabalhauão,  
Como fe aqui os trabalhos facabaffem:  
Tomão vellas, amainafe a verga alta,  
Da ancora o mar ferido, encima falta.

Não erão ancorados, quando a gente  
Eſtranha, polas cordas ja fubia,  
No geſto ledos vem, & humanamente,  
O Capitão fublime os recebia.  
As meſas manda por em continente,  
Do licor que Lieo prantado auia:  
Enchem vaſos de vidro, & do que deitão,  
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,  
Pela Arabica lingoa, donde vinhão,  
Quem erão, de que terra, que bufcauão,  
Ou que partes do mar corrido tinhão?  
Os fortes Lufitanos lhe tornauão,  
As difcretas repostas que conuinhão.  
Os Portugueſes fomos do Occidente,  
Himos bufcando as terras do Oriente.

Do mar temos corrido, & nauegado  
Toda a parte do Antartico, & Califto,  
Toda a coſta Affricana rodeado,  
Diuerfos Ceos, & Terras temos viſto:  
Dum Rei potente fomos, tam amado,  
Tam querido de todos, & bem quiſto:  
Que nam no largo Mar, com leda fronte:  
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado feu, bufcando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega,  
Por elle o Mar remoto nauegamos,

Que fo dos feos Focas fe nauega:  
Mas ja razão parece que faibamos,  
Se entre vos a verdade não fe nega.  
Quem fois, que terra he eſta que abitais?  
Ou fe tendes da India algũs finais?

Somos, hum dos das Ilhas lhe tornou,  
Eſtrangeiros na terra, Lei, & nação  
Que os proprios, ſam aquelles que criou  
A Natura ſem Lei, & ſem Razão:  
Nos temos a Lei certa que infinou,  
O claro deſcendente de Abrahão:  
Que agora tem do Mundo o fenhorio,  
A mãy Hebreá teue, & o pai Gentio.

Esta Ilha pequena que habitamos,  
He em toda eſta terra certa eſcala,  
De todos os que as Ondas nauegamos,  
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:  
E por ſer neceſſaria, procuramos,  
Como proprios da terra, de habitála.  
E porque tudo em fim vos notifique,  
Chamaſe a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,  
Buſcando o Indo Idafpe, & terra ardente,  
Piloto aqui tereis, por quem fejais  
Guiados pelas ondas ſabiamente.  
Tambem fera bemfeito que tenhais,  
Da terra algum refreſco, & que o Regente  
Que eſta terra gouerna, que vos veja,  
E do mais neceſſario vos prouēja.

Iſto dizendo, o Mouro fe tornou  
A feus bateis com toda a companhia,  
Do Capitão & gente fe apartou,  
Com moſtras de deuida cortefia:  
Niſto Febo nas agoas encerrou,  
Co carro de Chriſtal, o claro dia:  
Dando cargo aa Irmaã, que alumiaſſe,  
O largo Mundo, em quanto repoufaſſe.

A noyte fe paſſou na laſſa frota,  
Com eſtranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terra tão remota,  
Nova de tanto tempo defejada:  
Qualquer então configo cuyda, & nota  
Na gente, & na maneira deſufada.  
E como os que na errada Seita crérão,  
Tanto por todo o mundo fe eſtendérão.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,  
Polas argenteas ondas Neptuninas,  
As Estrellas os Ceos acompanhauão.  
Qual campo reueſtido de boninas,  
Os furioſos ventos repoufauão,  
Polas couas eſcuras peregrinas.  
Porem da armada a gente vigiaua,  
Como por longo tempo coſtumaua.

Mas affy como a Aurora marchetada,  
Os fermofos cabellos eſpalhou,  
No Ceo fereno, abrindo a roxa entrada,  
Ao claro Hiperionio que acordou,  
Começa a embandeirarſe toda a armada,  
E de todos alegres fe adornou:

Por receber com festas, & alegria,  
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia alegremente nauegando,  
A ver as naos ligeiras Lufitanas,  
Com refresco da terra, em fi cuidando,  
Que fam aquellas gentes inhumanas:  
Que os apoufentos Cafpios habitando,  
A conquista as terras Afianas  
Vierão: & por ordem do deſtino,  
O Imperio tomarão a Coſtantino.

Recebe o Capitão alegremente,  
O Mouro, & toda fua companhia,  
Dalhe de ricas peças hum prefente,  
Que fo pera eſte effeito ja trazia:  
Dalhe conferua doce, & dalhe o ardente  
Não vfado licor que dá alegria.  
Tudo o Mouro contente bem recebe,  
E muito mais contente come, & bebe.

Eftà a gente maritima de Lufo,  
Subida pela exarcia, de admirada,  
Notando o estrangeiro modo, & vfo,  
E a lingoagem tam barbara & enleada.  
Tambem o Mouro astuto eftà confufo,  
Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.  
E perguntando tudo lhe dizia,  
Se porventura vinhão de Turquia.

E mais lhe diz tambem, que ver defeja  
Os liuros de fua ley, preceito, ou fé,  
Pera ver fe conforme à fua feja,  
Ou fe fam dos de Christo, como crê:  
E porque tudo note, & tudo veja,  
Ao Capitão pedia, que lhe dé,  
Mostra das fortes armas de que vfauão,  
Quando cos inimigos pelejauão.

Responde o valerofo Capitão,  
Por hum que a lingua eſcura bem ſabia:  
Darte ey Senhor illuftre relação  
De my, da ley, das armas que trazia:  
Nem fou da terra, nem da geraçam,  
Das gentes enojofas de Turquia:  
Mas fou da forte Europa belicofa,  
Bufco as terras da India tam famofa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio  
Obedece o vifibil, & inuifibil,  
Aquelle que criou todo o Emispherio,  
Tudo o que fente, & todo o infenfibil  
Que padeceo deſhonra, & vituperio,  
Sofrendo morte injuſta, & infufribil:  
E que do ceo aa terra em fim deceo,  
Por fubir os mortais da terra ao ceo.

Deste Deos homem, alto, & infinito,  
Os Liuros que tu pedes, nam trazia,  
Que bem poſſo eſcufar trazer eſcripto  
Em papel, o que na alma andar deuia.  
Se as armas queres ver, como tẽs dito,  
Comprido effe defejo te feria:  
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Iſto dizendo, manda os diligentes

Minifros, amoftrar as armaduras,  
Vem arnefes, & peitos reluzentes,  
Malhas finas, & laminas seguras,  
Efcudos de pinturas differentes,  
Pilouros, efpingardas de aço puras,  
Arcos, & fagittiferas aljauas,  
Partafanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente  
As panellas fulfureas, tam danofas,  
Porem aos de Vulcano nam confente  
Que dem fogo aas bombardas temerofas:  
Porque o generofo animo, & valente,  
Entre gentes tam poucas, & medrofas,  
Não mostra quanto pode, & com razão,  
Que he fraqueza entre ouelhas fer lião.

Porem difto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que vio, com olho atento,  
Hum odio certo na alma lhe ficou,  
Hũa vontade mà de penfamento.  
Nas moflras, & no gesto o não moftrou:  
Mas com rifonho, & ledto fingimento,  
Tratalos brandamente determina,  
Ate que mofttrar poffa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por quem podeffe aa India fer leuado,  
Dizlhe, que o largo premio leuarão,  
Do trabalho que niffo for tomado.  
Prometelhos o Mouro, com tenção  
De peito venenofa, & tão danado:  
Que a morte fe podeffe neste dia,  
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mà vontade,  
Que aos efrangeiros fupito tomou,  
Sabendo fer fequaces da verdade,  
Que o filho de Daud nos enfinou,  
Os segredos daquela Eternidade  
A quem juyzo algum não alcançou.  
Que nunca falte hum perfido inimigo,  
A aqueles de quem fofte tanto amigo?

Partiofe nisto em fim co a companhia,  
Das naos o falfo Mouro despedido,  
Com enganofa & grande cortefia,  
Com gesto ledto a todos, & fingido:  
cortarão os bateis a curta via  
Das agoas de Neptuno, & recebido  
Na terra do obfequente ajuntamento,  
Se foy o Mouro ao cognito apoufento:

Do claro affento Etereo, o grão Tebano,  
Que da paternal coxa foy nafcido  
Olhando o ajuntamento Lufitano,  
Ao Mouro fer molefto, & auorrecido:  
No penfamento cuyda hum falfo engano  
Com que feja de todo deftruydo.  
E em quanto ifto fo na alma imaginava  
Configo eftas palauras praticaava.

Eftà do fado ja determinado,  
Que tamanhas victorias tam famofas,  
Ajão os Portuguefes alcançado,  
Das Indianas gentes belicofas.

E eu fo filho do Padre fublímado,  
Com tantas qualidades generofas:  
Ey de fofrer que o Fado fauoreça  
Outrem, por quem meu nome fe efcureça?

Ia quiferam os Deofes que tiueffe,  
O filho de Filipo nefta parte,  
Tanto poder, que tudo fometeffe  
Debaixo do feu jugo, o fero Marte:  
Mas affe de foffrer que o Fado deffe,  
A tam poucos tamanho esforço, & arte  
Queu co gram Macedonio, & Romano,  
Demos lugar ao nome Lufitan?

Não fera affy, porque antes que chegado  
Seja efte Capitão, astutamente  
Lhe fera tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente:  
Eu decerey aa terra, & o indignado  
Peito, reuoluerey da Maura gente,  
Porque fempre por via yra direita,  
Quem do oportuno tempo fe aproueita.

Ifto dizendo yrado, & quafi infano,  
Sobre a terra Affricana defcendeo,  
Onde vestindo a forma & gefto humano,  
Pera o Praffo fabido fe moueo.  
E por melhor tecer o aftuto engano,  
No gefto natural fe conuerteo,  
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
Velho, fabio, & co Xeque muy valido.

E entrando affy a falarlhe, a tempo & horas,  
A fua falfidade acomodadas,  
Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
Eftas que ora de nouo fam chegadas:  
Que das nações na cofta moradoras,  
Correndo a fama veio, que roubadas,  
Forão por estes homens que paffauão,  
Que com pactos de paz fempre ancorauão.

E fabe mais, lhe diz, como entendido  
Tenho destes Christãos fanguinolentos,  
Que quafi todo o mar tem destruido,  
Com roubos, com incendios violentos:  
E trazem ja de longe engano vrdido,  
Contra nos, & que todos feus intentos  
Sam pera nos matarem, & roubarem,  
E molheres & filhos captiuarem.

E tambem fey que tem determinado,  
De vir por agoa a terra muito cedo,  
O Capitão dos feus acomponhado,  
Que da tençam danada nafce o medo:  
Tu deues de yr tambem cos teus armado  
Efperallo em cilada, occulto & quedo:  
Por que faindo a gente defcuydada,  
Cairão facilmente na cilada.

E fe inda não ficarem deste geito,  
Destruydos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito,  
Outra manha & ardil que te contente:  
Mandalhe dar Piloto, que de geito  
Seja aftuto no engano, & tam prudente,  
Que os leue aonde fejão deftruydos,

Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palavras acabou,  
O Mauro nos tais cafos, fabio & velho  
Os braços pelo collo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal confelho:  
E logo neffe instante concertou,  
Pera a guerra o beligerero aparelho:  
Pera que ao Portugues fe lhe tornaffe,  
Em roxo fangue a agoa que bufcasse.

E bufca mais pera o cuydado engano,  
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,  
Sagaz, aftuto, & fabio em todo o dano  
De quem fiar fe poffa hum feito grande,  
Dizlhe que acompanhando o Lufitano,  
Por tais coftas, & mares co elle ande:  
Que fe daqui escapar, que la diante  
Va cair onde nunca fe aleuante.

Ia o rayo Apolina vifitaua,  
Os Montes Nabatheos acendido,  
Quando Gama cos feus determinaua,  
De vir por agoa a terra apercebido:  
A gente nos bateis fe concertaua,  
Como fe foffe o engano ja sabido:  
Mas pode fofpeitarfe facilmente,  
Que o coração prefago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,  
De antes pelo Piloto neceffario:  
E foilhe refpondido em fom de guerra,  
Cafo do que cuydaua muy contrario:  
Por ifto, & porque fabe quanto erra,  
Quem fe cre de feu perfido aduerfario,  
Apercebido vay como podia,  
Em tres bateis fomite que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
Por lhe defender a agoa defejada,  
Hum de efculo embarcado, & de azagaya,  
Outro de arco encuruado, & feta eruada:  
Efperão que a guerreira gente faya,  
Outros muytos ja poftos em cillada.  
E porque o cafo leue fe lhe faça,  
Poem hüs poucos diante por negaça.

Andão pela ribeira alua arenofa,  
Os belicofos Mouros acenando,  
Com a adarga, & co a aftea perigofa,  
Os fortes Portugueses incitando:  
Nam foffre muito a gente generofa,  
Andarlhe os cães os dentes amoftrando.  
Qualquer em terra falta, tam ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro fanguino, o ledo amante,  
Vendo a fermofa dama defejada,  
O Touro bufca, & pondo fe diante,  
Salta, corre, fibila, acena, & brada:  
Mas o animal atroçe neffe instante,  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
Derriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo fe leuanta,  
Na furiofa & dura artilheria,

A plumbea pela mata, o brado espanta:  
Ferido o ar retumba, & affouia:  
O coração dos Mouros fe quebranta,  
O temor grande o fangue lhe resfria.  
Ia fogue o efcondido de medrofo,  
E morre o defcuberto auenturofo.

Não fe contenta a gente Portuguefa:  
Mas feguindo a victoria eftrue, & mata  
A pouoação fem muro, & fem defefa,  
Esbombardea, acende, & desbarata.  
Da caualgada ao Mouro ja lhe pefa,  
Que bem cuidou comprala mais barata:  
Ia blasfema da guerra, & maldizia,  
O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a feta o Mouro vay tirando,  
Sem força, de couarde, & de apreffado,  
A pedra, o pao, & o canto arremeffando,  
Dalhe armas o furor defatinado:  
Ia a Ilha, & todo o mais, defemparando,  
Aa terra firme foge amedrontado.  
Paffa, & corta do mar o eftreito braço,  
Que a Ilha em torno cerca, em pouco efpaço.

Hüs vão nas almádias carregadas,  
Hum corta o mar a nado diligente,  
Quem fe affoga nas ondas encuruadas,  
Quem bebe o mar, & o deita juntamente:  
Arrombão as meudas bombardadas  
Os Pangaios fotis da bruta gente.  
Desta arte o Portugues em fim caftiga,  
A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão victoriosos pera a armada,  
Co defpojo da guerra, & rica prefa,  
E vão a feu prazer fazer agoada,  
Sem achar refiftencia, nem defefa  
Ficaua a Maura gente magoada,  
No odio antigo, mais que nunca acefa.  
E vendo fem vingança tanto dano,  
Somente estriba no fegundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
O Regedor daquella inica terra,  
Sem fer dos Lufitanos entendido,  
Que em figura de paz lhe manda guerra:  
Porque o Piloto falfo prometido,  
Que toda a mà tenção no peito encerra.  
Pera os guiar aa morte lhe mandaua,  
Como em final das pazes que trataua.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,  
Tornar a feu caminho acoftumado,  
Que tempo concertado, & ventos tinha,  
Pera yr bufcar o Indo defejado.  
Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
Foy delle alegremente agafalhado:  
E refpondendo ao menfageiro, a tento  
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Desta arte defpedida a forte armada,  
As ondas de Anfitrite diuidia,  
Das filhas de Nerêo acompanhada,  
Fiel, alegre, & doce companhia.  
O Capitão, que não cahia em nada,

Do enganoso ardil que o Mouro vrdia:  
Delle muy largamente fe informaua,  
Da India toda, & coftas que paffaua:

Mas o Mouro infruido nos enganoso,  
Que o maléuolo Baco lhe enfinára  
De morte, ou captiueiro novos danos,  
Antes que aa India chegue lhe prepara,  
Dando razão dos portos Indianos,  
Tambem tudo o que pede lhe declara.  
Que auendo por verdade o que dizia,  
De nada a forte gente fe temia.

E diz lhe mais co falfo penfamento,  
Com que Synon os Phrigios enganou,  
Que perto eftà hũa Ilha, cujo affento,  
Pouo antigo Chriftão fempre abitou:  
O Capitão que a tudo eftaua a tento,  
Tanto co estas nouas fe alegrou,  
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
Que o leue aa terra onde efta gente eftaua.

Ho mesmo o falfo Mouro determina,  
Que o feguro Chriftão lhe manda & pede,  
Que a Ilha he poffuida da malina  
Gente, que fegue o torpe Mahamede:  
Aqui o engano & morte lhe imagina,  
Porque em poder & forças muito excede  
Aa Moçambique, efta Ilha que fe chama  
Quíloa, muy conhecida pola fama.

Pera là fe inclinaua a leda frota:  
Mas a Deofa em Cythere celebrada,  
Vendo como deixaua a certa rota,  
Por yr bufcar a morte não cuidada,  
Não consente que em terra tão remota  
Se perca a gente della tanto amada.  
E com ventos contrarios a defuia,  
Donde o Piloto falfo a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,  
Tal determinação leuar auante,  
Outra maldade inica cometendo,  
Ainda em feu propofito constante,  
Lhe diz, que pois as agoas difcorrendo,  
Os leuàrão por força por diante,  
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
Erão Chriftãos com Mouros juntamente.

Tambem nestas palauras lhe mentia,  
Como por regimento em fim leuaua,  
Que aqui gente de Chrifto não auia:  
Mas a que a Mahamede celeebraua.  
O Capitão que em tudo o mouro cria,  
Virando as vellas, a Ilha demandaua:  
Mas nam querendo a Deofa guardadora,  
Nam entra pela barra, & furge fora.

Eftaua a Ilha aa terra tam chegada,  
Que hum eftreito pequeno a diuidia,  
Hũa cidade nella fituada,  
Que na frente do mar aparecia,  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fora, ao longe defcobria,  
Regida por hum Rei de antigua idade,  
Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

E fendo a ella o Capitão chegado,  
Eftranhamente ledó, porque efpera  
De poder ver o pouo baptizado,  
Como o falfo Piloto lhe differa:  
Eis vem bateis da terra com recado  
Do Rei, que ja fabia a gente que era,  
Que Baco muito de antes o auifara,  
Na forma doutro Mouro que tomàra.

O recado que trazem he de amigos:  
Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
Que os penfamentos erão de inimigos,  
Segundo foy o engano defcuberto.  
O grandes & grauifsimo perigos,  
O caminho de vida nunca certo:  
Que aonde a gente poem fua efperança,  
Tenha a vida tam pouca fegurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida,  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necefsidade auorrecida:  
Onde pode acolherfe hum fraco humano,  
Onde terà fegura a curta vida?  
Que não fe arme, & fe indigne o Ceo fereno.  
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

#### • Canto Segundo.

Ia nefte tempo o  
lucido Planeta,  
Que as horas vay do dia diftin-  
guindo,  
Chegaua aa defejada, & lenta Meta,  
A luz Celefte aas gentes encobrimdo:  
E da cafa maritima fecreta,  
Lhe eftaua o Deos Nocturno a porta abrído:  
Quando as infidas gentes fe chegarão  
Aas naos, que pouco auia que ancorarão

Dantre elles hum que traz encomendado,  
O mortifero engano, afsi dezia.  
Capitão valerofo, que cortado  
Tens de Neptuno o reyno, & falfa via,  
O Rei que manda efte Ilha, aluoraçado  
Da vinda tua tem tanta alegria,  
Que nam defeja mais que agafalharte,  
Verte, & do neceffario reformarte.

E porque eftà em eftremo defejofo  
De te ver, como coufa nomeada,  
Te roga que de nada receofo,  
Entres a barra, tu com toda armada:  
E porque do caminho trabalhofo,  
Traras a gente debil, & canfada,  
Diz que na terra podes reformala,  
Que a natureza obriga a defejada,

E fe bufcando vas mercadoria,  
Que produze o aurifero Leuante,  
Canella, Crauo, ardente efpeciaria,  
Ou Droga falutifera, & preftante:  
Ou fe queres luzente pedraria,

O Rubí fino, o rigido Diamante:  
Daqui leuaras tudo tam fobejo.  
Com que façás o fim a teu defejo:

Ao menfageiro o Capitão refponde,  
As palauras do Rei agradecendo,  
E diz que porque o Sol no mar fe efconde,  
Não entra pera dentro obedecendo,  
Porem que como a luz mostrar por onde  
Va fem perigo, a frota não temendo,  
Comprirà fem receio feu mandado,  
Que a mais por tal fenhor eftà obrigado.

Perguntalhe defpois, fe eftão na terra  
Chriftãos, como o Piloto lhe dezia,  
O menfageiro aftuto que não erra,  
Lhe diz, que a mais da gête em Chrifto cria:  
Defta forte do peito lhe desterra  
Toda a fofpeita, & cauta fantafia:  
Por onde o Capitão feguramente,  
Se fia da infiel, & falfa gente.

E de algũs que trazia condenados,  
Por culpas, & por feitos vergonhofos  
Porque podeffem fer auenturados,  
Em cafos defta forte duuidofos.  
Manda dous mais fagazes, enfaiados,  
Porque notem dos Mouros enganofos,  
A Cidade, & poder, & porque vejão,  
Os que Chriftãos, que fo tanto ver defejão.

E por eftes ao Rei presentes manda,  
Porque a boa vontade que moftroua,  
Tenha firme, fegura, limpa, & branda,  
A qual bem ao contrario em tudo eftaua.  
Ia a companhia perfida, enefanda  
Das naos fe defpedia, & o mar cortaua,  
Foram com gestos ledos, & fingidos,  
Os dous da frota em terra recebidos.

E defpois que ao Rei aprefentãrão,  
Co recado os presentes que trazião,  
A Cidade correrão, & notarão  
Muito menos daquillo que querião,  
Que os Mouros cautelofos fe guardarão  
De lhe moftremem tudo o que pedião.  
Que onde reina a malicia, eftà o receio  
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle que fempre a mocidade  
Tem no rofto perpetua, & foy nafcido  
De duas mãis: que vrdia a falfidade,  
Por ver o nauegante deftruydo:  
Eftaua nũa cafa da Cidade,  
Com rofto humano, & habito fingido  
Mostrandofe Chriftão, & fabricaua  
Hum altar fumptuofo que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada  
Do alto & Sancto fpirito a pintura,  
A candida Pombinha debuxada,  
Sobre a vnica Fenix virgem pura,  
A companhia fancta eftà pintada,  
Dos doze tam toruados na figura,  
Como os que, fo das lingoas que cayrão,  
De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
Onde com este engano Baco estaua  
Poem em terra os gíolhos, & os fentidos  
Naquelle Deos, que o mundo governaua  
Os cheiros excellentes produzidos,  
Na Panchaia odorifera queimaua  
O Thioneû, & afsi por derradeiro  
O falfo Deos adora o verdadeiro.

Aqui forão denoite agafalhados,  
Com todo o bom, & honefto tratamento  
Os dous Chriftãos, nam vendo que enganado  
Os tinha o falfo, & fancto fingimento:  
Mas afsi como os rayos espalhados  
Do Sol forão no mundo, & num momento  
Apareceo no rubido Horizonte,  
Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornão da terra os Mouros co recado  
Do Rei, pera que entrassem, & configo  
Os dous que o Capitão tinha mandado,  
A quem fe o Rei mostrou sincêro amigo:  
E fendo o Portugues certificado,  
De não auer receio de perigo.  
E que gente de Chrifto em terra auia,  
Dentro no falforio entrar queria

Dizem lhe os que mandou, que em terra vîrão,  
Sacras aras, & facerdote fancto,  
Que ali fe agafalhãrão, & dormirão,  
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:  
E que no Rei, & gentes não fentirão  
Senão contentamento, & gosto tanto:  
Que não podia certo auer fofpeita,  
Nũa mostra tão clara, & tão perfeita.

Co ifto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros que fubião,  
Que leuemente hum animo fe fia,  
De mostras que tão certas parecião:  
A nao da gente perfida fe enchia,  
Deixando a bordo os barcos que trazião:  
Alegres vinhão todos, porque crem  
Que a prefa defejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,  
Armas, & monições, que como viffem  
Que no Rio os nauios ancorauão,  
Nelles oufadamente fe fubiffem:  
E nesta treição determinauão,  
Que os de Lufo de todo destruiífem:  
E que incautos pagaffem deste geito  
O mal que em Moçambique tinhão feito.

As ancoras tenaces vão leuando,  
Com a nautica grita costumada,  
Da proa as vellas fos ao vento dando,  
Inclinão pera a barra abalifada:  
Mas a linda Ericina, que guardando  
Andaua fempre a gente afsinalada:  
Vendo a cilada grande, & tam secreta,  
Voa do Ceo ao Mar como hũa feta.

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,  
Com toda a mais cerulea companhia,  
Que porque no falgado Mar nafceo,

Das agoas o poder lhe obedecia.  
E propondo lhe a caufa a que deceo,  
Com todos juntamente fe partia:  
Pera eftoruar que a armada não chegaffe  
Aonde pera fempres fe acabaffe.

Ia na agoa erguendo vão com grande preffa,  
Com as argenteas caudas branca efcura,  
Cloto co peito corta, & atraueffa  
Com mais furor o Mar do que coftuma.  
Salta Nife, Nerine fe arremeffa,  
Por cima da agoa crefpa, em força fuma:  
Abrem caminho as ondas encuruadas,  
De temor das Nereidas apreffadas.

Nos hombros de hum Tritão com gefto acefo,  
Vay a linda Dione furiofa,  
Não fente quem a leua o doce pefo,  
De foberbo, com carga tam fermofa:  
Ia chegão perto donde o vento tefo,  
Enche as vellas da frota belicofa.  
Repartenfe, & rodeão nefte instante  
As naos ligeiras que hião por diante.

Poem fe a Deofa com outras em dereito  
Da proa capitaina, & ali fechando,  
O caminho da barra estão de geito,  
Que em vão affopra o vento, a vella inchado:  
Poem no madeiro duro o brando peito,  
Pera detras a forte nao forçando.  
Outras em derredor leuandoa eftauão,  
E da barra inimiga a defuiuão.

Quaes pera a coua as pròuidas formigas,  
Leuando o pefogrande acomodado,  
As forças exercitão, de inimigas,  
Do inimigo Inuerno congelado:  
Ali fam feus trabalhos, & fadigas,  
Ali mostram vigor nunca efperado.  
Tais andauão as Nimphas eftoruando  
Aa gente Portuguefa o fim nefando.

Torna pera detras a Nao forçada,  
A pefar dos que leua, que gritando,  
Mareão vellas, ferue a gente yrada,  
O leme a hum bordo, & a outro atraueffando  
O Mefre aftuto em vão da popa brada,  
Vendo como diante ameaçando  
Os estaua hum maritimo penedo,  
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

A celeuma medonha fe aleuanta,  
No rudo Marinheiro que trabalha,  
O grande eftrondo, a Maura gente efpanta,  
Como fe viffem horrida batalha:  
Nam fabem a razão de furia tanta,  
Nam fabem nefte preffa quem lhe valha,  
Cuydão que feus enganofam fabidos,  
E que ande fer por iffo aqui punidos.

Eilos fubitamente fe lançauão,  
A feus bateis veloces que trazião,  
Outros encima o mar aleuantauão,  
Saltando nagoa a nado fe acolhião:  
De hum bordo & doutro fubito faltauão,  
Que o medo os compelia do que vião.

Que antes querem ao mar aventurarfe,  
Que nas mãos inimigas entregarfe.

Afsi como em feluatica alagoa,  
As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
Se fentem por ventura vir peffoa,  
Estando fora da agoa incautamente,  
Daqui, & dali faltando, o charco foa,  
Por fogir do perigo que fe fente,  
E acolhendo fe ao couto que conhecem,  
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Afsi fogem os Mouros, & o Piloto,  
Que ao perigo grande as naos guiâra,  
Crendo que feu engano eftaua noto,  
Tambem foge faltando na agoa amara:  
Mas por nam darem no penedo immoto,  
Onde percão a vida doce, & cara:  
A ancora folta logo a capitaina,  
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a eftranheza  
Dos Mouros não cuidada, & juntamente,  
O Piloto fugir lhe com prefteza,  
Entende o que ordenaua a bruta gente,  
E vendo fem contraste, & fem braueza  
Dos ventos, ou das, agoas fem corrente,  
Que a Nao paffar auante não podia,  
Auendo o por milagre afsi dezia.

O cafo grande, eftranho, & não cuydado,  
O milagre clarifsimmo, & euidente,  
O defcuberto engano inopinado,  
O perfida inimiga, & falfa gente,  
Quem poderà do mal aparelhado  
Liurarfe fem perigo fabiamente.  
Se la de cima a guarda foberana,  
Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos moftra a diuina prouidencia,  
Destes portos, a pouca fegurança,  
Bem claro temos vifto na apparencia,  
Que era enganada a noffa confiança  
Mas pois faber humano, nem prudencia  
Enganos tam fingidos nam alcança:  
O tu guarda diuina, tem cuidado  
De quem fem ti nam pode fer guardado.

E fe te moue tanto a piedade,  
Defta mifera gente peregrina,  
Que fo por tua altifsimma bondade,  
Da gente a faluas, perfida & malina,  
Nalgum porto feguro de verdade:  
Conduzirmos ja agora determina,  
Ou nos amostra a terra que bufcamos,  
Pois fo por teu feruiço nauegamos.

Ouuiolhe eftas palauras piadofas,  
A fermofa Dione, & comouida,  
Dantre as Nimphas fe vay, que faudofas  
Ficarão defta fubita partida:  
Ia penetra as Eftrellas luminofas,  
Ia na terceyra Efpheira recebida  
Auante paffa, & la no fexto Ceo  
Pera onde eftaua o Padre fe moueo.

E como hia afrontada do caminho

Tão fermosa no gesto se mostrava,  
Queas Estrelas, & o Ceo, & o Ar vizinho,  
E tudo quanto a via namorava  
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho  
Huns espiritos vivos inspirava,  
Com que os Polos gelados acendia,  
E tornava do Fogo a esfera fria.

E por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foi sempre amada, & cara  
Se lhe apresenta assim como ao Troyano,  
Na sua Idea já se apresentara:  
Se a vira o caçador, que o vulto humano  
Perdeu, vendo Diana na agoa clara:  
Nunca os famintos galgos o matarão,  
Que primeiro desejos o acabarão.

Os crespos fios d'ouro se esparziam  
Pelo colo, que a neve encurecia,  
Andando as lacteas tetas lhe tremiam,  
Com quem Amor brincava, & não se via.  
Da alva petrina flamas lhe faíam,  
Onde o menino as almas acendia.  
Polas línguas colunas lhe trepavam,  
Desejos, que como Era se enrolavam.

Cum delgado cendal as partes cobre,  
De quem vergonha he natural reparo,  
Porém nem tudo esconde, nem descobre  
O veio dos roxos lírios pouco auaro:  
Mas para que o desejo acenda, & dobre,  
Lhe põem diante aquelle objecto raro.  
Ia se fentem no Ceo, por toda a parte,  
Ciúmes em Vulcano, Amor em Marte:

E mostrando no angelico semblante,  
Co riso hũa tristeza misturada,  
Como dama que foi do incauto amante,  
Em brincos amorosos mal tratada,  
Que se aqueixa, & se ri, num mesmo instante,  
E se torna entre alegre magada.  
Defta arte a Deusa, a quem nenhuma iguala,  
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,  
Que para as coufas, que eu do peito amasse  
Te achasse brando, affabil, & amoroso,  
Pois que a algum contrario lhe pefallsse:  
Mas pois que contra my te vejo yroso,  
Sem que to merecesses, nem te errasses.  
Fazas como Baco determina,  
Affentares em fim que fuy moftina.

Este pouco que he meu, por quem derramo,  
As lagrimas que em vão caidos vejo,  
Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu desejo:  
Por elle a ti rogando choro, & bramo,  
E contra minha dita em fim pelejo.  
Ora pois porque o amo he mal tratado,  
Quero lhe querer mal, fera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fuy: & nisto de mimosa  
O rosto banha, em lagrimas ardentes,  
Como co orvalho fica a fresca rosa.

Calada hum pouco, como fe entre os dentes  
Lhe impedira a falla piedofa.  
Torna a seguila, & indo por diante,  
Llhe atalha o poderofa, & grão Tonante.

E deftas brandas moftas comouido,  
Que mouerão de hum Tigre o ptito duro,  
Co vulto alegre, qual do Ceo fubido,  
Torna fereno & claro o ar efcuru.  
As lagrimas lhe alimpa, & acendido  
Na face a beija, & abraça o colo puro.  
De modo que dali, fe fo fe achara,  
Outro nouo Cupido fe gerara.

E co feu apertando o rofto amado,  
Que os faluços, & lagrimas aumenta,  
Como minino da ama castigado,  
Que quem no affago o choro lhe acrecenta,  
Por lhe por em foffego o peito yrado,  
Muitos cafos futuros lhe aprefenta.  
Dos fados as entranhas reuoluendo,  
Defta maneira em fim lhe eftà dizendo.

Fermofa filha minha não temais  
Perigo algum, nos voffos Lufitanos,  
Nem que ninguem comigo poffa mais,  
Que effes chorofos olhos foberanos:  
Que eu vos prometo filha que vejais  
Efquecerenfe Gregos & Romanos.  
Pelos illuftres feitos que esta gente,  
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que fe o facundo Vliffes efcapou,  
De fer na Ogigia Ilha, eterno efcauo:  
E fe Antenor os feios penetrou,  
Iliricos, & a fonte de Timauro.  
E fe o piadofo Eneas nauegou,  
De Scila, & de Caribdis o Mar brauo.  
Os voffos môres coufas atentando,  
Nouos mundos ao mundo yrão moftando.

Fortalezas, Cidades, & altos muros,  
Por elles vereis filha edificados:  
Os Turcos belacifsimos & duros,  
Delles fempre vereis desbaratados.  
Os Reis da India liures, & feguros,  
Vereis ao Rei potente fojugados.  
E por elles de tudo em fim fenhores,  
Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis efte, que agora prefurofo,  
Por tantos medos o Indo vay bufcando,  
Tremere delle Neptuno de medrofo,  
Sem vento fuas agoas encrefpando.  
O cafo nunca vifto, & milagrofo  
Que trema, & ferua o Mar em calma eftâdo?  
O gente forte, & de altos penfamentos,  
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,  
Que inda ha de fer hum porto muy decente,  
Em que vão defcanfar da longa via,  
As naos que nauegarem do Occidente.  
Toda efte cofta em fim, que agora vrdia,  
O mortifero engano, obediente,  
Lhe pagarà tributos, conhecendo,

Não poder refistir ao Lufo horrendo:

E vereis o Mar roxo tam famofo,  
Tornar felhe amarello de infiado:  
Vereis de Ormuz o Reino poderofo,  
Duas vezes tomado, & fojugado.  
Ali vereis o Mouro furiofo,  
De fuas mefmas fetas trafpassado.  
Que quem vay contra os voffos, claro veja,  
Que fe refifte, contra fi peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio fortes,  
Que dous cercos terà, dos voffos fendo:  
Ali fe mostrarà feu preço, & forte,  
Feitos de armas grandifsimos fazendo.  
Enuejoso vereis o grão Mauorte,  
Do peito Lufitano, fero & horrendo.  
Do Mouro ali verão que a voz extrema,  
Do falfo Mahamede ao Ceo blasfema.

Goa vereis aos Mouros fer tomada,  
A qual virá defpois a fer fenhora,  
De todo o Oriente, & fublímada  
Cos triumphos da gente vencedora.  
Ali foberba altiua, & exalçada,  
Ao Gentio que os Idolos adora.  
Duro freo porà, & a toda a terra,  
Que cuidar de fazer aos voffos guerra.

Vereis a fortaleza fultentarfe,  
De Cananor, com pouca força & gente:  
E vereis Calecu desbaratarfe,  
Cidade populofa, & tam potente.  
E vereis em Cochim afsinalarfe,  
Tanto hum peito foberbo, & infolente,  
Que Cítara ja mais cantou victoria,  
Que afsi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, intracto & furiofo,  
Se vio feruer Leucate, quando Augufto  
Nas ciuís Actias guerras animofo,  
O Capitão venceo Romano injufto,  
Que dos pouos de Aurora, & do famofo  
Nilo, & do Bactra Scitico, & robusto,  
A victoria trazia, & prefa rica,  
Prefo da Egipcia linda & não pudica.

Como vereis o mar feruendo acefo,  
Cos incendios dos voffos pelejando,  
Leuando o Idololatra, & o Mouro prefo,  
De nações diferentes triumphando.  
E fogeita a rica Aurea Cherfonefo,  
Ate o longico China nauegando.  
E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
Serlhe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,  
Amoftrarão esforço mais que humano,  
Que nunca fe vera tam forte peito,  
Do Gangetico mar ao Gaditano,  
Nem das Boreais ondas, ao Eftreito,  
Que mostrou o agrauado Lufitano:  
Pofto que em todo o mundo, de affrontados  
Refucitaffem todos os passados.

Como isto diffe, manda o confagrado  
Filho de Maia aa terra, porque tenha,

Hum pacifico porto, & foffegado,  
Pera onde fem receyo a frota venha:  
E pera que em Mombaça, auenturado  
O forte Capitão fe não detenha,  
Lhe mãda mais, que em fonhos lhe moftraffe  
A terra, onde quieto repoufaffe.

Ia pelo ar o Cylenêo voaua,  
Com as afas nos pês aa terra deçe,  
Sua vara fatal na mão leuaua,  
Com que os olhos canfados adormece:  
Com eſta, as triftes almas reuocaua,  
Do Inferno, & o vento lhe obedeçe.  
Na cabeça o galêro coſtumado,  
E deſta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,  
Do Lufitano, o preço grande, & raro,  
Que o nome illuſtre a hũ certo amor obriga,  
E faz a quem o tem, amado & caro.  
Deſta arte vay fazendo a gente amiga,  
Co rumor famofiſſimo, & perclaro.  
Ia Melinde em defejos arde todo,  
De ver da gente forte o geſto, & modo.

Dali pera Mombaça logo parte,  
Aonde as naos eſtauão temerofas,  
Pera que aa gente mando que fe aparte  
Da barra imiga, & terras foſpeitoſas:  
Porque muy pouco val eſforço, & arte,  
Contra infernais vontades enganofas:  
Pouco val coração, aſtucia, & fifo,  
Se la dos Ceos nam vem celeſte auifo.

Meyo caminho a noite tinha andado,  
E as Eſtrelas no Ceo co a luz alheia,  
Tinhão o largo Mundo alumiado,  
E fo co fono a gente fe recreia.  
O Capitão illuſtre, ja canfado,  
De vigiar a noite, que arreceia,  
Breue repoufo antam aos olhos daua,  
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em fonhos lhe aparece,  
Dizendo, fuge, fuge Lufitano,  
Da cilada que o Rei malicado teçe,  
Por te trazer ao fim, & extremo dano,  
Fuge, que o Vento, & o Ceo te fauoreçe,  
Serenos o tempo tês, & o Oceano,  
E outro Rei mais amigo, noutra parte,  
Onde podes ſeguro agafalharte.

Não tens aqui fe não aparelhado,  
O hoſpicio que o cru Diomedes daua,  
Fazendo fer manjar acostumado,  
De cauillos a gente que hoſpedaua:  
As aras do Bufiris infamado,  
Onde os hoſpedes triftes imolaua  
Teràs certas aqui fe muito eſperas,  
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite ao longo da coſta diſcorrendo,  
E outra terra acharàs de mais verdade  
La quafi junto donde o Sol ardendo,  
Iguala o dia, & noite em quantidade:  
Ali tua frota alegre recebendo

Hum Rei, com muitas obras de amizade,  
Gafalhado feguro te daria,  
E pera a India certa & fabia guia.

Isto Mercurio diffe, & o fono leua  
Ao Capitão, que com muy grande efpanto  
Acorda, & ve ferida a efcura treua,  
De hũa fubita luz, & rayo fancto:  
E vendo claro quanto lhe releua,  
Não fe deter na terra iniqua tanto.  
Com nouo fprito ao Mestre feu mandaua,  
Que as vellas deffe ao vento que affopraua.

Day vellas, diffe, day ao largo vento,  
Que o Ceo nos fauoreçe, & Deos o manda,  
Que hum menfageiro vi do claro affento  
Que fo em fauor de noffos paffos ando:  
Aleuantafe nifto o mouimento,  
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,  
Leuão gritando as ancoras acima,  
Moftrando a ruda força, que fe estima.

Nefte tempo, que as ancoras leuauão,  
Na fombra efcura os Mouros efcondidos,  
Manfamente as amarras lhe cortauão,  
Por ferem, dando aa cofta, deftruydos:  
Mas com vifta de Linces vigiauão,  
Os Portuegueses fempore apercebidos.  
Elles como acordados os fentirão,  
Voando, & não remando lhe fogirão.

Mas ja as agudas proas apartando,  
Hião as vias humidas de argento,  
Affopralhe galerno o vento, & brando,  
Com fuaue & feguro mouimento,  
Nos perigos paffados vão falando,  
Que mal fe perderão do penfamento,  
Os cafos grandes, donde em tanto aperto  
A vida em faluo efcapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,  
E noutra começaua, quando virão  
Ao longe dous nauios, brandamente  
Cos ventos nauegando, que refpirão,  
Porque auião de fer da Maura gente,  
Pera elles arribando, as vellas virão.  
Hum de temor do mal que arreceaua,  
Por fe faluar a gente aa costa daua.

Não he o outro que fica tão manhofio:  
Mas nas mãos vay cair do Lufitano,  
Sem o rigor de Marte furiofo,  
E fem a furia horrenda de Vulcano,  
Que como foffe debil & medrofo,  
Da pouca gente o fraco peito humano:  
Não teue refiftencia, & fe a tiuêra,  
Mais dão refiftindo recebêra.

E como o Gama muito defejaffe,  
Piloto pera a India que bufcaua,  
Cuidou que entre eftes Mouros o tomaffe:  
Mas não lhe foccedeo como cuidaua,  
Que nenhum delles ha que lhe infinaffe  
A que parte dos Ceos a India eftaua.  
Porem dezem lhe todos, que tem perto,  
Melinde onde acharão Piloto certo.

Louão do Rei os Mouros a bondade,  
Condiçam liberal, fincero peito,  
Mognificencia grande, & humanidade,  
Com partes de grandifsimo respeito.  
O Capitão o affella por verdade,  
Porque ja lho differa defte geito,  
O Cydenêo em fonhos, & partia,  
Pera onde o fonho, & o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre quando entraua,  
No roubador de Europa a luz Febea,  
Quando hum, & o outro corno lhe aquentaua  
E Flora derramaua o de Amalthea:  
A memoria do dia renouaua,  
O prefurofo Sol, que o Ceo rodea.  
Em que aquelle, a quem tudo eftà fogeito,  
O fello pos a quanto tinha feito.

Quando chegaua a frota aaquella parte,  
Onde o Reino Melinde ja fe via,  
De toldos adornada, & leda de arte  
Que bem moftra eftimar o Sancto dia:  
Treme a Bandeira, voa o Eftandarte,  
A cor porpurea ao longe aparecia.  
Soão os atambores & pandeiros,  
E afsi entrauão ledos & guerreiros.

Enche fe toda a praya Molindana,  
Da gente que vem ver a leda armada,  
Gente mais verdadeira, & mais humana  
Que toda a doutra terra atras deixada.  
Surge diante a frota Lufitana,  
Pega no findo a ancora pefada.  
Mandão fora hum dos Mouros ã tomãrão,  
Por quem fua vinda ao Rei manifetãrão.

O Rei que ja fabia da nobreza  
que tanto os Portuguefes engrandece,  
Tomarem o feu porto tanto preza,  
Quanto a gente fortifsima merece:  
E com verdadeiro animo, & pureza,  
Que os peitos generofos ennobrece.  
Lhe manda rogar muyto que faiffem,  
Pera que de feus Reinos fe feruiffem:

Sam offerecimentos verdadeiros,  
E palauras finceras, não dobradas,  
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,  
Que tanto mar & terras tem paffadas:  
Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
E galinhas domefticas çeuadas,  
Com as fructas que antam na terra auia,  
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitão alegremente  
O menfageiro ledo, & feu recado,  
E logo manda ao Rei outro prefente,  
Que de longe trazia aparelhado:  
Efcarlata purpurea, cor ardente,  
O ramofo coral fino, & prezado.  
Que debaxo das agoas mole creçe,  
E como he fora dellas fe endureçe.

Manda mais hum na pratica elegante,  
Que co Rei nobre as pazes concertaffe,  
E que de não fair naquelle infante,

De fuas naos em terra o defculpaffe.  
Partido afsi o embaixador preftante,  
Como na terra ao Rei fe aprefentaffe:  
Com eftillo que Palas lhe enfinaua,  
Estas palauras tais fallando oraua.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,  
Foy da fuma Iuftiça concedido,  
Refrear o foberbo pouo duro,  
Não menos delle amado, que temido,  
Como porto muy forte, & muy feguro,  
De todo o Oriente conhecido:  
Te vimos a bufcar, pera que achemos  
Em ti o remedio certo que queremos.

Não fomos roubadores, que paffando  
Pelas fracas cidades defcuidadas,  
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando  
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:  
Mas da foberba Europa nauegando,  
Himos bufcando as terras apartadas  
Da India grande, & rica, por mandado  
De hum Rei que temos, alto, & fublimado.

Que geração tam dura ahi de gente?  
Que barbaro costume, & vfança fea,  
Que não vedem os pertos, tam fomente:  
Mas inda o hospicio da deferta area?  
Que ma tençam? que peito em nos fe fente?  
Que de tam pouca gente fe arrecea.  
Que com laços armados tam fingidos,  
Nos ordenaffem vernos deftruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos  
Acharfe mais verdade, o Rei benigno,  
E aquella certa ajuda em ti efperamos,  
Que teue o perdido Itaco em Alcino:  
A teu porto feguros nauegamos,  
Conduzidos do interprete diuino.  
Que pois a ti nos manda, eftà muy claro,  
Que es de peito fincêro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rei, que não faiffe.  
O noffo Capitão efclarecido  
A verte, ou a feruirte, porque viffe  
Ou fofpeitaffe em ti peito fingido:  
Mas faberas que o fez porque compriffe,  
O regimento em tudo obedecido,  
De feu Rei, que lhe manda que nam faia,  
Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.

E porque he de vaffalos, o exercicio,  
Que os membros tem regidos da cabeça  
Não quereras, pois tês de Rei o officio,  
Que ninguem a fêu Rei defobedeça:  
Mas as merçes, & o grande beneficio,  
Que ora acha em ti, promete que conheça  
Em tudo aquillo que elle & os feus poderem,  
Em quanto os rios pera o mar correrem.

Afsi dizia, & todos juntamente,  
Hũs com outros em pratica fallando,  
Louuauão muito o eftamago da gente,  
Que tantos Ceos & mares vai paffando,  
E o Rei illuftre, o peito obediente,  
Dos Portuguefes, na alma imaginando.

Tinha por valor grande, & muy fubido,  
O do Rei que he tam longe obedecido.

E com rifonha vifta, & ledo afpeito,  
Responde ao Embaixador, que tanto estima  
Toda a fofpeita mà tiray do peito,  
Nenhum frio temor em vos fe imprima:  
Que voffo preço, & obras fam de geito,  
Pera vos ter o mundo em muyta eftima.  
E quem vos fez mollesto tratamento,  
Não pode ter fobido penfamento.

De não fair em terra toda a gente,  
Por obferuar a vfado preminencia,  
Ainda que me pefe eftranhamente,  
Em muito tenho a muita obediencia:  
Mas fe lho o regimento não confente,  
Nem eu confentirey que a excelencia,  
De peitos tão leais em fi desfaça,  
So perque a meu defejo fatisfaça.

Porem como a luz crastina chegada,  
Ao mundo for, em minhas almàdías,  
Eu irey visitar a forte armada,  
Que ver tanto defejo, ha tantos dias.  
E fe vier do mar desbaratada,  
Do furiofo vento, & longas vias:  
Aqui tera, de limpos penfamentos  
Piloto, munições, & mantimentos.

Isto diffe, & nas agoas fe efcondia,  
O filho de Latona, & o menfageiro  
Co a embaixada alegre fe partia  
Pera a frota, no feu batel ligeiro:  
Enchem fe os peitos todos de alegria,  
Por terem o remedio verdadeiro,  
Pera acharem a terra que bufcauão,  
E afsi ledos a noite feftejauão.

Não faltão ali os rayos de arteficio,  
Os tremulos Cometas imitando,  
Fazem os Bombardeiros feu officio:  
O ceo, a terra, & as ondas atroando.  
Moftrafe dos Cyclopas o exercicio,  
Nas bombas que de fogo estão queimando,  
Outros com vozes, com que o Ceo ferião.  
Infrumentos altiffonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,  
Co rayo volteando, com zonido,  
Anda em giros no ar a roda ardente,  
Estoura o po fulfureo efcondido:  
A grita fe aleuanta ao Ceo, da gente,  
O Mar fe via em fogos acendido:  
E não menos a terra, & afsi fefteja  
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,  
As gentes incitaua a feu trabalho,  
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,  
Ao fono longo punha certo atalho:  
Hião fe as fombras lentas desfazendo,  
Sobre as flores da terra, em frio orualho,  
Quando o Rei Milindano fe embarcaua  
A ver a frota que no mar estaua.

Vião fe em derredor feruer as prayas

Da gente, que a ver fo concorre leda,  
Luzem da fina purpura as cabaias,  
Lustrão os panos da tecida feda:  
Em lugar de guerreiras a zagaias  
E do arco, que os cornos arremeda  
Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,  
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado  
Venha de fedas de diuerfas cores,  
Traz o Rei de Melinde, acompanhado  
De nobres de feu Reino, & de fenhores:  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes, & primores.  
Na cabeça hũa fota guarnecida,  
De ouro, & de feda, & de algodão tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,  
Da Tiria cor, entre elles eftimada,  
Hum colar ao pescoço de ouro fino,  
Onde a materia da obra he superada,  
Cum resplendor reluze Adamantino,  
Na cinta, a rica adaga bem laurada.  
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
Cobrem, ouro & aljófar ao veludo.

Com hum redondo emparo alto de feda,  
Nũa alta & dourada astea enxerido,  
Hum minifiro aa solar quentura veda,  
Que não offenda & queime o Rei fubido:  
Mufica traz na proa, eſtranha & leda,  
De áspero fom, horrifíſimo ao ouuido:  
De trombetas arcadas em redondo,  
Que fem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lufitano,  
Nos seus bateis da frota fe partia,  
A receber no mar o Melindano,  
Com luftrofa & honrada companhia:  
Vestido o Gama vem ao modo Hispano:  
Mas Franceſa era a roupa que vestia,  
De cetim da Adriatica Veneza,  
Carmefi, cor que a gente tanto preza.

De botões douro as mangas vem tomadas,  
Onde o Sol reluzindo a viſta cega:  
As calças foldadefcas recamadas,  
Do metal que Fortuna a tantos nega,  
E com pontas do meſmo delicadas,  
Os golpes do gibão ajunta, & achega:  
Ao Italico modo a aurea eſpada,  
Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

Nos de ſua companhia fe moſtraua,  
Da tinta que dà o Mûrice excelente,  
A varia cor, que os olhos alegrava,  
E a maneira do trajo diferente:  
Tal o fermofo eſmalte fe notava,  
Dos vestidos olhados juntamente:  
Qual aparece o arco rutilante,  
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorofas trombetas incitauão,  
Os animos alegres refoando,  
Dos Mouros os bateis o Mar co lhauão,  
Os toldos pelas agoas arrojando:

As bombardas horriffonas bramando,  
Com as nuuês de fumo o Sol tomando,  
Ameudam fe os brados acendidos,  
Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.

Ia no batel entrou do Capitão  
O Rei, que nos feus braços o leuaua,  
Elle coa cortefia, que a razão  
(Por fer Rei) requeria, lhe fallaua.  
Cûas moftras de efpanto, & admiração,  
O Mouro o gesto, & o modo lhe notoua,  
Como quem em muy grande estima tinha,  
Gente que de tam longe à India vinha.

E com grandes palauras lhe offereçe,  
Tudo o que de feus Reinos lhe compriffe,  
E que fe mantimento lhe falleçe,  
Como fe proprio foffe lho pediffe:  
Diz lhe mais, que por fama bem conhece  
A gente Lufitana, fem que a viffe.  
Que ja ouuio dizer, que noutra terra  
Com gente de fua ley tiueffe guerra.

E como por toda Affrica fe foa,  
Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,  
Quando nella ganharão a coroa  
Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:  
E com muitas palauras apregoa,  
O menos que os de Lufo merecerão:  
E o mais que pela fama o Rei fabia:  
Mas defta forte o Gama refpondia.

O tu que fo tiueste piedade,  
Rei benigno, da gente Lufitana,  
Que com tanta miferia, & aduerfidade,  
Doe mares experimenta a furia infana.  
Aquella alta, & diuina eternidade,  
Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:  
Pois que de ti tais obras reçebemos,  
Te pague o que nos outros não pedemos.

Tu fo de todos quantos queima Apolo,  
Nos recibes em paz do Mar profundo  
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,  
Refugio achamos bom, fido, & jocundo.  
Em quanto apacentar o largo Polo,  
As Eftrellas, & o Sol der lume ao Mundo,  
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria,  
Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,  
Pera a frota, que o Mouro ver defeja,,  
Vão as naos, hũa & hũa rodeando,  
Porque de todas tudo note, & veja:  
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
A frota co as bombardas o festeja,  
E as trombetas canoras lhe tangião,  
Cos anafis os Mouros refpondião.

Mas defpois de fer tudo ja notado,  
Do generofo Mouro, que pafmaua,  
Ouuindo o inftrumento inufitado,  
Que tamanho terror em fi moftraua,  
Mandaua estar quieto, & ancorado,  
Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,  
Por fallar de vagar co forte Gama,

Nas coufas de que tem noticia, & fama.

Em praticas o Mouro diferentes,  
Se deleitaua, perguntando agora,  
Pelas guerras famofas & excelentes,  
Co pouo áuidas, que a Mafoma adora:  
Agora lhe pergunta pelas gentes  
De toda a Hispheria vltima, onde mora:  
Agora pelos pouos feus vezinhos,  
Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valerofo Capitão,  
Nos conta, lhe dezia, diligente,  
Da terra tua o clima, & região  
Do Mundo onde morais diftintamente,  
E afsi de voffa antiga geração,  
E o principio do Reino tam potente:  
Cos fucceffos das guerras do começo,  
Que fem fabellas, fey que fam de preço.

E afsi tambem nos conta dos rodeios  
Longos, em que te traz o Mar yrado,  
Vendo os coftumes barbaros alheios,  
Que a noffa Affrica ruda tem criado  
Conta: que agora vem cos aureos freios,  
Os cauallos que o carro marchetado,  
Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,  
O Vento dorme, o Mar & as ondas jazem.

E não menos co tempo fe parece,  
O defejo de ouirte o que contares,  
Que quem ha, que por fama não conheçe  
As obras Portuguefas fingulares:  
Não tanto defuiado reflandeçe,  
De nos o claro Sol, pera julgares.  
Que os Melindanos tem tam rudo peito,  
Que não eftimem muito hum grande feito.

Cometerão foberbos os Gigantes,  
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,  
Tentou Peritho, & Thefeu, de ignorantes,  
O Reino de Plutão horrendo & efcurro,  
Se ouue feitos no mundo tam poffantes,  
Não menos he trabalho illuftre, & duro,  
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,  
Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o fagrado templo de Diana,  
Do futil Tefifonio fabricado,  
Horoftrato, por fer da gente humana  
Conhecido no mundo, & nomeado:  
Se tambem com tais obras nos engana,  
O defejo de hum nome auentajado.  
Mais razão ha que queira eterna gloria  
Quem faz obras tam dignas de memoria.  
Fim.

• Canto Terceiro.

Agora tu Caliope  
me enfina,  
O que contou ao Rei, o illustre  
Gama:  
Infpira immortal canto, & voz diuina,  
Nefte peito mortal, que tanto te ama.

Afsi o claro inuentor da Medicina,  
De quem Orpheo parifte, o linda Dama:  
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothôe  
Te negue o Amor diuido, como foe.

Poem tu Nimfa em effeito meu defejo,  
Como mereçe a gente Lufitana,  
Que veja & faiba o mundo que do Tejo  
O licor de Aganipe corre & mana,  
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo  
Banharme Apolo na agoa foberana.  
Senão direy, que tês algum receio,  
Que fe efcureça o teu querido Orpheio.

Promptos estauão todos efcuitando,  
O que o fublime Gama contaria  
Quando, despois de hum pouco estar cuidãdo,  
Aleuantando o rofto, afsi dizia:  
Mandas me, o Rei, que conte declarando,  
De minha gente a grão geanalofia:  
Não me manda contar efranha hiftoria:  
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem poffa louuar esforço alheio,  
Coufa he que fe coftuma, & fe defeja:  
Mas louuar os meus proprios, arreceo,  
Que louuor tão fofpeito mal me esteja,  
E pera dizer tudo, temo & creio,  
Que qualquer longo tempo curto feja:  
Mas pois o mandas, tudo fe te deue,  
Irey contra o que deuo, & ferey breue.

Alem diffo, o que a tudo em fim me obriga,  
He não poder mentir no que differ,  
Porque de feitos tais, por mais que diga,  
Mais me ha de ficar inda por dizer:  
Mas perque nisto a ordem leue & figa,  
Segundo o que defejas de faber.  
Primeiro tratarey da larga terra,  
Defpois direy da fanguinofa guerra.

Entre a Zona que o Cancro fenhorea,  
Meta Septentrional do Sol luzente,  
E aquella, que por fria fe arrecea  
Tanto, como a do meyo por ardente,  
Iaz a foberba Europa, a quem rodea,  
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:  
Com fuas falfas ondas o Occeano,  
E pela Auftral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nafcendo,  
Com Afia fe auizinha: mas o Rio  
Que dos montes Rifeios vay correndo,  
Na alagoa Meotis, curuo & frio  
As diuide: & o Mar, que fero & horrendo  
Vio dos Gregos o yrado fenhorio:  
Onde agora de Troia triumphante,  
Não vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,  
Os montes Hyperboreos aparecem,  
E aquelles onde fempre fopra Eolo,  
E co nome do fopros, fe ennobrecem,  
Aqui tam pouca força tem de Apolo,  
Os rayos que no mundo refplandecem.  
Que a neue efcureça o mundo pelos montes,

Gelado o mar, geladas fempres as fontes.

Aqui dos Cytas, grande quantidade  
Viuem, que antigamente grande guerra  
Tiuerão, fobre a humana antiguidade,  
Cos que têmão antão a Egipcia terra:  
Mas quem tão fera estaua da verdade,  
(Ia que o juyzo humano tanto erra:)  
Pera que do mais certo fe informàra,  
Ao campo Damafceno o perguntàra.

Agora nefas partes fe nomea,  
A Lapia fria, a inculta Noruega,  
Efcandinauia Ilha, que fe arrea,  
Das victorias que Italia não lhe nega  
Aqui, em quanto as agoas não refrea,  
O congelado Inuerno, fe nauega.  
Hum braço do Sarmatico Occeoano,  
Pelo Brufio, Suecio, & frio Dano.

Entre este Mar, & o Tanais viue eftranha  
Gente, Ruthenos, Mofcos, & Liuonios,  
Sarmatas outro tempo, & na montanha  
Hircinia, os Marcomanos fam Polonios  
Sugeitos ao Imperio de Alemanha,  
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,  
E outras varias nações, que o Reno frio  
Laua, & o Danubio, Amafis, & Albis Rio.

Entre o remoto Iftro, & o claro eftreito,  
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,  
Estão os Traces de robufto peito,  
Do fero Marte, patria tam querida,  
Onde co Hemo, o Rodope fugeito  
Ao Otomano està, que fometida,  
Bizancio tem a feu feruiço indino,  
Boa injuria do grande Coftantino.

Logo de Macedonia eftão as gentes,  
A quem laua do Axio a agoa fria:  
E vos tamhem, o terras excelentes,  
Nos cofturnes, engenhos, & oufadia,  
Que criastes os peitos eloquentes,  
E os juizos de alta fantafia:  
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,  
E não menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no feio,  
Onde Antenor ja murs leuantou,  
A foberba Veneza eftâ no meio  
Das agoas, que tam baixa começou  
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio  
De esforço, nações varias fogeitou,  
Braço forte, de gente fublimada,  
Não menos nos engenhos que na efpada.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,  
Cos murs naturais, por outra parte,  
Pela meyo o diuide o Apinino,  
Que tam illuftre fez o patrio Marte:  
Mas defpois que o porteiro tem diuino,  
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:  
Pobre eftâ ja de antiga potestade,  
Tanto Deos fe contenta de humildade.

Galia ali fe verà, que nomeada,  
Cos Cefareos Triumfos foy no mundo,

Que do Sequana, & Rôdano he regada,  
E do Garuna frio, & Reno fundo:  
Logo os montes da Nimpha sepultada  
Pyrene fe aleuantão, que fegundo  
Antiguidades contão, quando arderão,  
Rios de ouro, & de prata antão corrèrão.

Eis aqui fe defcobre a nobre Eſpanha,  
Como cabeça ali de Europa toda,  
Em cujo fenhorio & gloria eſtranha,  
Muitas voltas tem dado a fatal roda:  
Mas nunca poderà, com força, ou manha,  
A fortuna inquieta porlhe noda:  
Que lha não tire o eſforço & oufadia,  
Dos belicofos peitos, que em fi cria.

Com Tingitania entefte, & ali parece  
Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
Onde o fabido estreito fe ennobrece,  
Co extremo trabalho do Thebano:  
Com nações diferentes fe engrandece,  
Cercadas com as ondas do Oceano.  
Todas de tal nobreza, & tal valor,  
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

Tem o Tarragones, que fe fez claro,  
Sujeitando Partênope inquieta,  
O Nauarro, as Afturias, que reparo  
Ia forão, contra a gente Mohometa,  
Tem o Galego cauto, & o grande & raro  
Caſtelhano, a quem fez o feu Planeta,  
Restituidor de Eſpanha, & fenhor della,  
Bethis, Lião, Granada, com Caſtella.

Eis aqui quafi cume da cabeça,  
De Europa toda, o Reino Luſitano,  
Onde a Terra fe acaba, & o Mar começa,  
E onde Febo repoufa no Oceano:  
Efte quis o Ceo juſto, que floreça  
Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
Deitando o de fi fora, & la na ardente  
Affrica eſtar quieto o nam confente.

Eſta he a ditofa patria minha amada,  
Aa qual fe o Ceo me da, que eu fem perigo  
Torne, com eſta empreſa ja acabada,  
Acabefe eſta luz ali comigo.  
Eſta foy Luſitania diriuada,  
De Lufo, ou Lyfa: que de Bacho antigo,  
Filhos forão pareçe, ou companheiros,  
E nella antam os Incolas primeiros.

Deſta o Paſtor nafceo, que no feu nome  
Se ve, que de homem forte os feitos teue,  
Cuja fama, ninguem virà que dome,  
Pois a grande de Roma não fe atreue:  
Eſta, o velho que os filhos proprios come,  
Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,  
Veio a fazer no mundo tanta parte,  
Criando a Reino illuſtre, & foi deſta arte.

Hum Rei, por nome Affonſo, foy na Eſpanha,  
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
Que por armas fanguinas, força & manha  
A muitos fez perder a vida, & a terra:  
Voando deſte Rei a fama eſtranha,

Do Herculano Calpe aa Cafpia ferra,  
Muitos, pera na guerra efclarecerfe,  
Vinhão a elle, & aa morte offerecerfe.

E com hum amor intrinfeco acendidos  
Da Fè, mais que das honras populares,  
Erão de varias terras conduzidos,  
Deixando a patria amada, & proprios lares  
Defpois que em feitos altos & fubidos.  
Se moftrarão nas armas fingulares.  
Quis o famofo Affonfo, que obras tais,  
Leuaffem premio digno, & dões agoais.

Deftes Anrique dizem que fegundo,  
Filho de hum Rei de Vngria exprimentado,  
Portugal ouue em forte, que no Mundo  
Entam não era illuftre, nem prezado:  
E pera mais final damor profundo,  
Quis o Rei Caftelhano, que cafado,  
Com Terefa fua filha o Conde foffe,  
E com ella das terras tomou poffe.

Efte de pois que contra os defcendentes,  
Da efcaua Agar, victorias grandes teue,  
Ganhando muitas terras adjacentes,  
Fazendo o que a feu forte peito deue.  
Em premio destes feitos excellentes,  
Deulhe o fupremo Deos, em tempo breue,  
Hum filho, que illuftraffe o nome vfano  
Do belicofo Reino Lufitano.

Ia tinha vindo Anrique da conquista,  
Da cidade Hyerofolima fagrada,  
E do Iordão a area tinha vista,  
Que vio de Deos a carne em fi lauada,  
Que não tendo Gotfredo a quem refifta,  
Depois de ter Iudea fojugada.  
Muitos que nestas guerras o ajudarão,  
Pera feus fenhorios fe tornarão.

Quando chegada ao fim de fua idade,  
O forte & famofo Vngaro estremado,  
Forçado da fatal necefsidade,  
O fpirito deu, a quem lho tinha dado:  
Ficaua o filho em tenra mocidade,  
Em quem o pay deixaua feu traflado:  
Que do Mundo os mais fortes igualaua,  
Que de tal pay tal filho fe efperaua.

Mas o velho rumor, não fey fe errado,  
Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
Conta que a mãy tomando todo o eftado  
Do fegundo Hymeneo, não fe despreza:  
O filho orfão deixaua deferdado,  
Dizendo que nas terras, a grandeza  
Do fenhorio todo, fo fua era,  
Porque pera cafar feu pay lhas dera.

Mas o Principe Affonfo, que defta arte  
Se chamaua, do Auô tomando o nome,  
Vendofe em fuas terras não ter parte,  
Que a mãy com feu marido as mãda & come,  
Feruendo lhe no peito o duro Marte,  
Imagina configo como as tome.  
Reuoluidas as caufas no conceito,  
Ao propofito firme fegue o effeito.

De Guimarães o campo fe tingia,  
Co fangue proprio da intestina guerra,  
Onde a mãy que tam pouco o perecia,  
A feu filho negaua o amor, & a terra,  
Co elle posta em campo ja fe via,  
E não ve a foberba, o muito que erra.  
Contra Deos, contra o maternal amor:  
Mas nella o fenfual era maior.

O Progne crua, o magica Medea,  
Se em voffos propios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
Olhay que inda Terefa peca mais:  
Incontinencia ma, cubiça fea,  
São as caufas deste erro principais.  
Scilla por hũa mata o velho pay,  
Efta por ambas, contra o filho vay.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,  
Do padrasto & da inica mãy leuaua,  
Ia lhe obedece a terra num momento,  
Que primeiro contra elle pelejaua.  
Porem vencido de Ira o entendimento,  
A mãy em ferros afperos ataua:  
Mas de Deos foi vingada em tempo breue,  
Tanta veneração aos pais fe deue.

Eis fe ajunta o foberbo Castelhana,  
Pera vingar a injuria de Tereja,  
Contra o tam raro em gente Lufitano,  
A quem nenhum trabalho agraua, ou pefa:  
Em batalha cruel, o peito humano,  
Ajudado da Angelica defefa.  
Não fo contra tal furia fe fultenta:  
Mas o inimigo afperrimo affugenta.

Não paffa muito tempo, quando o forte  
Principe, em Guimarães efta cercado,  
De infinito poder, que defta forte,  
Foy refazerfe o immigo magoadado:  
Mas com fe offerecer aa dura morte,  
O fiel Egas amo, foy liurado.  
Que de outra arte podêra fer perdido,  
Segundo estaua mal aperçebido.

Mas o leal vaffallo conhecendo,  
Que feu fenhor não tinha refiftencia,  
Se vay ao Caftelhana, prometendo,  
Que elle faria darlhe obediencia.  
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promeffa, & confciencia  
De Egas moniz mas não confente o peito  
Do moço illufre, a outrem fer fogeito.

Chegado tinha o prazo prometido,  
Em que o Rei Castelhana ja agoardaua,  
Que o Principe a feu mando fometido,  
Lhe deffe a obediencia que efperaua.  
Vendo Egas, que ficaua fementido,  
O que delle Caftella não cuydaua,  
Determina de dar a doce vida,  
A troco da palaura mal comprida.

E com feus filhos & molher fe parte,  
A aleuantar co elles a fiança,  
Defcalços, & defpidos, de tal arte,

Que mais moue a piedade que a vingança.  
Se pretendes Rei alto de vingarte,  
De minha temeraria confiança,  
Dizia, eis aqui venho offerecido,  
A te pagar co a vida o prometido.

Ves aqui trago as vidas inocentes,  
Dos filhos fem peccado, & da conforte,  
Se a peitos generofos, & excellentes,  
Dos fracos fatifaz a fera morte.  
Ves aqui as mãos, & a lingoa delinquentes,  
Nellas fos exprimenta, toda forte  
De tormentos, de mortes, pelo eftillo  
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,  
Que ja na vido a morte tem bebido,  
Poem no çepo a garganta: & ja entregado,  
Efpera pelo golpe tam temido:  
Tal diante do Principe indinado,  
Egas eftaua a tudo offerecido:  
Mas o Rei vendo a eftranha lealdade,  
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

O grão fidelidade Portuguefa,  
De vaffallo, que a tanto fe obrigaua,  
Que mais o Perfa fez naquella emprefa,  
Onde rofto & narizes fe cortaua,  
Do que ao grande Dario tanto pefa,  
Que mil vezes dizendo fufpiraua.  
Que mais o feu Zopiro fãõ prezâra,  
Que vinte Babilonias que tomàra

Mas ja o Principe Affonfo aparelhaua,  
O Lufitano exercito ditofo,  
Contra o Mouro que as terras habitaua,  
Dalem do claro Tejo deleitofo:  
Ia no campo de Ourique fe affentaua,  
O arraial foberbo, & belicofo:  
Defronte do inimigo Sarraceno,  
Pofto que em força, & gente tam pequeno.

Em nenhũa outra coufa confiado,  
Senão no fummo Deos, que o Ceo regia,  
Que tam pouco era o pouo bautizado,  
Que pera hum fo cem Mouros aueria.  
Iulga qualquer juyzo foffegado,  
Por mais temeridade que oufadia,  
Cometer hum tamanho ajuntamento,  
Que pera hum caualleiro ouueffe cento.

Cinco Reis Mouros fam os inimigos,  
Dos quaes o principal Ismar fe chama,  
Todos exprimentados nos perigos  
Da guerra, onde fe alcança a illuftre fama:  
Seguem guerreiras Damas seus amigos,  
Imitando a fermofa & forte Dama,  
De quem tanto os Troyanos fe ajudârão,  
E as que o Termodonte ja goftârão.

A matutina luz ferena, & fria,  
As Estrellas do Pollo ja apartaua,  
Quando na Cruz o Filho de Maria,  
Amoftrando fe a Affonfo o animaua:  
Elle adorando quem lhe aparecia,  
Na Fê todo inflamado afsi gritaua.

Aos infieis Senhor, aos infieis,  
E não a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente  
Portuguesa, inflamados leuantauão,  
Por feu Rei natural, este excelente  
Principe, que do peito tanto amauão:  
E diante do exercito potente,  
Dos imigos, gritando o ceo tocauão:  
Dizendo em alta voz, real, real,  
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,  
Pela montanha o rabido Molofo,  
Contra o Touro remete, que fiado  
Na força esta do corno temeroso:  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo mais ligeiro que forçoso,  
Ate que em fim rompendolhe a garganta,  
Do brauo a força horrenda se quebranta.

Tal do Rei nouo, o estamago acendido,  
Por Deos & polo pouo juntamente,  
O barbaro comete apercebido,  
Co animoso exercito rompente:  
Leuantão nisto os perros o alarido  
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,  
As lanças & arcos tomão, tubas foão,  
Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama se ateada,  
Foi nos aridos campos (afoprando  
O fribilante Boreas) animada  
Co vento, o fecho mato vai queimando:  
A pastoral companhia, que deitada,  
Co doce fono estaua, despertando,  
Ao estridor do fogo que se atea,  
Recolhe o fato, & foge para a aldeia.

Defta arte o Mouro atonito & toruado,  
Toma sem tento as armas muy depreffa,  
Não foge: mas espera confiado,  
E o ginete belligero arremessa:  
O Portugues o encontra denodado,  
Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.  
Hũs caem meios mortos, & outros vão  
A ajuda conuocando do Alcorão.

Ali se vem encontros temerosos,  
Para se desfazer hũa alta ferra,  
E os animais correndo furiosos,  
Que Neptuno amoftrou ferindo a terra:  
Golpes se dão medonhos, & forçosos,  
Por toda a parte andaua acesa a guerra:  
Mas o de Lufo, arnes, couraça & malha,  
Rompe, corta, desfaz, a bola & talha.

Cabeças pelo campo vão faltando,  
Braços, pernas, sem dono & sem fentido,  
E doutros as entranhas palpitando,  
Palida a cor, o gesto amortecido:  
Ia perde o campo o exercito nefando,  
Correm rios do fangue desparzido  
Com que tambem do campo a cor se perde  
Tornado Carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lufitano

Recolhendo os trofeos & prefa rica,  
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,  
Tres dias o gram Rei no campo fica:  
Aqui pinta no branco escudo viano,  
Que agora esta victoria certifica:  
Cinco escudos azues esclarecidos,  
Em final destes cinco Reis vencidos.

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros, porque Deos fora vendido,  
Escureuendo a memoria em varia tinta,  
Daquelle de quem foy fauorecido,  
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
Porque afsi fica o numero comprido:  
Contando duas vezes o do meio,  
Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Paffado ja algum tempo, que paffada  
Era esta grão victoria, o Rei fubido  
A tomar vay Leiria, que tomada  
Fora muy pouco auia, do vencido:  
Com esta a forte Arronches fojugada  
Foy juntamente: & o sempre ennobrecido  
Scabelicastro, cujo campo ameno,  
Tu claro Tejo regas tam fereno.

A estas nobres villas fometidas,  
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,  
E nas ferras da Lua conhecidas,  
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,  
Sintra onde as Naiades escondidas  
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:  
Onde Amor as enreda brandameme,  
Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu nobre Lisboa, que no Mundo,  
Facilmente das outras es princefa,  
Que edificada fofte do facundo,  
Por cujo engano foy Dardania acefa:  
Tu a quem obedece o Mar profundo,  
Obedecestes aa força Portuguefa.  
Ajudada tambem da forte armada,  
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o pouo Sarraceno,  
Muitos com tenção fancta erão partidos,  
Entrando a bocaia, do Tejo ameno,  
Co arrayal do grande Affonso vnidos.  
Cuja alta fama antão fubia aos ceos,  
Foy posto cerco aos muros Vliffeos.

Cinco vezes a Lúa fe escondêra,  
E outras tantas mostrâra cheio o rosto,  
Quando a Cidade entrada fe rendêra,  
Ao duro cerco, que lhe estava pofto.  
Foy a batalha tam fanguina & fera,  
Quanto obrigaua o firme profupofto:  
De vencedores asperos, & oufados,  
E de vencidos, ja defesperados.

Defta arte em fim tomada fe rendeo,  
Aquella que nos tempos ja paffados  
Aa grande força nunca obedeceo,  
Dos frios pouos Sciticos oufados:

Cujo poder a tanto fe estendeo,  
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados.  
E em fim co Betis tanto algum podêrão,  
Que aa terra do Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura  
Auera que refifta, fe Lisboa  
Não pede refistir aa força dura  
Da gente, cuja fama tanto voa.  
Ia lhe obedece toda a Eftremadura,  
Obidos, Alanquer, por onde foa  
O tom das frefcas agoas, entre as pedras,  
Que murmurando laua, & Torres vedras.

E vos tambem, o terras transtaganas,  
Affamadas co dom da flaua Ceres,  
Obedeceis aas forças mais que humanas,  
Entregando lhe os muros, & os poderes.  
E tu laurador Mouro, que te enganas,  
Se fustentar a fertil terra queres.  
Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas,  
E Alcaçare do fal, eftão rendidas.

Eis a nobre Cidade, certo affento,  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde ora as agoas nitidas de argento,  
Vem fustentar de longo a terra, & a gente,  
Pelos arcos reaes, que cento & cento  
Nos ares fe aleuantão nobremente.  
Obedeceo, por meio & oufadia  
De Giraldo, que medos não temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,  
Vingança de Trancofo deftruida,  
Affonfo que não fabe fofegar,  
Por eftender co a fama a curta vida:  
Não fe lhe pede muito fustentar  
A Cidade: mas fendo ja rendida,  
Em toda a coufa viua, a gente yrada,  
Prouando os fios vay da dura efpada.

Com eftas fojugada foy Palmella,  
E a pifcofa Cizimbra, & juntamente,  
Sendo ajudado mais de fua eftrella,  
Desbarata hum exercito potente:  
Sentio o a Villa, & vio o a ferra della,  
Que a focorrella vinha deligente.  
Pela fralda da ferra defcuydodo,  
Do temerofo encontro inopinado.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,  
Com quatro mil cauallos furiofos,  
Innumeros piões, darmas & de curro  
Guarnecidos, guerreiros & luftrofos:  
Mas qual no mes de Maio o brauo Touro  
Cos ciumes da vaca, arreceofos,  
Sentindo gente o bruto, & cego amante  
Saltea o defcuidado caminhante.

Defta arte Affonfo fubito moftado,  
Na gente da, que paffa bem fegura,  
Fere, mata, derriba denodado,  
Foge o Rei Mouro, & fo da vida cura,  
Dum Panico terror todo afombrado,  
So de feguillo o exercito procura.  
Sendo eftes que fizeram tanto aballo,

Nomais que fo fefenta de cauallo.

Logo fegue a victoria fem tardança,  
O grão Rei incanfabil, ajuntando  
Gentes de todo o Reino, cuja vfança  
Era andar fempre terras conquiftando,  
Cercar vay Badajoz, & logo alcança  
O fim de feu defejo, pelejando  
Com tanto esforço & arte, & valentia,  
Que a fez fazer aas outras companhia.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,  
O castigo daquelle que o mereçe,  
Ou pera que fe emmende aas vezes tarda,  
Ou por fegredos que homem não conheçe,  
Se ate qui fempre o forte Rei refguarda,  
Dos perigos a que elle fe offereçe.  
Agora lhe não deixa ter defefa,  
Da maldição da mãy que estaua prefa.

Que eftando na cidade que cercâra,  
Cercado nella foy dos Lionefes,  
Porque a conquista della lhe tomâra,  
De Lião fendo, & não dos Portuguefes.  
A pertinacia aqui lhe custa cara,  
Afsi como acontece muytas vezes,  
Que em ferros quebra as pernas, indo acefo  
Aa batalha onde foy vencido & prefo.

O famofo Pompeyo não te pene,  
De teus feitos illuftres a ruyna,  
Nem ver que a jufta Nemefis ordene,  
Ter teu fogro de ti victoria dina,  
Pofto que o frio Fafis, ou Syene  
Que pera nenhum cabo a fombra inclina:  
O Bootes gellado, & a linha ardente,  
Temeffem o teu nome geralmente.

Pofto que a rica Arabia, & que os feroces  
Eniocos, & Colcos, cuja fama  
O Veo dourado eftende: & os Capadoçes,  
E Iudea, que hum Deos adora & ama,  
E que o molles Sofenos, & os Atroces,  
Silicios, com a Armenia, que derrama,  
As agoas dos dous Rios, cuja fonte  
Estâ noutro mais alto & fancto Monte.

E pofto em fim que defdo mar de Atlante,  
Ate o Scitico Tauro, monte erguido  
Ia vencedor te viffem, não te efpante  
Se o campo Emathio fo te vio vencido,  
Porque Affonfo veras foberbo & ouante,  
Tudo render, & fer defpois rendido.  
Afsi o quis o confelho alto celefte,  
Que vença o fogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei fublime finalmente,  
Do diuino juyzo castigado,  
Defpois que em Santarem foberbamente,  
Em vão dos Sarracenos foy cercado.  
E defpois que do martyre Vicente,  
O fanctifsimo corpo venerado.  
Do facro promontorio conhecido,  
Aa cidade Vliffea foy trazido.

Porque leuaffe auante feu defejo,  
Ao forte filho manda o laffo velho,

Que aas terras fe paffaffe dalentejo,  
Com gente, & co beligero aparelho:  
Sancho, desforço & danimo fobejo,  
Auante paffa, & faz correr vermelho,  
O rio que Seuilha vay regando,  
Co fangue mauro, barbaro & nefando.

E com eſta victoria cobiçofo,  
Ia não defcanfa o moço ate que veja,  
Outro eſtrago como eſte, temerofo  
No barbaro que tem cercado Beja.  
Não tarda muito o Principe ditofo,  
Sem ver o fim daquillo que defeja.  
Aſi eſtragado o Mouro, na vingança  
De tantas perdas poem fua eſperança.

Ia fe ajuntão do monte, a quem Medufa  
O corpo fez perder, que teue o Ceo:  
Ia vem do promontorio de Ampelufa,  
E do Tinge que affento foy de Anteo.  
O morador de Abila não fe efcufa,  
Que tambem com fuas armas fe moueo:  
Ao fom da Mauritana & ronca tuba,  
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Entraua com toda eſta companhia,  
O Miralmomini em Portugal  
Treze Reis mouros leua de valia,  
Entre os quaes tem o ceptro Imperial:  
E aſi fazendo quanto mal podia,  
O que em partes podia fazer mal.  
Dom Sancho vay cercar em Santarem,  
Porem não lhe focede muito bem.

Dalhe combates aſperos, fazendo  
Ardis de guerra mil, o Mouro yrofo,  
Não lhe aproueita ja trabuco horrendo,  
Mina ſecreta, Ariete forçofo:  
Porque o filho de Affonfo, não perdendo  
Nada do eſforço, & acordo generofo,  
Tudo prouê com animo & prudencia,  
Que em toda a parte ha eſforço & refiftencia

Mas o velho a quem tinhão ja obrigado  
Os trabalhofos annos, ao fofego,  
Eftando na Cidade, cujo prado  
Enuerdecem as agoas do Mondego:  
Sabendo como o filho eſtà cercado,  
Em Santarem, do Mauro pouo cego,  
Se parte diligente da Cidade,  
Que não perde a prefeza co a idade.

E co a famoſa gente â guerra vfada,  
vay focorrer o filho, & aſi ajuntados,  
A Portugueſa furia coſtumada,  
Em breue os Mouros tem desbaratados:  
A campina que toda eſtà qualhada  
De marlotas, capuzes variados,  
De caualllos, jaezes, prefa rica,  
De feus fenhores mortos chea fica.

Logo todo o reſtante fe partio  
De Lufitania, poſtos em fugida,  
O Miralmomini fo não fogio,  
Por que antes de fogir lhe foga a vida,  
A quem lhe eſta victoria permitio,

Dão louvores & graças sem medida:  
Que em casos tão estranhos claramente,  
Mais pelega o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,  
O velho Affonso, Principe fubido,  
Quando quem tudo em fim vencendo andaua,  
Da larga, & muita idade foi vencido,  
A palida doença lhe tocaua,  
Com fria mão o corpo enfraquecido:  
E pagarão seus annos deste geito,  
Aa trífte Libitina seu direito

Os altos promontorios o chorarão,  
E do rios as agoas fudofas,  
Os femeados campos alagarão,.  
Com lagrimas correndo piadofas:  
Mas tanto pelo mundo se alargarão  
Com fama suas obras valerofas,  
Que sempre no seu Reino chamarão,  
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficara  
Imitando seu pay na valentia,  
E que em sua vida ja se experimentara,  
Quando o Betis de fangue se tingia,  
E o barbaro poder desbaratara,  
Do Ifmaelita Rei de Andaluzia.  
E mais quando os que Beja em vão cercarão.  
Os golpes de seu braço em si prouarão.

Depois que foy por Rei aleuantado,  
Auendo poucos annos que reinaua,  
A cidade de Silues tem cercado,  
Cujos campos o barbaro lauraua:  
Foy das valentes gentes ajudado,  
Da Germanica armada, que passaua.  
De armas fortes & gente apercebida,  
A recobrar Iudea ja perdida.

Passarão a ajudar na sancta empresa,  
O roxo Frederico, que moueo  
O pederoso exercito, em defesa  
Da cidade onde Christo padeceo,  
Quando Guido co a gente em fede acefa,  
Ao grande Saladino se rendeo:  
No lugar onde aos Mouros fobejauão,  
As agoas que os de guido defejauão.

Mas a fermosa armada, que viera  
Por contraste de vento, aquella parte  
Sancho quis ajudar na guerra fera,  
Ia que em feruico vay, do sancto Marte  
Assi como a seu pay acontecera,  
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,  
Do Germano ajudado Silues toma,  
E o brauo morador destrue & doma.

E se tantos tropheos do Mahometa,  
Aleuantando vay tambem do forte  
Liones, não consente estar quieta  
A terra vada aos casos de Mauorte:  
Ate que na cruz seu jugo meta  
Da foberba Tui, que a mesma forte,  
Veio ter a muitas villas suas vizinhas,  
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas entre tantas palmas falteado  
Da temerofa morte, fica erdeiro,  
Hum filho feu de todos estimado,  
Que foy segundo Affonfo, & Rei terceiro  
No tempo defte, aos Mauros foi tomado  
Alçaçere do fal por derradeiro:  
Por que dantes os Mouros o tomarão,  
Mas agora eftruidos o pagarão.

Morto despois Affonfo lhe fucedo  
Sancho segundo, manfo & defcuidado,  
Que tanto em feus defcuidos fe defmede,  
Que de outrem quẽ mandaua era mandado,  
De gouernar o Reino que outro pede,  
Por caufa dos priuados foi priuado,  
Porque como por elles fe regia,  
Em todos os feus vicios confentia.

Não era Sancho não tam defonefto,  
Como Nero, que hum moço recebia  
Por molher, & despois horrendo incesto,  
Com a mãy Agripina cometia:  
Nem tam cruel aas gentes & molefto,  
Que a cidade queimaffe onde viuia,  
Nem tam mao como foi Hedio gabàlo,  
Nem como o mole Rei Sardanapàlo.

Nem era o pouo feu tiranizado,  
Como Sicilia foy de feus tiranos,  
Nem tinha como Phalaris achado,  
Genero de tormentos inhumanos:  
Mas o Reino de altiio, & coftumado  
A fenhores em tudo foberanos.  
A Rei não obedece, nem confente,  
Que não for mais que todos excellente.

Por efta caufa o Reino gouernou,  
O Conde Bolonhes, despois alçado  
Por Rei, quando da vida fe apartou,  
Seu yrmão Sancho, fempre ao ocio dado  
Efte que Affonfo o brauo fe chamou,  
Despois de ter o Reino fegurado:  
Em dilatalo cuida, que em terreno  
Não cabe o altiio peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora  
Em caramento dada, grande parte,  
Recupêra co braço, & deita fora  
O Mouro mal querido ja de Marte:  
Este de todofez liure & fenhora  
Lufitania, com força & bellica arte:  
E acabou de oprimir a nação forte,  
Na terra que aos de Lufo coube em forte.

Eis despois vem Dinis, que bem parece,  
Do brauo Affonfo eftirpe nobre & dina,  
Com quem a fama grande fe efcureçe,  
Da liberalidade Alexandrina.  
Co este o Reino profpero florece,  
(Alcançada ja a paz aurea diuina)  
Em constituições, leis & costumes,  
Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitarfe,  
O valerofo officio de Minerua,  
E de Heliconas as Mufas fez paffarfe,

A pifar de Mondego a fertil erua:  
Quanto pode de Athenas defejarfe,  
Tudo o foberbo Apolo aqui referua.  
Aqui as capellas da tecidas de ouro,  
Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,  
Fortalezas, castellos muy feguros,  
E quafi o Reino todo reformou,  
Com edificios grandes, & altos muros:  
Mas despois que a dura Atropos cortou,  
O fio de feus dias ja maduros:  
Ficoulhe o filho pouco obediente,  
Quarto Affonfo: mas forte & excelēte:

Efte sempre as foberbas Castelhanas,  
Co peito desprezou firme & fereno,  
Porque não he das forças Lufitanas,  
Temer poder maior, por mais pequeno  
Mas porem quando as gentes Mauritanas,  
A poffuir o Esperico terreno.,  
Entrarão pelas terras de Castella,  
Foy o foberbo Affonfo a focorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta  
Veio ôs campos Ydaepicos enchendo,  
Nem Atila, que Italia toda espanta,  
Chamandose de Deos açoute horrendo.  
Gottica gente trouxe tanta, quanta  
Do Sarraceno barbaro eftupendo,  
Co poder excefsiuo de Granada,  
Foy nos campos Tartefios ajuntada.

E vendo o Rei fublime Castelhana,  
A forza inexpugnabil, grande & forte,  
Temendo mais o fim do pouo Hispano,  
Ia perdido hũa vez, que a propria morte  
Pedindo ajuda ao forte Lufitano,  
Lhe mandaua a carifsima conforte,  
Molher de quem a manda, & filha amada  
Daquelle a cujo Reino foi mandada.

Entraua a fermofifsima Maria,  
Polos paternais paços fublizados,  
Lindo o gesto: mas fora de alegria,  
E feus olhos em lagrimas banhados,  
Os cabellos Angelicos trazia,  
Pelos eburneos hombros espalhados:  
Diante do Pay ledo, que a agafalha,  
Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos poucos a terra produzio  
De Africa toda gente fera & estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduzio  
Pera vir poffuir a nobre Espanha:  
Poder tamanho junto não fe vio,  
Despois que o falso Mar a terra banha.  
Trazem ferocidade, & furor tanto,  
Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

Aquelle que me defte por marido,  
Por defender fua terra amedrontada,  
Co pequeno poder, offerecido  
Ao duro golpe està, da Maura espada,  
E fe não for contigo focorrido,  
Verme as delle & do Reino fer priuada,

Viua & trifte, & posta em vida efcura,  
Sem marido, fem Reino, & fem ventura.

Por tanto, ô Rei, de quem com puro medo,  
O corrente Muluca fe congella,  
Rompe toda a tardança, acude cedo,  
Aa miseranda gente de Castella.  
Se effe gesto que mostras claro & ledó,  
De pay o verdadeiro amor affella:  
Acude & corre pay, que fe não corres,  
Pode fer que não aches quem focorres.

Não de outra forte a timida Maria  
Falando eftá, que a trifte Venus, quando  
A Iupiter feu pay fauor pedia,  
Pera Eneas feu filho, nauegando,  
Que a tanta piedade o comouia,  
Que caido das mãos o rayo infando.  
Tudo o clemente Padre lhe concede,  
Pefandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,  
Os Eborenfes campos vão qualhados,  
Luftra co Sol o arnes, a lança, a espada,  
Vão rinchando os cauallos jaezados:  
A canora trombeta embandeirada  
Os corações aa paz acoftumados:  
Vay às fulgentes armas incitando  
Polas concauidades retumbando.

Entre todos no meio fe fublima,  
Das infignias Reais acompanhado,  
O vaferofo Affonfo, que por cima  
De todos, leua o collo aleuantado,  
E fomenta co gesto esforça & anima,  
A qualquer coração amedrontado.  
Afsi entra nas terras de Castella,  
Com a filha gentil Rainha della.

Iuntos os dous Affonfos finalmente,  
Nos campos de Tarifa, eftão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Pera quem fam pequenos campo & monte.  
Não ha peito tão alto & tam potente,  
Que de defconfiança não fe afronte,  
Em quanto não conheça, & claro veja,  
Que co braço dos feus Chrifto peleja.

Eftão do Agar os netos cafi rindo,  
Do poder dos Chrifãos fraco & pequeno,  
As terras como fuas repartindo,  
Ante mão, entre o exercito Agareno:  
Que com titulo falfo poffuindo  
Eftà o famofo nome Sarraceno.  
Afsi tambem com falfa conta & nua,  
Aa nobre terra alhea chamão fua.

Qual o membrudo & barbaro Gigante,  
Do Rei Saul, com caufa tam temido,  
Vendo o Paftor inorme eftar diante,  
So de pedras & esforço apercebido,  
Com palauras foberbas o arrogante,  
Despreza o fraco moço mal veftido:  
Que rodeando a funda o defengana,  
Quanto mais pode a Fê que a força humana.

Desta arte o Mouro perfido despreza,

O poder dos Christãos, & não entende,  
Que eſtã ajudado da alta fortaleza,  
A quem o Inferno horrifico fe rende.  
Co ella o Castelhana, & com deftreza,  
De Marrocos o Rei comete & offende.  
O Portugues que tudo eſtima em nada,  
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & efpadas retenião,  
Por cima dos arnefes, brauo eſtrago,  
Chamão (ſegundo as leis que ali ſeguião,)  
Hũs Mafamede, & os outros Sanctiago,  
Os feridos com grita o Ceo ferião,  
Fazendo de feu fangue bruto lago,  
Onde outros meios mortos fe afogauão,  
Quando do ferro as vidas eſcapauão.

Com eſforço tamanho eſtrue & mata,  
O Lufo ao Granadil, que em pouco eſpaço,  
Totalmente o poder lhe desbarata,  
Sem lhe valer defefa, ou peito de aço:  
De alcançar tal victoria tam barata,  
Inda não bem contente o forte braço,  
Vay ajudar ao brauo Castelhana,  
Que pelejando eſtã co Mauritano.

Ia fe hia o Sol ardente recolhendo,  
Pera a caſa de Thetis, & inclinado,  
Pera o Ponente o veſpero trazendo,  
Estaua o claro dia memorado,  
Quando o poder do Mauro grande & horêdo  
Foi pelos fortes Reis desbaratado,  
Com tanta mortindade, que a memoria,  
Nunca no mundo vio tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,  
Dos que morrerão neſte vencimento,  
Quando as agoas co fangue do aduerfario,  
Fez beber ao exercito fedento,  
Nem o Peno aſperifsimo contrario,  
Do Romano poder de nafcimento:  
Quando tantos matou da illuſtre Roma,  
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

E fe tu tantas almas fo podeſte,  
Mandar ao Reino eſcuro de Cocito,  
Quando a ſancta Cidade deſfizeſte  
Do pouo pertinaz no antigo rito:  
Permiffam & vingança foy celeſte,  
E não força de braço, o nobre Tito,  
Que aſi dos Vates foy profetizado,  
E deſpois por I E S V certificado.

Paffada eſta tão prospera victoria,  
Tornado Affonfo aa Lufitana terra,  
A fe lograr da paz com tanta gloria,  
Quanta foybe ganhar na dura guerra,  
O caſo triste & dino da memoria,  
Que do ſepulchro os homẽs defenterra,  
Aconteceo da mifera, & mezquinha  
Que deſpois de fer morta foy Rainha.

Tu fo, tu puro Amor com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deſte cauſa aa moleſta morte fua,  
Como fe fora perſida inimiga:

Se dizem fero Amor que a fede tua,  
Nem com lagrimas triftes fe mitiga:  
E porque queres afpero & tirano  
Tuas aras banhar em fangue humano.

Eftauas linda Ines pofta em fofego  
De teus annos, colhendo doce fructo,  
Naquelle engano da alma, ledto & cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos faudofos campos do Mondego,  
De teus fermofos olhos nunca enxuto,  
Aos montes infinando, & às eruinhas  
O nome que no peito efcripto tinhas.

Do teu Principe ali te refpondião,  
As lembranças que na alma lhe morauão,  
Que fempre ante feus olhos te trazião,  
Quando dos teus fermofos fe apartauão  
De noite em doces fonhos, que mentião,  
De dia em penfamentos que voauão.  
E quanto em fim cuidaua, & quanto via,  
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas fenhoras, & Princefas,  
Os defejados tâlamos engeita,  
Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,  
Quando hum gesto fuaue te fogeita:  
Vendo estas namoradas eftranhezas,  
O velho pay fefudo, que refpeita  
O murmurar do pouo, & a fantafia  
Do filho, que cafarfe não queria.

Tirar Ines ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem prefo,  
Crendo co fangue fô da morte indina,  
Matar do firme amor o fogo acefo:  
Que furor confentio, que a efpada fina,  
Que pode fustentar o grande pefo  
Do furor Mauro, foffe aleuantada,  
Contra hũa fraca dama delicada?

Trazião a os horrificos algozes,  
Ante o Rei, ja mouido a piedade:  
Mas o pouo com falfas, & ferozes  
Razões, aa morte crua o perfuade:  
Ella com triftes & piedofas vozes,  
Saidas fô da magoa, & faudade  
Do feu Principe, & filhos que deixaua,  
Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo criftalino aleuantando,  
Com lagrimas os olhos piedofos,  
Os olhos, porque as mãos lhe eftaua atando,  
Hum dos duros miniftros rigurofos.  
E defpois nos mininos atentando,  
Que tam queridos tinha, & tam mimofos,  
Cuja orfindade como mãy temia,  
Pera o auô cruel afsi dizia.

Se ja nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nafcimento,  
E nas aues agreftes, que fomente  
Nas rapinas aerias tem o intento,  
Com pequenas crianças vio a gente,  
Terem tam piadofos fentimento,  
Como co a mãy de Nino ja mofttrâo,

E cos yrmãos que Roma edificarão.

O tu que tês de humano o gesto & o peito  
(Se de humano he, matar hũa donzella  
Fracca & fem força, fo por ter subjeito  
O coração, a quem foubes vencella)  
A estas criançinhas tem respeito,  
Pois o não tês aa morte escura della,  
Mouate a piedade fua & minha,  
Pois te não moue a culpa que não tinha.

E fe vencendo a Maura refitencia,  
A morte fabes dar com fogo & ferro,  
Sabe tambem dar vida com clemencia,  
A quem pera perdela não fez erro:  
Mas fe to afsi merece esta inocencia,  
Poem me em perpetuo & mifero defterro,  
Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,  
Onde em lagrimas viuva eternamente.

Poem me onde fe vfe toda a feridade,  
Entre Liões, & Tigres, & verey  
Se nelles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei:  
Ali co amor intrinfeco & vontade,  
Naquelle por quem mouro, criarei  
Estas reliquias fua que aqui viste,  
Que refrigerio feção da mãy triste.

Queria perdoarlhe o Rei benigno,  
Mouido das palauras que o magoão:  
Mas o pertinaz pouo, & feu destino  
(Que desta forte o quis) lhe não perdoão,  
Arrancão das espadas de aço fino,  
Os que por bom tal feito ali apregoão,  
Contra hũa dama, ô peitos carneiros  
Feros vos amoftrais, & caualleiros?

Qual contra a linda moça Policena,  
Confolação extrema da mãy velha,  
Porque a fombra de Achilles a condena,  
Co ferro o duro Pirro fe aparelha:  
Mas ella os olhos com que o ar ferena,  
(Bem como paciente, & manfa ouelha)  
Na mífera mãy postos, que endoudeçe  
Ao duro sacrificio fe offereçe.

Tais contra Inès os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que foftinha  
As obras com que amor matou de amores  
Aquelle que depois a fez Rainha:  
As espadas banhando, & as brancas flores,  
Que ella dos olhos feus regadas tinha,  
Se encarniçauão, feruidos & yrofos,  
No futuro castigo não cuidofos.

Bem podêras, ô Sol, da vista destes  
Teus rayos apartar aquelle dia,  
Como da feua mefa de Tyestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia.  
Vos, ô concauos vales que podestes,  
A voz extrema ouuir da boca fria,  
O nome do feu Pedro que lhe ouuistes,  
Por muito grande espaço repetistes.

Afsi como a bonina que cortada,  
Antes do tempo foy, candida & bella,

Sendo das mãos laciuas mal tratada,  
Da minina que a trouxe na capella:  
O cheiro traz perdido, & a cor murchada:  
Tal eftà morta a palida donzella,  
Secas do rofto as rofas, & perdida  
A branca & viua cor, co a doce vida.

As filhas do Mondego, a morte efcura  
Longo tempo chorando memorarão,  
E por memoria eterna em fonte pura  
As lagrimas choradas transformarão:  
O nome lhe poderão, que inda dura,  
Dos amores de Ines que ali paffarão.  
Vede que frefca fonte rega as flores,  
Que lagrimas fam a agoa, & o nome amores

Não correo muito tempo que a vingança  
Não viffe Pedro das mortais feridas,  
Que em tomando do Reino a gouernança,  
A tomou dos fugidos humicidas:  
Do outro Pedro cruifsimo os alcança,  
Que ambos immigos das humanas vidas,  
O concerto fizerão duro & injufto,  
Que com Lepido, & Antonio fez Augufto.

Este castigador foy regurofo,  
De latrocinios, mortes & adulterios,  
Fazer nos maos cruezas, fero & yrofo,  
Erão os feus mais certos refrigerios:  
As cidades guardando juftiçofo,  
De todos os foberbos vituperios,  
Mais ladrões caftigando aa morte deu,  
Que o vagabundo Alcides, ou Thefeu.

Do jufto & duro Pedro nafce o brando  
(Vede da natureza o defconcerto)  
Remiffo, & fem cuidado algum Fernando,  
Que todo o Reino pos em muito aperto,  
Que vindo o Caftelhano deuastando  
As terras fem defefa, efteue perto  
De deftruirfe o Reino totalmente,  
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Ou foy caftigo claro do peccado,  
De tirar Lianor a feu marido,  
E cafar fe co ella de enleuado,  
Num falfo parecer mal entendido:  
Ou foy que o coração fogeito, & dado  
Ao vicio vil, de quem fe vio rendido,  
Molle fe fez, & fraco, & bem parece  
Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiuerão fempre a pena  
Muitos, que Deos o quis, & permitio:  
Os que forão roubar a bella Elena,  
E com Apio tambem Tarquino o vio:  
Pois por quem Daudid Sancto fe condena?  
Ou quem o Tribo illuftre deftruio  
De Benjamim? bem claro nolo infina,  
Por Sarra Faraô, Sychem por Dina.

E pois fe os peitos fortes enfraqueçe,  
Hum inconceffo amor defatinado,  
Bem no filho de Almena fe parece,  
Quando em Omfale andaua transformado,  
De Marco Antonio a fama fe efcoreçe,

Com fer tanto a Cleopatra affeçoado:  
Tu tambem Peno profpero o fentifte,  
Defpois que hũa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurarfe por ventura,  
Dos laços que amor arma brandamente  
Entre as rofas & a neue humana pura,  
O ouro, & o alabaftro transparente  
Quem de hũa peregrina fermofura  
De hum vulto de Medufa propriamente  
Que o coração conuerte que tem prefo,  
Em pedra não: mas em defejo acefo.

Quem vio hum olhar feguro, hum gefto brando,  
Hũa fuaue & Angelica excelencia,  
Que em fi eftâ fempre as almas trãformãdo  
Que tiueffe contra ella refiftencia:  
Defculpado por certo eftâ Fernando,  
Pera quem tem de amor experencia:  
Mas antes tendo liure a fantafia,  
Por muyto mais culpado o julgaria.  
Fim.

#### • Canto Quarto.

Defpois de procello  
fa tempestade,  
Nocturna fombra, & fibilante  
vento,  
Traz a manhaã ferena claridade,  
Efperança de porto, & faluamento:  
Aparta o Sol a negra efcuridade,  
Remouendo o temor ao penfamento:  
Afsi no Reino forte aconteceo,  
Defpois que o Rei Fernando falleceo.

Porque fe muito os noffos defejarão,  
Quem os danos & offenfas va vingando,  
Naquelles que tãbem fe aproueitãrão,  
Do defcuido remiffo de Fernando,  
Defpois de pouco tempo o alcançãrão,  
Ioanne fempre illuftre aleuantando  
Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro  
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser ifto ordenação dos ceos diuina,  
Por finais muito claros fe mostrou  
Quando em Euora a voz de hũa minina,  
Ante tempo falando o nomeou:  
E como coufa em fim que o Ceo destina,  
No berço o corpo, & a voz aleuantou,  
Portugal, Portugal, alçando a mão  
Diffe, polo Rei nouo Dom João.

Alteradas então do Reino as gentes,  
Co odio que occupado os peitos tinha,  
Abfolutas cruezas, & euidentes  
Faz do pouo o furor por onde vinha,  
Matando vão amigos & parentes,  
Do adultero Conde, & da Rainha,  
Com quem fua incontinencia defonefta  
Mais (despois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com caufa defonrado,  
Diante della a ferro frio morre,

De outros muitos na morte acompanhado  
Que tudo o fogo erguido queima & corre:  
Quem como Astianas precipitado  
(Sem lhe valerem ordês) de alta torre  
A quem ordês, nem aras, nem respeito,  
Quem nu por ruas & em pedaços feito.

Podêfe por em longo efquecimento,  
As cruezas mortais que Roma vio  
Feitas do feroz Mario, & do cruento  
Syla, quando o contrario lhe fogio:  
Por iffo Lianor, que o fentimento  
Do morto Conde ao mundo defcobrio,  
Faz contra Lufitania vir Caftella,  
Dizendo fer fua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que cafada  
Co Caftelhano eftà, que o Reino pede,  
Por filha de Fernando reputada,  
Se a corrompida fama lho concede.  
Com esta voz Caftella aleuantada,  
Dizendo que efta filha ao pay fucede:  
Suas forças ajunta pera as guerras  
De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,  
(Se foy) ja teue o nome diriuado  
Das terras que Fernando, & que Rodrigo  
Ganharão do tirano & Mauro eftado:  
Não eftimão das armas o perigo,  
Os que cortando vão co duro arado  
Os campos Lionefes, cuja gente,  
Cos Mouros foi nas armas excellente.

Os Vandalos, na antiga valentia  
Ainda confiados, fe ajuntauão  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Goadalquibir as agoas lauão,  
A nobre Ilha tambem fe apercebia,  
Que antigamente os Tirios habitauão:  
Trazendo por infignias verdadeiras  
As Herculeas colunas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,  
Cidade nobre & antiga, a quem cercando  
O Tejo em torno vay fuaue & ledó,  
Que das ferras de Conca vem manando:  
A vos outros tambem não tolhe o medo,  
O fordidos Galegos, duro bando,  
Que pera refistirdes, vos armastes,  
Aaquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negrasfurias,  
A gente Bizcainha, que careçe  
De polidas razões, & que as injurias  
Muito mal dos estranhos compadeçe:  
A terra de Guipufcua, & das Afturias  
Que com minas de ferro fe ennobreçe,  
Armou delle, os foberbos matadores,  
Pera ajudar na guerra a feus fenhores.

Ioane, a quem do peito o eforço creçe,  
Como a Sarifam Hebreo da guedelha,  
Pofto que tudo pouco lhe parece  
Cos poucos de feu Reino fe aparelha,  
E não porque confelho lhe faleçe,

Cos principaes fenhores fe aconselha:  
Mas fo por ver das gentes as fentenças,  
Que fempore ouue entre muitos differenças.

Não falta com razões quem defconcerte,  
Da opinião de todos, na vontade,  
Em quem o esforço antigo fe conuerte,  
Em defufada & ma deflealdade,  
Podendo o temor mais, gelado, inerte  
Que a propria & natural fidelidade,  
Negão o Rei & a patria, & fe conuem  
Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que efte erro fe fentiffe,  
No forte dom Nuno aluerez: mas antes  
Pofto que em feus Irmãos tão claro o viffe,  
Reprouando as vontades incoftantes:  
A aquellas duuidofas gentes diffe,  
Com palauras mais duras que elegantes,  
A mão na efpada irado, & não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como da gente illuftre Portuguefa,  
Ha de auer quem refufe o patrio Marte?  
Como, defta prouincia que princefa  
Foy das gentes na guerra em toda parte,  
Ha de fair quem negue ter defefa,  
Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte  
De Portugues, & por nenhum refpeito  
O proprio Reino queira ver fogeito?

Como, não fois vos inda os defcendentes  
Daquelles, que debaixo da bandeira,  
Do grande Enriquez, feros & valentes  
Vencestes efte gente tam guerreira?  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Poferam em fugida, de maneira,  
Que fete illuftres Condes lhe trouxerão  
Prefos, afora a prefa que tiuerão?

Com quem forão contino fopeados  
Estes, de quem o eftais agora vos,  
Por Dinis & feu filho, fublimados  
Se não cos voffos fortes pais & auôs?  
Pois fe com feus defcuidos, ou peccados,  
Fernando em tal fraqueza afsi vos pos,  
Torne vos voffas forças o Rei nouo,  
Se he certo que co Rei fe muda o pouo.

Rei tendes tal, que fe o valor tiuerdes  
Igual ao Rei que agora aleuantastes,  
Desbaratareis tudo o que quiferdes,  
Quanto mais a quem ja desbaratastes:  
E fe com ifto em fim vos não mouerdes,  
Do penetrante medo que tomastes,  
Atay as mãos a voffo vão receio,  
Que eu fo refiftirey ao jugo alheio.

Eu fo com meus vaffalos, & com efte,  
(E dizendo isto arranca mea efpada)  
Defenderey da força dura, & infefta  
A terra nunca de outrem fojugada,  
Em virtude do Rei, da patria mefta,  
Da lealdade ja por vos negada,  
Vencerey (não fo eftes aduerfarios:)  
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mançebos recolhidos,  
Em Camifio, reliquias fof de Canas,  
Ia pera fe entregar quafi mouidos  
A fortuna das forças Affricanas:  
Cornelio moço os faz, que compelidos  
Da fua efpada jurem, que as Romanas  
Armas, nam deixarão em quanto a vida  
Os nam deixar, ou nellas for perdida.

Deftarte a gente força, & e força Nuno,  
Que com lhe ouuir as vltimas razões  
Remouem o temor frio importuno,  
Que gelados lhe tinha os corações:  
Nos animais caualgão de Neptuno,  
Brandindo, & volteando arremeffoês,  
Vão correndo & gritando a boca aberta,  
Viua o famofo Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouão  
A guerra com que a patria fe fofinha,  
Hũs as armas alimpão & renouão,  
Que a ferrugem da paz gafgadas tinha:  
Capacetes eftofam, peitos prouão,  
Armafe cada hum como conuinha.  
Outros fazem vestidos de mil cores,  
Com letras & tenções de feus amores.

Com toda esta lustrufa companhia,  
Ioanne forte fae da frefca Abrantes,  
Abrantes, que tambem da fonte fria  
Do Tejo logra as agoas abundantes:  
Os primeiros armigeros regia,  
Quem pera reger era os muy poffantes,  
Orientais exercitos, fem conto,  
Com que paffaua Xerxes o Helesponto.

Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro  
Açoute de foberbos Caftelhanos,  
Como ja o fero Huno o foy primeiro  
Pera Erancefes, pera Italianos,  
Outro tambem famofo caualleiro,  
Que a ala direita tem dos Lufitanos,  
Apto pera mandalos, & regelos,  
Meu Rodriguez fe diz de Vafconcelos.

E da outra ala que a eſta correſponde,  
Antão vazquez de Almada he Capitão,  
Que deſpois foy de Abranches nobre Conde,  
Das gentes vay regendo a feſtra mão,  
Logo não retagoarda não fe eſconde,  
Das quinas & caſtellos o pendão,  
Com Ioanne Rey forte em toda parte,  
Que eſcurecendo o preço vay de Marte.

Eftauão pelos muros temerofas,  
E de hum alegre medo quafi frias,  
Rezando as mais, irmãs, damas, & eſpoſas  
Prometendo jejūs, & romarias:  
Ia chegão as eſquadras bellicofas,  
Defronte das imigas companhias,  
Que com grita grandifsima os recebem,  
E todas grande duuida concebem.

Respondem as trombetas menfageiras,  
Pifaros fibilantes, & atambores,  
Alferezes volteão as bandeiras,

Que variadas fã de muitas cores:  
Era no feço tempo, que nas eiras  
Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
Entra em Aftrea o Sol, no mes de Agofto,  
Baco das vuas tira o doçe mofto.

Deu final a trombeta Castelhana,  
Horrendo, fero, ingente, & temerofo,  
Ouuio o o monte Artabro, & Guadiana,  
A tras tornou as ondas de medrofo:  
Ouuio o Douro, & a terra Tranftagana,  
Correo ao mar o Tejo duuidofo:  
E as mãis que o fom terribil efcuitârão,  
Aos peitos os filhinhos apertârão.

Quantos roftos ali fe vem fem cor,  
Que ao coração acode o fangue amigo,  
Que nos perigos grandes, o temor,  
He mayor muitas vezes que o perigo,  
E fe o não he, pareceo, que o furor  
De offender, ou vencer o duro immigo,  
Faz não fentir, que he perda grande & rara  
Dos membros corporais da vida cara.

Começãfe a trauar a incerta guerra,  
De ambas partes fe moue a primeira ala,  
Hũs leua a defenfã da propria terra,  
Outros as efpèranças de ganhala:  
Logo o grande Pereira em quem fe encerra  
Todo o valor, primeiro fe afsinala  
Derriba, & encontra, & a terra ã fim femea  
Dos que a tanto defejão, fendo alhea.

Ia pelo efpeffo ar, os efridentes  
Farpões, fetas, & varios tiros voão,  
Debaxo dos pêd duros dos ardentes  
Cauillos, treme a terra, os vales foão:  
Efpedação fe as lanças, & as frequentes  
Quedas, co as duras armas tudo atroão.  
Recreçem os immigos fobre a pouca  
Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali feus yrmãos contra elle vão,  
(Cafo feo & cruel:) mas não fe efpanta,  
Que menos he querer matar o yrmão,  
Quem contra o Rei & a patria fe aleuanta:  
Destes arrenegados muitos fã,  
No primeiro efcuadrão, que fe adianta,  
Contra yrmãos & parentes (cafo efranho)  
Quaes nas guerras Ciuis de Iuleo Magno.

O tu Sertorio, o nobre Cariolano  
Catilina, & vos outros dos antigos,  
Que contra voffas patrias, com profano  
Coração, vos fizestes inimigos:  
Se lâ no reino efcuro de Sumano  
Receberdes grauifsimos castigos  
Dizeilhe que tambem dos Portuguefes  
Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem fe aqui dos noffos os primeiros,  
Tantos dos inimigos a elles vão:  
Efta ali Nuno, qual pellos outeiros  
De Ceita eflã o fortifsimos lião  
Que cercado fe ve dos caualleiros  
Que os campos vão correr de Tutuão,

Perfequem no com as lanças, & elle irofo  
Toruado hũ pouco eftâ, mas não medrofo.

Com torua vista os vê, mas a natura  
Ferina, & a yra não lhe compadecem  
Que as coftas dê, mas antes na efpeffura  
Das lanças fe arremeffa, que recrecem:  
Tal eftâ o caualeiro que a verdura  
Tinge co fangue alheyo, ali perecem  
Algũs dos feus, que o animo valente  
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio Ioane a afronta que paffaua  
Nuno, que como fabio capitão,  
Tudo corria, & via, & a todos daua  
Com preferença & palauras coração:  
Qual parida Lioa fera & braua  
Que os filhos que no ninho fôs eftão  
Sentio, que em quanto pasto lhe bufcara,  
O paftor de Mafsilia lhos furtara.

Corre raiuofa, & freme, & com bramidos  
Os montes fete Irmãos atroa & abala,  
Tal Ioane com outros efcolhidos  
Dos feus, correndo acode aa primeira ala:  
O fortes companheiros, o fubidos  
Caualeyros, a quem nenhum fe ygoala,  
Defendey voffas terras que a efperança  
Da liberdade, eftâ na voffa lança.

Vedes me aqui, Rey voffo, & companheiro  
Que entre as lanças & fêtas, & os arnefes  
Dos inimigos corro, & vou primeiro  
Pelejay verdadeiros Portuguefes.  
Ifto diffe o magnanimo guerreyro  
E fopefando a lança quatro vezes,  
Com força tira & defte vnico tiro  
Muytos lançarão o vltimo fofpiro,

Porque eis os feus acefos nouamente  
Dhũa nobre vergonha & honrofo fogo  
Sobre qual mais com animo valente,  
Perigos vencerâ, do Marcio jogo  
Porfião: tingeo ferro o fogo ardente  
Rompem malhas primeiro, & peitos logo  
Afsi recebem junto & dão feridas  
Como a quem ja não doe perder as vidas.

A muitos mandão ver o Eftigio lago  
Em cujo corpo a morte, & o ferro entraua  
O Mefre morre ali de Sanctiago  
Que fortifsimamente pelejaua  
Morre tambem, fazendo grande eftrago  
Outro Mefre cruel de Calatraua  
Os Pereiras tambem arrenegados  
Morrem, arrenegando o Ceo & os fados.

Muitos tambem do vulgo vil fem nome  
Vão, & tambem dos nobres ao profundo  
Onde o Trifauce Cão perpetua fome  
Tem, das almas que paffão defte mundo  
E porque mais aqui fe amanfe & dome  
A foberba do imigo furibundo,  
A fublime bandeira Castelhana  
Foy derribada os pêds da Lufitana.

Aqui a fera batalha fe encrucece

Com mortes, gritos, fangue & cutiladas  
A multidão da gente que perece  
Tem as flores da propria cor mudadas:  
Ia as coftas dão & as vidas: ja falece  
O furor, & fobejão as lançadas,  
Ia de Caftella o Rey desbaratado  
Se vee, & de feu propofito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor  
Contente de lhe não deixar a vida  
Seguẽ no os que ficarão, & o temor  
Lhe da não pês, mas afas aa fugida:  
Encobrem no profundo peito a dor  
Da morte, da fazenda defpendida,  
Da magoa, da defonra, & triste nojo  
De ver outrem triumphar de feu defpojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando  
Do primeyro que guerra fez no mundo  
Outros a fede dura vão culpando  
Do peito cobiçofo & fitibundo:  
Que por tomar o alheo, o miferando  
Pouo aventura aas penas do profundo  
Deixando tantas mãis, tantas efpoças  
Sem filhos, fem maridos defditofas.

O vencedor Ioanne efteue os dias  
Coftumados no campo, em grande gloria  
Com offertas defpois, & romarias  
As graças deu a quem lhe deu victoria:  
Mas Nuno que não quer por outras vias,  
Entre as gentes deixar de fi memoria  
Se não por armas fempre foberanas  
Pera as terras fe paffa Trãftaganas.

Ajudao feu destino de maneira  
Que fez igoal o effeito ao penfamento,  
Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o defpojo & o vencimento  
Ia de Siuilha a Betica bandeira  
E de varios fenhores nũ momento  
Se lhe derriba aos pês fem ter defefa  
Obrigados da força Portuguefa.

Defças & outras victorias longamente  
Erão os Caftelhanos opprimidos  
Quando a paz defejada ja da gente  
Derão os vencedores aos vencidos:  
Defpois que quis o Padre omnipotente  
Dar os Reis inimigos por maridos  
Aas duas Illuftrifsimas Inglesas  
Gentis, fermofas, inclitas princefas.

Não fofre o peito forte vfado aa guerra  
Não ter imigo ja a quem faça dano,  
E afsi não tendo a quem vencer na terra  
Vay cometer as ondas do Occeano:  
Efte he o primeiro Rey que fe defterra  
Da patria, por fazer que o Afrinano,  
Conheça pollas armas, quanto excede  
A ley de Christo aa ley de Mafamede.

Eis mil nadantes aues pello argento  
Da furiofa Tetis inquieta,  
Abrindo as pandas afas vão ao vento  
Pera onde Alcides pos a extrema meta:

O monte Abila, & o nobre fundamento  
De Ceita toma, & o torpe Mahometa  
Deita fora, & fegura toda Eſpanha  
Da Iuliana, mã, & desleal manha.

Não confentio a morte tantos annos  
Que de Heroe tão ditofó fe lograffe  
Portugal, mas os coros foberanos  
Do ceo fupremo, quis que pouoaſſe:  
Mas pera defenfam dos Lufitanos  
Deixou quem o leuou, quem gouernaffe,  
E aumentaffe a terra mais que dantes  
Inclita gêração, altos Infantes.

Não foy do Rey Duarte tão ditofó  
O tempo que ficou na fumma alteza,  
Que aſſi vay alternando o tempo irofo  
O bem co mal, o goſto co a tristeza:  
Quem vio fempre hum eftado deleitofó?  
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?  
Pois inda neſte Reino, & neſte Rey  
Não vfou ella tanto deſta ley.

Vio fer captiuo o fancto irmão Fernando  
Que a tão altas emprefas aſpiraua  
Que por faluar o pouo miſerando  
Cercado, ao Sarraceno ſentregaua:  
Sô por amor da patria eſtá paſſando  
A vida de ſenhora feyta eſcraua,  
Por não fe dar por elle ha forte Ceita  
Mais o pubrico bem que o feu refpeita.

Cadro porque o inimigo não venceſſe,  
Deixou antes vencer da morte a vida,  
Regulo porque a patria não perdeſſe,  
Quis mais a liberdade ver perdida:  
Eſte porque fe Eſpanha não temeſſe  
A captiueiro eterno fe conuida:  
Codro, nem Curcio, ouuido por eſpanto  
Nemos Decios leais fizeram tanto.

Mas Affonſo do Reino vnico herdeiro,  
Nome em armas ditofó, em noſſa Heſperia,  
Que a foberba do barbaro fronteiro,  
Tornou em baxa & humilima miſeria,  
Fora por certo inuicto caualleiro,  
Se não quifera yr ver a terra Iberia:  
Mas Affrica dira fer impoſſibil,  
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Eſte pode colher as maçãs de ouro,  
Que famente o Terintio colher pode,  
Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,  
A ceruiz inda agora nam facode:  
Na fronte a palma leua, & o verde louro,  
Das victorias do barbaro, que acode  
A defender Alcaçer forte villa,  
Tangere populofó, & a dura Arzilla.

Porem ellas em fim por força entradas,  
Os muros abaxarão de Diamante,  
Aas Portugueſas forças coſtumadas,  
A derribarem quanto achão diante,  
Marauilhas em armas eſtremadas,  
E de eſcriptura dinas elegante,  
Fizerão caualleiros nesta emprefa

Mais, affinando a fama Portuguefa.

Porem defpois tocado de ambição,  
E gloria de mandar amara & bella,  
Vay cometer Fernando de Aragão,  
Sobre o potente Reino de Castella,  
Ajuntafe a inimiga multidão,  
Das foerbas & varias gentes della,  
Defde Caliz ao alto Perineo,  
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Não quis ficar nos Reinos occiofo,  
O mancebo Ioanne, & logo ordena  
De ir ajudar o pay ambiciofo,  
Que então lhe foy ajuda não pequena,  
Saiofe em fim do trançe perigofa,  
Com fronte não toruada, mas ferena  
Desbaratado o pay fanguinolento:  
Mas ficou duuidofo o vencimento.

Porque o filho fublime & foerano,  
Gentil, forte, animofo caualleiro,  
Nos contrarios fazendo imenfo dano,  
Todo hum dia ficou no campo inteiro:  
Desta arte foy vencido Octauiano,  
E Antonio vencedor feu companheiro,  
Quando daquelles que Cefar matârão  
Nos Philipicos campos fe vingârão.

Porem defpois que a efcura noite eterna,  
Affonfo apoufentou no Ceo fereno,  
O Principe que o Reino então gouerna,  
Foy Ioanne fegundo, & Rei terzeno:  
Efte por auer fama fempiterna,  
Mais do que tentar pode homem terreno  
Tentou, que foy bufcar da roxa Aurora  
Os terminos, que eu vou bufcando agora.

Manda feus menfageiros que paffarão  
Efpanha, França, Italia celebrada,  
E la no illuftre porto fe embarcârão,  
Onde ja foy Partenope enterrada,  
Napolos onde os fados fe moftârão,  
Fazendoa a varias gentes fubjugada,  
Pola illuftrar no fim de tantos annos,  
Co fenhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegão,  
Vão fe aas praias de Rodes arenofas,  
E dali aas ribeiras altas chegão,  
Que com morte de Magno fam famofas:  
Vão a Menfis, & aas terras que fe regão,  
Das enchentes Niloticas vndofas,  
Sobem aa Ethiopia, fobre Egipto,  
Que de Christo la guarda o fancto rito.

Paffam tambem as ondas Eritreas,  
Que o pouo de Ifrael fem Nao paffou,  
Ficão lhe a tras as ferras Nabateas,  
Que o filho de Ismael co nome ornou:  
As coftas odoriferas Sabeas,  
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,  
Cercão, com toda a Arabia defcuberta  
Feliz, deixando a Petrea, & a Deferta.

Entrão no estreito Perfico, onde dura  
Da confufa Babel, inda a memoria,

Ali co Tigre o Eufrates fe meftura,  
Que as fontes onde nafcem tem por gloria:  
Dali vão em demanda da agoa pura,  
Que caufa inda fera de larga hiftoria  
Do Indo, pellas ondas do Oceano,  
Onde nam fe atreueo paffar Trajano.

Virão gentes incognitas, & eftranhas  
Da India, da Carmania, & Gedrofia,  
Vendo varios costumes, varias manhas  
Que cada Região produce & cria:  
Mas de vias tão afperas, tamanhas  
Tornarfe facilmente não podia,  
La morrerão em fim, & la ficirão.  
Que aa defejada patria não tornirão.

Parefce que guardaua o claro Ceo  
A Monoel, & feus merecimentos,  
Efta empreza tão ardua, que o moueo  
A fubidos & illuftres mouimentos:  
(Manoel, que a Ioane focedeo  
No reino, & nos altiuos penfamentos)  
Logo como tomou do reino cargo  
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como de nobre penfamento  
Daquella obrigação, que lhe ficára  
De feus antepaffados, (cujo intento,  
Foy fempre acrecentar a terra chara)  
Não deixaffe de fer hum fo momento  
Conquistado: No tempo que a luz clara  
Foge, & as eftrellas nitidas que faem  
A repoufo conuidão, quando caem.

Eftando ja deitado no aureo leito  
Onde ymaginações mais certas fam,  
Reoluendo contino no conceito  
De feu officio, & fangue a obrigação,  
Os olhos lhe occupou o fonno acceito  
Sem lhe defoccurar o coração,  
Porque tanto que laffo fe adormece  
Morfeo en varias formas lhe aparece.

Aqui fe lhe aprefenta que fubia  
Tão alto que tocaua aa prima Efphera,  
Donde diante varios mundos via  
Nações de muita gente eftranha, & fera:  
E laa bem junto donde nace o dia  
Defpois que os olhos longos estendera,  
Vio de antiguos longinquos & altos montes  
Nacerem duas claras & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimarias  
Pello monte feluatico habitauão,  
Mil aruores fylueftres & eruas varias  
O paffo & o trato aas gentes atalhauão:  
Eftas duras montanhas aduerfarias  
De mais conuerfação, por fi moftrauão  
Que defque Adão peccou aos noffos annos  
Não as romperão nunca pês humanos.

Das agoas fe lhe antolha que faião  
Por elle os largos paffos inclinando,  
Dous homens, que muy velhos parecião  
De afpeito, inda que agrefte, venerando:  
Das pontas dos cabellos lhe faião

Gotas, que o corpo todo vão banhando,  
A cor da pelle baça & denegrada  
A barba hirfuta, intonfa, mas comprida.

Dambos de dous a fronte coroada  
Ramos não conhecidos & eruas tinha,  
Hum delles a preferença traz canfada  
Como quem de mais longe ali caminha,  
E afsi a agoa com impito alterada  
Parecia que doutra parte vinha,  
Bem como Alfeo de Arcadia em Syracufa  
Vay bufcar os abraços de Aretufa.

Efte que era o mais graue na peffoa  
Destarte pera o Rey de longe brada,  
O tu a cujos reinos & coroa  
Grande parte do mundo ehta guardada,  
Nos outros, cuja fama tanto voa  
Cuja ceruiz bem nunca foy domada,  
Te auifamos que he tempo que ja mandes  
A receber de nos tributos grandes.

Eu fou o illuftre Ganges, que na terra  
Celefte, tenho o berço verdadeiro,  
Estoutro he o Indo Rey, que nesta ferra  
Que vês, feu nascimento tem primeiro:  
Cuftartemos com tudo dura guerra,  
Mas infitindo tu por derradeiro,  
Com não viftas victorias, fem receyo  
A quantas gentes vês poras o freyo:

Não diffe mais o rio Illuftre & fancto,  
Mas ambos defparecem num momento,  
Acorda Emanuel cum nouo efpanto  
E grande alteração de penfamento:  
Eftendeo nifto Febo o claro manto  
Pello efcurro Emifperio fomnolento:  
Veyo a menham no ceo pintando as côres  
De pudibunda rofa & roxas flores.

Chama o Rei os fenhores a confelho  
E propoẽ lhe as figuras da vifam,  
As palauras lhe diz do fancto velho,  
Que a todos forão grande admiração:  
Determinão o nautico aparelho  
Pera que com fublime coração  
Vaa a gente que mandar cortando os mares  
A bufcar nouos climas, nouos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito  
Se pofeffe o que o peito me pedia,  
Que fempre grandes coufas deste geito  
Prefago o coração me prometia:  
Não fey porque razão, porque refpeito,  
Ou porque bom final que em mi fe via,  
Me poẽ o inclyto Rei nas mãos a chaue  
Defte cometimento grande, & graue.

E com rogo & palauras amorofas  
Que he hũ mando nos Reis que a mais obriga,  
Me diffe: As coufas arduas & lufrofafas  
Se alcanção com trabalho & com fadiga:  
Faz as peffoas altas & famofas  
A vida que fe perde & que periga,  
Que quando ao medo infame não fe rende  
Então, fe menos dura, mais fe eftende.

Eu vos tenho entre todos efcolhido  
Para hũa emprefa qual a vos fe deue,  
Trabalho illuftre, duro & efclarefcido,  
O que eu fey que por mi vos fera leue:  
Não fofri mais, mas logo: O Rey fubido,  
Auenturarme a ferro, a fogo, a neuê,  
He tão pouco por vos que mais me pena  
Ser eſta vida coufa tão pequena.

Imaginay tamanhas auenturas  
Quaes Eurifteo a Alcides inuentaua,  
O lião Cleonêo, Arpias duras  
O porco de Erimanto, a Ydra braua:  
Decer em fim aas fombras vans & efcuras  
Onde os campos de Dite a Eftige laua,  
Porque a mayor perigo, a môr affronta  
Por vos, o Rey, o efprito & carne he prôpta.

Com merces fumptuofas me agardece  
E com razões me louua eſta vontade,  
Que a virtude louuada viue & crece,  
E o louuor altos cafos perfuade:  
A acompanharme logo fe offerece  
Obrigado damor & damizade,  
Não menos cobiçofô de honra & fama,  
O charo meu Irmão Paulo da Gama.

Mais fe me ajunta Nicolao Coello  
De trabalhos muy grande foffredor,  
Ambos fam de valia & de confelho  
Dexperencia em armas & furor:  
Ia de manceba gente me aparelho  
Em que crece o defejo do valer,  
Todos de grande esforço, & aſi parece  
Quem a tamanhas coufas fe offerece.

Forão de Emanoel remunerados,  
Porque com mais amor fe apercebeffem,  
E com palauras altas animados  
Pera quantos trabalhos foccedeffem:  
Aſi forão o Mynias ajuntados  
Pera que o veo dourado combateffem,  
Na Fatidiça nao, que oufou primeira  
Tentar o mar Euxinio, auentureira.

E ja no porto da inclita Vliffêa  
Cum aluroço nobre, & cum defejo,  
(Onde o licor meſtura & branca area  
Co falgado Neptuno o doce Tejo:)  
As naos preſtes eſtão, & não refrea  
Temor nenhum o iuuenil deſpejo,  
Porque a gente maritima & a de Marte  
Eſtão pera feguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os foldados  
De varias cores vem, & varias artes,  
E não menos de esforço aparelhados  
Pera buſcar do mundo nouas partes:  
Nas fortes naos os ventos foffegados  
Ondeão os aerios eſtandartes,  
Ellas prometem vendo os mares largos  
De fer no Olimpo eſtrellas como a de Argos.

Deſpois de aparelhados deſta forte  
De quanto tal viagem pede & manda,  
Aparelhamos a alma pera a morte

Que sempre aos nautas ante os olhos anda:  
Pera o fumo poder que a Etherea corte  
Softenta fo coa vista veneranda,  
Imploramos fauor que nos guiaffe  
E que noffos começos aspirafte.

Partimonos afsi do fancto templo  
Que nas Praes do mar eftâ affentado,  
Que o nome tem da terra, pera exemplo,  
Donde Deos foy em carne ao mundo dado:  
Certifico te, o Rey, que fe contemplo  
Como fuy deftas prayas apartado,  
Cheyo dentro de duuida & receyo  
Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.

A gente da cidade aquelle dia  
(Hûs por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver fomite) concorria  
Saudofos na vifta & defcontentes:  
E nos coa virtuofa companhia  
De mil religiofos diligentes,  
Em prociffam folene a Deos orando  
Pera os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho & duuidofo  
Por perdidos as gentes nos julgauão,  
As mulheres cum choro piadofo,  
Os homens com fufpiros que arrancauão:  
Mâis, Efpofas, Irmãs, que o temerofa  
Amor mais defconfia, acrecentauão  
A defefperação, & frio medo  
De ja nos não tornar a ver tão cedo.

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha  
So pera refrigerio, & doce emparo  
Desta canfada ja velhice minha,  
Que em choro acabarâ, penofa & amaro:  
Porque me deixas, mifera & mezquinha?  
Porque de mi te vas, o filho charo  
A fazer o funereo enterramento  
Onde fejas de pexes mantimento?

Qual em cabelo: O doce & amado efpofo  
Sem quem não quis amor que viuer poffa,  
Porque is auenturar ao mar irofo  
Effa vida que he minha, & não he voffa?  
Como por hum caminho duuidofo  
Vos efquece a afeição tão doce noffa?  
Noffo amor, noffo vão contentamento  
Quereis que com as vellas leue o vento.

Neftas & outras palauras que dizião  
De amor, & de piadofa humanidade,  
Os velhos & os mininos os feguião  
Em quem menos esforço poê a ydade:  
Os montes de mais perto refpondião  
Quafi mouidos de alta piedade,  
A branca area as lagrimas banhauão  
Que em multidão co ellas fe ygoalauão.

Nos outros fem a vista aleuantarmos  
Nem a Mãe, nem a Efpofa, nefte eftado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do preposito firme começado:  
Determiney de afsi nos embarcarmos  
Sem o defpedimento costumado,

Que pofto que he de amor vfança boa  
Aquem fe aparta, on fica, mais magoa.

Mas hum velho dafeito venerando,  
Que ficaua nas prayas, entre a gente,  
Poftos em nos os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça, defcontente,  
A voz peçada hum pouco aleuantando,  
Que nos no mar ouuimos claramente,  
Cum faber fo dexperiencias feyto  
Tais palauras tirou do experto peito.

O gloria de mandar, o vaã cubiça  
Defta vaidade, a quem chamamos Fama,  
O fraudolento gofto, que fe atiça  
Cũa aura popular, que honra fe chama:  
Que castigo tamanho & que juftiça  
fazes no peito vão que muito te ama,  
Que mortes, que perigos, que tormentas  
Que crueldades nelles efprimentas.

Dura inquietação dalma & da vida  
Fonte de defemparos & adulterios,  
Sagaz confumidora conhecida  
De fazendas, de reynos, & de imperios:  
Chamante illuftre, chamante fubida,  
Sendo dina de infames vituperios,  
Chamante Fama, & Gloria foberana,  
Nomes com quem fe o pouo nefcio engana.

A que nouos defaftres determinas  
De leuar estes reynos & efa gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinas  
Debaixo dalgum nome preminente?  
Que promeffas de reynos, & de minas  
Douro, que lhe faras tão facilmente?  
Que famas lhe prometeras, que hiftorias?  
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle infano  
Cujo peccado & defobediencia,  
Não fomente do reino foberano  
Te pos nefte defterro & trifte auufencia:  
Mas inda doutro estado mais que humano  
Da quieta & da fimpres innocencia,  
Idade douro, tanto te priuou  
Que na de ferro & darmas te deitou.

Ia que nesta goftofa vaidade  
Tanto enleuas a leue fantafia,  
Ia que aa bruta crueza & feridade  
Pofeste nome esforço & valentia,  
Ia que prezas em tanta quantidade  
O defprezo da vida, que deuia  
De fer fempre eftimada, pois que ja  
Temeo tanto perdella quem a dá.

Não tens junto com tigo o Ifmaelita  
Com quem fempre teras guerras fobejas?  
Não fegue elle do Arabio a ley maldita,  
Se tu polla de Chrifto fo pellejas?  
Não tem cidades mil, terra infinita,  
Se terras & riqueza mais defejas?  
Não he elle por armas esforçado  
Se queres por victorias fer louuado?

Deixas criar aas portas o inimigo

Por yres bufcar outro de tão longe,  
Por quem fe despouoe o reino antigo  
Se enfraqueça & fe vaa deitando a longe:  
Bufcas o incerto & incognito perigo  
Porque a fama te exalte & te lifonge,  
Chamando te fenhor com larga copia  
Da India, Perfia, Arabia, & de Ethiopia.

O maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas vella pôs en seco lenho,  
Dino da eterna pena do profundo  
Se he jufta a jufta ley que figo & tenho:  
Nunca juyzo algum alto & profundo,  
Nem cythara fonora, ou viuo engenho,  
Te dê por iffo fama, nem memoria,  
Mas comtigo fe acabe o nome & gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo  
O fogo que ajuntou ao peito humano,  
Fogo que o mundo em armas accendeo  
Em mortes, em defonras (grande engano)  
Quanto melhor nos fora Prometeo,  
E quanto pera o mundo menos dano,  
Que a tua eftatua Illuftre não tiuera  
Fogo de altos defejos, que a mouera.

Não cometera o moço miferando  
O carro alto do pay, nem o âr vazio  
O grande Achitector co filho, dando  
Hum, nome ao mar, & o outro, fama ao rio:  
Nenhum cometimento alto & nefando  
Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,  
Deixa intentado a humana geração:  
Mifera forte, eſtranha Condição!  
F I M.

#### • Canto Quinto.

Eftas fentenças tais  
o velho honrado  
Vociferando eſtaua, quando a-  
brimos  
As afas ao fereno & foffegado  
Vento, & do porto amado nos partimos:  
E como he ja no mar cuſtume vfado  
A vella desfraldando o ceo ferimos,  
Dizendo Boa viagem, logo o vento  
Nos troncos fez o vfado mouimento.

Entruaa neste tempo o eterno lume,  
No animal Nemeyo truculento,  
E o mundo que com tempo fe confume  
Na feita idade andaua enfermo & lento:  
Nella ve, como tinha por coſtume  
Curfos do Sol quatorze vezes cento,  
Com mais nouenta & fete, em que corria  
quando no mar a armada fe eſtendia.

Ia a vista pouco & pouco fe deſterra  
Daquelles patrios montes que ficauão,  
Ficaua o charo Tejo, & a frefca ferra  
De Sintra, & nella os olhos fe alongauão:  
Ficauanos tambem na amada terra  
O coração, que as magoas lâ diyxauão,  
E ja deſpois que toda fe eſcondeo  
Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Afsi fomos abrindo aquelles mares  
Que geração algũa não abrio,  
As nouas Ilhas vendo, & os novos ares,  
Que o generofo Enrique defcobrio:  
De Mauritania os montes & lugares  
Terra que Anteo num tempo poffuyo,  
Deyxando aa mão ezquerda, que aa direita  
Não ha certeza doutra, mas fofpeita.

Paffamos a grande Ilha da madeira  
Que do muito aruoredo afsi fe chama,  
Das que nos pouoamos, a primeira,  
Mais celebre por nome, que por fama:  
Mas nem por fer do mundo a derradeira  
Se lhe auentajão quantas Venus ama,  
Antes fendo esta fua fe efquecera  
De Cypro, Guido, Pafos, & Cythêra.

Deixamos de Mafsilia a eferil costa  
Onde feu gado os Azenegues pastão,  
Gente que as frescas agoas nunca gofta  
Nem as eruas do campo bem lhe abaftão:  
A terra a nenhum fruto em fim despofta,  
Onde as aues no ventre o ferro gastão,  
Padecendo de tudo extrema inopia  
Que aparta a Barbaría de Etiopia.

Paffamos o lemite aonde chega  
O Sol, que pera o Norte os carros guia,  
Onde jazem os pouos, a quem nega  
O filho de Climêne a cor do dia:  
Aqui gentes eftranhas laua & rega  
Do negro Sanagá a corrente fria,  
Onde o Cabo Arfinario o nome perde  
Chamando fe dos noffos Cabo verde.

Paffadas tendo ja as Canareas ilhas  
Que tiuerão por nome Fortunadas,  
Entramos nauegando pollas filhas  
Do velho Hefperio, Hefperidas chamadas  
Terras por onde nouas marauilhas  
Andarão vendo jaa noffas armadas,  
Ali tomamos porto com bom vento  
Por tomarmos da terra mantimento.

A aquella ilha aportamos, que tomou  
O nome do guerreiro Sanctiago,  
Sancto que os Eſpanhoes tanto ajudou  
A fazerem nos Mouros brauo eftrago:  
Daqui tanto que Boreas nos ventou  
Tornamos a cortar o immenfo lago,  
Do falgado Occeano, & afsi deixamos  
A terra onde o refrefco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte  
De Africa, que ficaua ao Oriente,  
A prouincia lalofo, que reparte  
Por diuerſas nações a negra gente:  
A muy grande Mandinga, por cuja arte,  
Logramos o metal rico & luzente,  
Que do curuo Gambea as agoas bebe  
As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas paffamos, pouoadas  
Das Irmaãs, que outrotempo ali viuião,  
Que de vista total fendo priuadas

Todas tres dhum fo olho fe feruião:  
Tu fo, tu cujas tranças encrefpadas  
Neptuno la nas agoas acendião,  
Torna la ja de todas a mais fea  
De biuoras enchefte a ardente area.

Sempre em fim pera o Auftro a aguda proa  
No grandifsimo golfão nos metemos,  
Deixando a ferra asperrima Lyoa  
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:  
O grande rio, onde batendo foa  
O mar nas prayas notas, que ali temos,  
Ficou, co a Ilha illuftre que tomou  
O nome dhum que o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno eftâ de Congo  
Por nos ja conuertido â fee de Christo,  
Por onde o Zaire paffa claro & longo  
Rio pellos antigos nuca vifto:  
Por efte largo mar em fim me alongo  
Do conhecido pollo de Califto,  
Tendo o termino ardente ja paffado  
Onde o meyo do mundo he limitado.

Ia defcuberto tinhamos diante  
La no nouo Hemifperio noua estrela  
Não vifta deoutra gente, que ignorante  
Algũs tempos efteue incerta della:  
Vemos a parte menos rutilante  
E por falta destrellas menos bella,  
Do Polo fixo, onde inda fe não fabe  
Que outra terra comece, ou mar acabe:

Afsi paffando aquellas regioes  
Por onde duas vezes paffa Apolo,  
Dous inuernos fazendo & dous veroes  
Em quanto corre dhum ao outro Polo:  
Por calmas, por tormentas & opreffoes  
Quefempre faz no mar o yrado Eolo,  
Vimos as Vrfas a pefar de Iuno  
Banharemfe nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigofas  
Coufas do mar, que os homẽs não entendem,  
Subitas trouoadas temerofas,  
Relampados que o ar em fogo acendem:  
Negros chuueiros, noites tenebrofas,  
Bramidos de trouoes que o mundo fendem,  
Não menos he trabalho, que grande erro  
Ainda que tiuiffe a voz de ferro.

Os cafos vi que os rudos marinheiros  
Que tem por meftra a longa experiencia,  
Contão por certos fempre & verdadeiros  
Iulgando as coufas fo polla apparencia.  
E que os que tem juizos mais inteiros  
Que fo por puro engenho & por ciencia,  
Vem do mundo, os fegredos efcondidos  
Iulgão por falfos, ou mal entendidos.

Vi claramente vifto o lume viuio  
Que a maritima gente tem por fanto,  
Em tempo de tormenta & vento efquiuo  
De tempeftade efcura & triste pranto:  
Não menos foy a todos eccefsiuo  
Milagre, & coufa certo de alto efpanto,

Ver as nuuês do mar com largo cano  
Soruer as altas agoas do Occeano.

Eu o vi certamente (& não prefumo  
Que a vista me enganaua) leuantar fe,  
No ar hum vaporzinho & futil fumo  
E do vento trazido, rodearfe:  
De aqui leuado hum cano ao Polo fumo  
Se via, tão delgado que enxergarfe  
Dos olhos facilmente não podia,  
Da materia das nuuês parecia.

Hiafe pouco & pouco acrecentando  
E mais que hum largo mafto fe engroffaua,  
Aqui fe eftreita, aqui fe alargaquando  
Os golpes grandes de agoa em fi chupaua:  
Eftauafe co as ondas ondeando,  
Encima delle hũa nuuem fe espeffaua,  
Fazendofe mayor mais carregada  
Co cargo grande dagoa em fi tomada.

Qual roxa Sanguefuga fe veria  
Nos beiços da alimaria (que imprudente,  
Bebendo a recolheo na fonte fria)  
Fartar co fangue alheyo a fede ardente:  
Chupando mais & mais fe engroffa & cria  
Ali fe enche & fe alarga grandemente,  
Tal a grande coluna, enchendo aumenta  
A fi, & a nuuem negra que fuftenta.

Mas despois que de todo fe fartou  
O pê que tem no mar a fi recolhe,  
E pello ceo chouendo em fim voou  
Porque coa agoa a jacente agoa molhe:  
Aas ondas torna as ondas que tomou:  
Mas o fabor do fal lhe tira, & tolhe,  
Vejão agora os fabios na efcryptura  
Que fegredos fam estes de Natura.

Se os antigos Philofophos, que andarão  
Tantas terras, por ver fegredos dellas,  
As marauilhas que eu paffei, paffarão  
A tão diuerfos ventos dando as vellas:  
Que grandes efcrypturas que deixarão  
Que influição de finos & de eftrellas,  
Que efranzezas, que grandes qualidades,  
E tudo fem mentir, puras verdades.

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes apreffada,  
Agora meyo rosto, agora inteiro  
Mostrara, em quãto o mar cortaua a armada:  
Quando da Eterea gauea hum marinheiro  
Prompto coa vista, terra, terra, brada,  
Salta no bordo aluoroçada a gente  
Cos olhos no Orizante do Oriente.

A maneira de nuuês fe começo  
A defcubrir os montes que enxergamos,  
As ancoras peçadas fe adereção,  
As vellas ja chegados amainamos:  
E pera que mais certas fe conheção  
As partes tão remotas onde eftamos,  
Pello nouo infrumento do Astrolabio  
Inuenção de futil juizo & fabio.

Defembarcamos logo na eſpaçoſa

Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver coufas estranhas defejofa  
Da terra que outro pouco não pisou:  
Porém eu com os pilotos na areia  
Praia, por vermos em que parte está,  
Me detenho, em tomar do sol a altura  
E comparar a universal pintura.

Achamos ter de todo já passado  
Do Semicapri peixe a grande meta,  
Estando entre ele & o círculo gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta:  
Eis de meus companheiros recedendo  
Vejo um estranho vir de pele preta,  
Que tomarão por força, em quanto apanha  
De mel os doces favos na montanha.

Torquado vem na vista, como aquele  
Que não se vira nunca em tal extremo,  
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,  
Selvagem mais que o bruto Polifemo:  
Começou a mostrar da rica pele  
De Colcos o gentil metal supremo,  
A prata fina, a quente especiaria:  
A nada disto o bruto se movia.

Mando mostrar-lhe peças mais formosas  
Contas de Cristallo transparente,  
Alguns fontes caçaveis pequenos,  
Um barrete vermelho, cor contente:  
Vi logo por finais & por acenos  
Que com isto se alegrou grandemente,  
Mando o folgar com tudo, & assim caminha  
Pela a poucação, que perto tinha.

Mas logo ao outro dia seus parceiros  
Todos nós, & da cor da escura treva,  
Decendo pelos ásperos outeiros  
As peças vem buscar que estoutro leu:  
Domésticos já tanto & companheiros  
Se nos mostram, que fazem que se atreva,  
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato  
E partir-se com eles pelo mato.

He Velloso no braço confiado  
E de arrogante cre que vai seguro,  
Mas, sendo um grande espaço já passado,  
Em que algum bom final fazer procuro:  
Estando, a vista alçada, com cuidado  
No aventureiro, eis pelo monte duro  
Aparece, & segundo ao mar caminha  
Mais apressado do que fora vinha.

O barco de Coelho foi depressa  
Pouco tomar, mas antes que chegasse,  
Um Etíope ufado se arremessa  
A ele porque não se lhe escapasse:  
Outro & outro lhe fazem vossa prefa  
Velloso, sem que alguém lhe ali ajudasse,  
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto  
Se mostra um bando negro descoberto.

Da espreita nuem fêtas & pedradas  
Chouem sobre nos outros sem medida,  
E não foram ao vento em vão deitadas  
Que esta perna trouxe eu dali ferida:

Mas nos como peffoas magoadas  
A repofta lhe demos tão tecida,  
Que em mais que nos barretes fe fofpeita  
Que a cor vermelha leuão defta feita.

E fendo ja Vellofo em faluamento  
Logo nos recolhemos pera a armada,  
Vendo a malicia fea & rudo intento  
Da gente beftial, bruta & maluada:  
De quem nenhum melhor conhecimento  
Podemos ter da India defejada,  
Que eftarmos inda muyto longe della  
E afsi torney a dar ao vento a vella.

Diffe então a Vellofo hum companheiro  
(Começando fe todos a forrir)  
Oula Vedolo amigo, aquelle outeiro  
He melhor de decer que de fubir:  
Si he, refponde o oufado auentureiro  
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,  
Daquelles caës, de preffa hum pouco vim  
Por me lembrar que estaueis ca fem mim.

Contou então que tanto que paffarão  
Aquelle monte, os negros de quem fallo,  
Auante mais paffar o não deixarão,  
Querendo, fe não torna, ali matallo:  
E tornando fe, logo fe embofcarão  
Porque faindo nos pera tomallo,  
Nos podeffem mandar ao reino efcurto  
Por nos roubar em mais a feu feguro.

Porem ja cinco Soes erão paffados  
Que dali nos partiramos, cortando  
Os mares nunca doutrem nauegados,  
Profferamente os ventos affoprando:  
Quando hũa noite estando defcuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Hũa nuuem que os ares efclarece  
Sobre noffas cabeças aparece.

Tão temerofa vinha & carregada,  
Que pos nos coraçõs hum grande medo,  
Bramindo o negro mar, de longe brada  
Como fe deffe em vão nalgum rochedo:  
O poteftade, diffe, fublimada  
Que ameaço diuino, ou que fegredo,  
Efte clima, & efte mar nos apresenta,  
Que môr coufa parece que tormenta?

Não acabaua, quando hũa figura  
Se nos mostra no ar, robufta & valida,  
De disforme & grandifsima eftatura,  
O rofto carregado, a barba efqualida:  
Os olhos encouados, & a poftura  
Medonha & maa, & a cor terrena & palida,  
Cheos de terra & crespos os cabellos,  
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem poffo  
Certificarte, que este era o fegundo  
De Rodes efranhifsimo Coloffo,  
Que hum dos fete milagres foy do mundo:  
Cum tom de voz nos falla horrendo & groffo  
Que pareceo fair do mar profundo,  
Arrepião fe as carnes & o cabelo

A mi, & a todos, foo de ouuillo & vello.

E diffe: O gente oufada mais que quantas  
No mundo cometerão grandes coufas,  
Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
E por trabalhos vãos nunca repoufas:  
Pois os vedados terminos quebrantas  
E nauegar meus longos mares oufas,  
Que eu tão tempo ha ja que guardo, & tenho  
Nunca arados deftranho, ou proprio lenho.

Pois vens ver os fegredos efcondidos  
Da natureza, & do humido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre, ou de immortal merecimento:  
Ouue os danos de mi, que apercebidos  
Eftão, a teu fobejo atreuimento,  
Por todo o largo mar & polla terra  
Que inda has de fojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos eſta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atreuidas  
Inimiga terão eſta paragem  
Com ventos & tormentas defmedidas:  
E da primeira armada que paſſagem  
Fizer por eſtas ondas infuffridas,  
Eu farey dimprouiſo tal caſtigo  
Que feja môr o dano que o perigo.

Aqui eſpero tomar fe não me engano  
De quem me defcobrio fuma vingança,  
E não fe acabará fo niſto o dano  
De voffa pertinace confiança:  
Antes em voffas naos vereys cada anno  
Se he verdade o que meu juyzo alcança,  
Naufragios, perdições de toda forte,  
Que o menor mal de todos feja a morte.

E do primeiro Illuſtre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os Ceos,  
Serey eterna & noua ſepoltura  
Por juizos incognitos de Deos:  
Aqui porà da Turca armada dura  
Os foberbos & proſperos tropheos,  
Comigo de feus danos o ameaça  
A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virâ de honrada fama  
Liberal, caualeiro, enamorado,  
E conſigo trará a fermofa dama  
Que Amor por gram merce lhe terá dado:  
Trifte ventura, & negro fado os chama  
Neste terreno meu, que duro & yrado,  
Os deixará dhum crú naufragio viuos  
Pera verem trabalhos ecceſtiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos  
Em tanto amor gêrados & nacidos,  
Verão os Cafres aſperos & auaros  
Tirar aa linda dama feus veſtidos:  
Os cristalinos membros & perclaros  
Aa calma, ao frio, no ar verão deſpidos,  
Deſpois de ter pifada longamente  
Cos delicados pêſ a area ardente.

E verão mais oſolhos que eſcaparem  
De tanto mal, de tanta defventura,

Os dous amantes míferos ficarem  
Na feruida & implacabil efpeffura:  
Ali defpois que as pedras abrandarem  
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,  
Abraçados as almas foltaram  
Da fermofa & miferrima prifam.

Mais hia por diante o monstro horrendo  
Dizendo noffos fados, quando alçado  
Lhe diffe eu: Quem es tu? que effe estupendo  
Corpo, certo me tem marauilhado  
A boca & os olhos negros retorcendo,  
E dando hum efpantofa & grande brado,  
Me refpondeo, com voz pefada & amara  
Como quem da pergunta lhe pefara.

Eu fou aquelle occulto & grande Cabo  
A quem chamais vos outros Tormentorio,  
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Efrabo,  
Plinio, & quantos paffarão fuy notorio:  
Aqui toda a Africana cofta acabo  
Nefte meu nunca vifto Promontorio,  
Que pera o Polo Antariuo fe eftende  
A quem voffa oufadia tanto offende.

Fuy dos filhos afperrimos da terra  
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,  
Chameime Adamaftor, & fuy na guerra  
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:  
Não que pofeffe ferra fobre ferra  
Mas conquiftando as ondas do Occeano,  
Fuy capitão domar, par onde andaua  
A armada de Neptuno, que eu bufcaua.

Amores da alta efpofo de Peleo  
Me fizerão tomar tamanha empresa,  
Todas as Deofas defprezey do ceo  
So par amar das agoas a Princefa:  
Hum dia a vi coas filhas de Nereo  
Sayr nua na praya, & logo pefá,  
A vontade finti, de tal maneira  
Que inda não finto coufa que mais queira.

Como foffe impofsibil alcançalla  
Polla grandeza fea de meu gefto,  
Determiney por armas de tomalla  
E a Doris efte cafo manifesto:  
De medo a Deofa então por mi lhe falla:  
Mas ella cum fermofo rifo honesto,  
Refpondeo: Qual fera o amor bafante  
De Nimpha que fultente o dhum Gigante.

Com tudo por liurarmos o Occeano  
De tanta guerra, eu bufcarey maneira,  
Com que com minha honra efcufo o dano.  
Tal refpofta me torna a menfageira:  
Eu que cair não pude neste engano,  
(Que he grande dos amantes a cigueira)  
Encherãome com grandes abondanças  
O peito de defejos & efperanças.

Ia nefcio, ja da guerra defiftindo  
Hũa noite de Doris prometida,  
Me aparece de longe o gefto lindo  
Da branca Thetis vnica defpida:  
Como doudo corri de longe, abrindo

Os braços, pera aquella que era vida  
Defte corpo, & começo os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não fey de nojo como o conte  
Que crendo ter nos braços quem amaua,  
Abraçado me achey cum duro monte  
De áspero mato, & de efpeffura braua:  
Eftando cum penedo fronte a fronte  
Queu pollo rofto angelico apartaua,  
Não fiquey homem não, mas mudo & quedo  
E junto dhum penedo outro panedo

O Nimpha a mais fermofa do Oceano  
Ia que minha preferença não te agrada,  
Que te cuftaua terme nefte engano,  
Ou foffe monte, nuuem, fonho, ou nada:  
Daqui me parto irado, & quafi infano  
Da magoa & da defonra ali paffada,  
A bufcar outro mundo, onde não viffe  
Quem de meu pranto, & de meu mal fe riffe.

Erão ja nefte tempo meus Irmãos  
Vencidos & em miferia extrema poftos,  
E por mais fegurarfe os Deofes vão  
Algũs a varios montes fottopostos:  
E como contra o Ceo não valem mãos,  
Eu que chorando andaua meus defgoftos,  
Comecey a fentir do fado imigo  
Por meus atreuimentos o caftigo.

Conuertefeme a carne em terra dura,  
Em penedos os offos fe fizerão,  
Eftes membros que ves & esta figura  
Por eftas longas agoas fe estenderão:  
Em fim minha grandifsima eftatura  
Nefte remoto cabo conuerterão  
Os Deofes, & por mais dobradas magoas  
Me anda Thetis cercando deftas agoas.

Afsi contaua & cum medonho choro  
Subito dante os olhos fe apartou,  
Desfez fe a nuuem negra, & cum fonoro  
Bramido, muito longe o mar foou:  
Eu, leuando as mãos ao fancto coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deos pedi que remoueffe os duros  
Cafos, que Adamaftor contou futuros.

Ia Phlegon, & Pyrois vinhão tirando  
Cos outros dous o carro radiante,  
Quando a terra alta fe nos foy mostrando  
Em que foy conuertido o grão gigante:  
Ao longo desta costa, começando  
Ia de cortar as ondas do Leuante,  
Por ella abaixo hum pouco nauegamos  
Onde fegunda vez terra tomamos.

A gente que esta terra poffuya  
Pofto que todos Etiopes erão,  
Mais humana no trato parecia  
Que os outros, que tão mal nos receberão:  
Com bailos & com feftas de alegria  
Pella praya arenofa a nos vierão,  
As mulheres configo & o manfo gado  
Que apacentauão, gordo & bem criado.

As molheres queimadas vem encima  
Dos vagarofos bois, ali fentadas  
Animais que elles tem em mais eftima  
Que todo o outro gado das manadas:  
Cantigas pafitoris, ou profa, ou rima,  
Na fua lingua cantão concertadas,  
Co doce fom das rusticas auenas  
Imitando de Titiro as Camenas.

Eftes como na vifta prazenteiros  
Foffem, humanamente nos tratarão,  
Trazendonos galinhas & carneiros  
A troco doutras peças que leuarão:  
Mas como nunca em fim meus companheiros  
Palaura fua algũa lhe alcançarão  
Que deffe algun final do que bufcamos:  
As vellas dando, as ancoras leuamos.

Ia aqui tinhamos dado hum gram rodeyo  
Aa cofta negra de Africa, & tornaua  
A proa a demandar o ardente meyo  
Do Ceo, & o polo Antartico ficaua:  
Aquelle ilheo deixamos, onde veyo  
Outra armada primeira, que bufcaua  
O tormentorio Cabo, & defcuberto,  
Naquelle ilheo fez feu limite certo.

Daqui fomos cortando muitos dias  
Entre tormentas tristes & bonanças,  
No largo mar fazendo nouas vias  
So conduzidos de arduas efperanças:  
Co mar hum tempo andamos em porfias  
Que como tudo nelle fam mudanças,  
Corrente nelle achamos tão poffante  
Que paffar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demafia  
Segundo pera tras nos obrigaua,  
Do mar, que cantro nos ali corria  
Que por nos a do vento que affopraua:  
Injuriado Noto da porfia  
Em que co mar (parece) tanto eftaua  
Os affopros esforça iradamente  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

Trazia o Sol o dia celebrado  
Em que tres Reis das partes do Oriente,  
Forão bufcar hum Rey de pouco nado  
No qual Rey outros tres ha juntamente:  
Nefte dia outro porto foy tomado  
Por nos, da mefma ja contada gente,  
Num largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia em que por elle nos metemos.

Defta gente refrefco algum tomamos,  
E do rio fresca agoa, mas com tudo  
Nenhum final aqui da India achamos  
No pouo com nos outros cafi mudo:  
Ora vê Rey quamanha terra andamos  
Sem fair nunca defte pouo rudo,  
Sem vermos nunca noua, nem final,  
Da defejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados  
Andariamos todos, quam perdidos,  
De fomes, de tormentas quebrantados

Por climas & por mares não fabidos:  
E do esperar comprido tão canfados  
Quanto a defesperar ja compellidos,  
Por ceos não naturais, de qualidade  
Inimiga de noffa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento  
Danofó & mão ao fraco corpo humano,  
E alem diffo nenhum contentamento  
Que fequer da esperança foffe engano:  
Cres tu que fe este noffo ajuntamento  
De foldados, não fora Lufitano,  
Que durara elle tanto obediente  
Por ventura a feu Rey & a feu regente?

Cres tu que ja não forão leuantados  
Contra feu capitão fe os refiftira,  
Fazendo fe Piratas, obrigados  
De defesperação, de fome, de ira?  
Grandemente, porcerto eftão prouados  
Pois que nenhum trabalho grande os tira  
Daquella Portuguefa alta excellencia  
De lealdade firme, & obediencia.

Deixando o porto em fim do doce rio  
E tornando a cortar a agoa falgada,  
Fizemos defta costa algum defuio  
Deitando pera o pego toda a armada:  
Porque ventando Noto manfo & frio  
Nã nos apanhaffe a agoa da enfeada,  
Que a cofta faz ali daquella banda  
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Efta paffada, logo o leue leme  
Encomendado ao facro Nicolao,  
Pera onde o mar na cofta brada & geme  
A proa inclina dhũa & doutra nao.  
Quando indo o coração que efpera & teme  
E que tanto fiou dhum fraco pao,  
Do que efparaua ja defesperado  
Foy dhũa nouidade aluoroçado.

E foy, que eftando ja da costa perto  
Onde as prayas & valles bem fe vião,  
Num rio, que ali fae ao mar aberto  
Bateis aa vela entrauão & fayão:  
Alegria muy grande foy porcerto  
Acharmos ja peffoas que fabião  
Neuegar, porque entrellas efperamos  
De achar nouas algũas, como achamos.

Ethiopes fam todos, mas parece  
Que com gente melhor comunicauão,  
Palaura algũa Arabia fe conhece  
Entre a lingoagem fua que falauão.  
E com pano delgado que fe tece  
De algodão, as cabeças apertauãa,  
Com otro que de tinta azul fe tinge  
Cadahum as vergonhofas partes cinge.

Pella Arabica lingoa que mal falão,  
E que Fernão martinz muy bem entende  
Dizem, que por nos, que em grãdeza ygoalão  
As noffas, o feu mar fe corta & fende.  
Mas que la donde fae o Sol, fe abalão  
Pera onde a cofta ao Sul fe alarga, & eftende

E do Sul pera o Sol, terra onde auia  
Gente afsi como nos da cor do dia.

Muy grandemente aqui nos alegramos  
Coa gente, & com as nouas muito mais.  
Pellos finais que nefte rio achamos  
O nome lhe ficou dos bons finais:  
Hum padrão nefta terra aleuantamos  
Que pera afinalar lugares tais  
Trazia alguns, o nome tem do bello  
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cafcas & doftrinhos,  
Nojofa criação das agoas fundas,  
Alimpamos as naos, que dos caminos  
Longos do mar, vem furdidas & immundas:  
Dos ofpedes que tinhamos vizinhos  
Com mostras apraziueis & jocundas,  
Ouuemos fempre o vfado mantimento  
Limpas de todo o falfo penfamento.

Mas não foy, da efperança grande & immenfa  
Que nefta terra ouuemos, limpa & pura  
A alegria: mas logo a recompensa  
A Ramnufia com noua defuentura:  
Afsi no ceo fereno fe difpenfa,  
Coesta condição pefada & dura  
Nacemos, o pefar terá firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.

E foy que de doença crua & feya  
A mais que eu nunca vi, defempararão  
Muitos a vida, & em terra efranha & alheia  
Os offos pera fempre fepultarão:  
Quem auerâ que fem o ver o creya  
Que tão disformemente ali lhe incharão,  
As gingiuas na boca, que crecia  
A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto  
Cheiro, que o âr vizinho inficionaua,  
Não tinhamos ali medico aftuto,  
Surgião futil menos fe achaua:  
Mas qualquer neste officio pouco inffructo  
Pella carne ja podre afsi cortaua,  
Como fe fora morta, & bem conuinha  
Pois que morto ficaua quem a tinha.

Em fim que nefta incognita efpeffura  
Deixamos pera fempre os companheiros,  
Que em tal caminho & em tanta defuentura  
Forão fempre com nofco auentureiros:  
Quam facil he ao corpo a fepultura  
Quaefquer ondas do mar, quaefquer outeiros,  
Estranhos, afsimefmo como aos noffos,  
Receberão de todo o illuftre os offos.

Afsi que defte porto nos partimos  
Com mayor efperança & mór trifteza,  
E pella cofta abaixo o mar abrimos  
Bufcando algum final de mais firmeza:  
Na dura Moçambique em fim furgimos,  
De cuja falfidade & mâ vileza  
Ia feras fabedor, & dos enganos  
Dos poucos de Mombaça pouco humanos.

Ate que aqui no teu feguardo porto,

Cuja brandura & doce tratamento,  
Darâ faude a hum viuo, & vida a hũ morto,  
Nos trouxe a piedade do alto affento:  
Aqui repoufou, aqui doce conforto,  
Noua aquietação do penfamento  
Nos deste, & vês aqui fe atente ouuifte,  
Te contey tudo quanto me pediste.

Iulgas agora Rey fe ouue no mundo  
Gentes que tais caminhos cometeffem?  
Crês tu que tanto Eneas & o facundo  
Vliffes, pello mundo fe eftendeffem?  
Oufou algum a ver do mar profundo  
Por mais verfos que delle fe efcreueffem,  
Do que eu vi, a poder desforço & de arte,  
E do que inda ei de ver, a oitaua parte?

Effe que bebeo tanto da agoa Aonia  
Sobre quem tem contenda peregrina,  
Entre fi, Rodes, Smirna, & Colofonia,  
Atenas, Yos, Argo, & Salamina:  
E foutro que efclarece toda Aufonia,  
A cuja voz altifona & diuina  
Ouuindo, o patrio Mincio fe adormece,  
Mas o Tibre co fom fe enfoberuece.

Cantem, louuem, & efereução fempre eftremos  
Deffes seus Semideofes, & encareção,  
Fingindo Magas Circes, Polifemos,  
Syrenas que co canto os adormeção:  
Dem lhe mais nauegar â vella & remos  
Os Cicones, & a terra onde fe efquecem  
Os companheiros em goftando o Loto,  
Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

Ventos foltos lhe finjão & imaginem  
Dos odres, & Calipfos namoradas,  
Harpias, que o manjar lhe contaminem  
Decer aas fombras nuas ja paffadas:  
Que por muito & por muito que fe afinem  
Nestas Fabulas vaãs tambem fonhadas,  
A verdade que eu conto nua & pura  
Vence toda grandiloca efcriptura.

Da boca do facundo capitão  
Pendendo eftauão todos embibidos,  
Quando deu fim aa longa narração  
Dos altos feitos grandes & fubidos:  
Louua o Rey o fublime coração  
Dos Reis em tantas guerras conhecidos,  
Da gente louua a antiga fortaleza,  
A lealdade danimo & nobreza.

Vay recontando o pouo que fe admira  
O cafo cada qual que mais notou,  
Nenhum delles da gente os olhos tira  
Que tão longos caminhos rodeou:  
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira  
Que o irmão de Lampecia mal guiou,  
Por vir a defcanfar nos Thetios braços  
E el Rey fe vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a jufta gloria  
Dos proprios feitos, quando fam foados,  
Qualquer nobre trabalha que em memoria  
Vença, ou ygoale os grandes ja paffados:

As enuejas da illustre & alhea hiftoria  
Fazem mil vezes feitos fublimados,  
Quem valerofas obras exercita  
Louuor alheo muito o efperta & incita.

Não tinha em tanto os feitos gloriofos  
De Achilles, Alexandro na pelleja,  
Quanto de quem o canta, os numerofos  
Verfos, iffo fo louua, iffo defeja:  
Os tropheos de Melciades famofos  
Temiftocles despertão fo de enueja,  
E diz, que nada tanto o deleitaua  
Como a vez que feus feitos celebraua.

Trabalha par mostrar Vafco da Gama  
Que effas nauegações que o mundo canta,  
Não merecem tamanha gloria & fama:  
Como a fua, que o ceo & a terra espanta:  
Si mas aquelle Heroe que eftima & ama  
Com doês, merces, fauores, & honra tanta  
A lira Mantuana faz que foe  
Eneas, & a Romana gloria voe.

Dâ a terra Lufitana Scipioês  
Cefares, Alexandros, & da Auguftos,  
Mas não lhe dê com tudo aquelles doês  
Cuja falta os faz duros & robustos  
Octauio, entre as mayores opreffoês  
Compunha verfos doutos & venuftos,  
Não dirâ Fuluia certo que he mentira  
Quando a deixaua Antonio por Glafira.

Vay Cefar fojugando toda França  
E as armas não lhe empedem a fciençia,  
Mas nũa mão a pena, & noutra a lança  
Igoalaua de Cicero a eloquencia:  
O que de Scipião fe fabe & alcança  
He nas comedias grande experiencia,  
Lia Alexandro a Homero de maneira  
Que fempre fe lhe fabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão  
Que não foffe tambem douto & fciente,  
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação  
Se não da Portuguefa tão fomente:  
Sem vergonha o não digo, que a rezão  
Dalgum não fer por verfos excelente,  
He não fe ver prezado o verfo & rima,  
Porque quem não fabe arte não na eftima.

Por iffo & não por falta de Natura  
Não ha tambem Virgilios nem Homeros,  
Nem auerâ fe efte coftume dura  
Pios Eneas, nem Achilles feros:  
Mas o pior de tudo he que a ventura  
Tão afperos os fez, & tão Austeros,  
Tão rudos, & de ingenho tão remiffo  
Que a muitos lhe dê pouco, ou nada diffo.

Aas Mufas agardeça o noffo Gama  
O muito amor da patria, que as obriga  
A dar aos feus na lira nome & fama  
De toda a illuftre & bellica fadiga:  
Que elle, nem quem na eftirpa feu fe chama,  
Caliope não tem por tão amiga,  
Nem as filhas do Tejo, que deixaffem

As tellas douro fino, & que o cantaffem.

Porque o amor fraterno & puro gosto  
De dar a todo o Lufitano feito  
Seu louvor, he fomite o profuposto  
Das Tagides gentis, & feu refpeito:  
Porem não deixo em fim de ter defpofto  
Ninguem a grandes obras fempre o peito,  
Que por efta, ou por outra qualquer via  
Não perdera feu preço & fua valia.

**F I M.**

• Canto Seifto.

Nam fabia em que  
modo festejaffe  
O Rey Pagão os fortes nauegan  
tes,  
Pera que as amizades alcançaffe  
Do Rey Chriftão, das gentes tão poffantes:  
Pefalhe que tão longe o apoufentaffe  
Das Europeas terras abundantes,  
A ventura, que namno fez vizinho  
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

Com jogos, danças, & outras alegrias  
A fegundo a policia Melindana,  
Com vfadas & ledas pefcarias  
Com que a Lageia Antonio alegre & engana:  
Efte famofo Rey todos os dias  
Fefteja a companhia Lufitana,  
Com banquetes, manjares defufados  
Com frutas, aues, carnes, & pefcados.

Mas vendo o Capitão que fe detinha  
Ia mais do que deuia, & o fresco vento  
O conuida que parta & tome afinha,  
Os Pilotos da terra & mantimento,  
Não fe quer mais deter, que ainda tinha  
Muito pera cortar do falfo argento,  
Ia do Pagão benigno fe defpede  
Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto feja  
Sempre com fuas Frotas vifitado,  
Que nenhum outro bem mayor defeja  
Que dar a tais baroês feu reino & estado:  
E que em quanto feu corpo o fprito reja  
Eftarâ de contino aparelhado,  
A pôr a vida & reino totalmente  
Por tão bom Rey, por tão fublime gente.

Outras palauras tais lhe refpondia  
O Capitão, & logo as vellas dando,  
Pera as terras da Aurora fe partia,  
Que tanto tempo ha ja que vay bufcando:  
No Piloto que leua não auia  
Falfidade, mas antes vay moftando  
A nauegação certa, & afsi caminha  
Ia mais feguro do que dantes vinha.

As ondas nauegauão do Oriente  
Ia nos mares da India, & enxergauão  
Os talamos do Sol, que nace ardente,

Ia quafi feus defejos fe acabauão:  
Mas o mao de Tioneo, que na alma fente  
As venturas, que então fe aparelhauão  
Aa gente Lufitana dellas dina,  
Arde, morre, blasfema & defatina.

Via eftar todo o Ceo determinado  
De fazer de Lisboa noua Roma,  
Não no pode efortuar, que deftinado  
Eftâ doutro poder que tudo doma,  
Do Olimpo dece em fim defefperado,  
Nouo remedio em terra bufca, & toma,  
Entra no humido reino, & vaife aa corte  
Daquelle, a quem o mar cayo em forte.

No mais interno fundo das profundas  
Cauernas altas, onde o mar fe efconde,  
La donde as ondas faem furibundas,  
Quando aas iras do vento o mar refponde,  
Neptuno mora, & morão as jocundas  
Nereidas, & outros Deofes do mar, onde  
As agoas campa deixão aas cidades,  
Que habitão eftas humidas deidades.

Defcobre o fundo nunca defcuberto  
As areas ali de prata fina,  
Torres altas fe vem no campo aberto  
Da tranfparente maffa criftalina,  
Quanto fe chegão mais os olhos perto,  
Tanto menos a vista determina  
Se he criftal o que vê, fe diamante,  
Que afsi fe moftra claro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas  
Do rico aljofar que nas conchas nace,  
De efculptura fermofa eftão lauradas,  
Na qual do irado Baco a vifta pace:  
E vê primeiro em cores variadas  
Do velho Chaos a tão confufa face,  
Vemfe os quatro elementos trafladados  
Em diuerfos officios occupados.

Ali fublime o Fogo eftaua encima,  
Que em nenhũa materia fe fuftinha,  
Daqui as coufas viuas fempre anima,  
Defpois que Prometeo furtado o tinha:  
Logo a pos elle leue fe fublima  
O inuifibil Ar, que mais afinha  
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,  
Algum deixa no mundo eftar vazio

Eftaua a terra em montes reuestida  
De verdes eruas & aruores floridas,  
Dando pasto diuerfo & dando vida  
Aas alimarias nella produzidas:  
A clara forma ali eftaua efculpida  
Das agoas entre a terra defparzidas,  
De peccados criando varios modos,  
Com feu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte efculpida eftaua a guerra  
Que tiuerão os Deofes cos Gigantes,  
Esta Tifeo debaixo da alta ferra  
De Etna, que as flamas lança crepitantes:  
Efculpido fe vê ferindo a terra  
Neptuno, quando as gentes ignorantes.

Delle o caualllo ouuerão, & a primeira  
De Minerua pacifica Ouliueira.

Pouca tardança faz Lyeo irado  
Ne vifta deftas coufas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que auifado  
Da vinda fua, o eftaua ja aguardando:  
Aas portas o recebe, acompanhado  
Das Nimphas, que fe eftão marauilhando,  
De ver que cometendo tal caminho,  
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.

O Neptuno, lhe diffe, não te espantes.  
De Baco nos teus reinos receberes,  
Porque tambem cos grandes & poffantes  
Mostra a Fortuna injufta feus poderes:  
Manda chamar os Deofes do mar, antes  
Que fale mais, fe ouuirme o mais quiferes,  
Verão da defuentura grandes modos,  
Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando ja Neptuno que feria  
Eftranho cafo aquelle, logo manda  
Tritão, que chame os Deofes da agoa fria,  
Que o mar habitão dhũa & doutro banda,  
Tritão, que de fer filho fe gloria  
Do Rey, & de Salacia veneranda,  
Era mancebo grande, negro & feyo  
Trombeta de feu pay, & feu Correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem  
Da cabeça nos ombros, todos erão,  
Hũs limos prenhes dagoa, & bem parecem  
Que nunca brando pentem conhecerão:  
Nas pontas pendurados não falecem  
Os negros Mifilhoês, que ali fe gerão,  
Na cabeça por gorra tinha pofta  
Hũa muy grande cafca de Lagofta.

O corpa nú, & os membros genitais  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porem de pequenos animais  
Do mar, todos cubertos cento & cento:  
Camaroês, & Cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento,  
Oftras, & Camaroês do mufco çujos,  
As coftas coa cafca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida  
Que trazia, com força ja tocaua,  
A voz grande canora foy ouuida  
Por todo o mar, que longe retumbaua:  
Ia toda a companhia apercebida  
Dos Deofes, para os paços caminhaua  
Do Deos, que fez os muros de Dardania,  
Deftruidos defpois da Grega infania.

Venha o padre Oceano acompanhado  
Dos filhos & das filhas que gerara,  
Vem Nereo, que com Doris foy caçado,  
Que todo o mar de Nimphas pouoara:  
O Propheta Proteo, deixando o gado  
Maritimo pacer pella agoa amara,  
Ali veyo tambem, mas ja fabia  
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha por outra parte a linda efpoa

De Neptuno, de Celo & Vesta filha,  
Graue & leda no gesto, & tão fermofa  
Que fe amanfaua o mar de marauilha:  
Veftida hũa camifa preciofa  
Trazia de delgada beatilha,  
Que o corpo cristalino dexa verfe,  
Que tanto bem não he para efconderfe.

Anfitrite fermofa como as flores,  
Nefte cafo não quis que faleceffe,  
O Delfim traz configo, que aos amores  
Do Rey lhe aconselhrou que obedeceffe:  
Cos olhos que de tudo fam fenhores  
Qualquer parecera que o Sol venceffe,  
Ambas vem pella mão, ygoal partido  
Pois ambas fam efpofof dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante  
Fugindo, veyo a ter diuino eftado,  
Configo traz o filho, belli Infante,  
No numero dos Deofes relatado.  
Pella praya brincando vem diante  
Com as lindas conchinhas, que o falgado  
Mar fempre cria, & aas vezes pella area  
No colo o toma a bella Panopea.

E o Deos que foy num tempo corpo humano,  
E por virtude da erua poderofa  
Foy conuertido em pexe, & defte dano  
Lhe refultou deidade gloriofa,  
Inda vinha chorando o feio engano,  
Que Circes tinha vfado coa fermofa  
Scylla, que elle ama, desta fendo amado  
Que a mais obriga amor mal empregado.

Ia finalmente todos affentados  
Na grande fala nobre & diuinal,  
As Deofas em riquifsimos efrados,  
Os Deofes em cadeiras de cristal:  
Forão todos do Padre agafalhados,  
Que co Thebano tinha affento ygoal:  
De fumos enche a cafa a rica maffa  
Que no mar nace, & Arabia em cheiro paffa.

Eftando foffegado ja o tumulto  
Dos Deofes, & de feus recebimentos,  
Começa a defcubrir do peito occulto,  
A caufa o Tyoneo de feus tormentos:  
Hum pouco carregando fe no vulto,  
Dando moftra de grandes sentimentos,  
So por dar aos de Lufo trifte morte  
Co ferro alheyo, fala defta forte.

Princepe que de juro fenhoreas  
Dhum Polo, ao outro Polo o mar irado,  
Tu que as gentes da terra toda enfreas,  
Que não paffem o termo limitado:  
E tu padre Oceano, que rodeas  
O mundo vniuerfal, & o tens cercado:  
E com jufto decreto afsi parmites,  
Que dentro viuão fo de feus limites.

E vos Deofes do mar, que não foffreis  
Injuria algũa em voffo reino grande,  
Que com castigo ygoal vos não vingueis,  
De quemquer que por elle corra, & ande:

Que defcuido foy este em que viueis?  
Quem pode fer que tanto vos abrande,  
Os peitos, con razão endurecidos  
Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandifsima oufadia  
Forão ja cometer o Ceo fupremo,  
Vistes aquella infana fantafia  
De tentarem o mar com vella & remo:  
Vistes, & ainda vemos cada dia,  
Soberbas & infolencias tais, que temo  
Que do mar & do Ceo em poucos anos,  
Venhão Deofes a fer, & nos humanos.

Vedes agora a fraca geração  
Que dhum vaffallo meu o nome toma,  
Com foberbo, & altiuo coração,  
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:  
Vedes o voffo mar cortando vão,  
Mais do que fez a gente alta de Roma,  
Vedes o voffo reino deuaffando  
Os voffos eftatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro  
No voffo reino este caminho abrirão,  
Boreas injuriado, & o companheiro  
Aquila, & os outros todos refiftirão:  
Pois fe do ajuntamento aaventureiro  
Os ventos efta injuria afsi fentirão,  
Vos a quem mais compete efta vingança,  
Que efpereis, porque a pondes em tardança?

E não confinto Deofes que cuideis  
Que por amor de vos do ceo deci,  
Nem da magoa da injuria que fofreis,  
Mas da que feme faz tombem a mi:  
Que aquellas grandes honras, quefabeis  
Que no mundo ganhey, quando venci  
As terras Indianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente.

Que o gran Senhor & fados que destinão,  
Como lhe bem parece, o baxo mundo,  
Famas mores que nunca determinão  
De dar a eftes baroës no mar profundo:  
Aqui vereis o Deofes como infinão  
O mal tambem a Deofes. que a fegundo  
Se ve, ninguem ja tem menos valia  
Que quem com mais razão valer deuia.

E por iffo do Olimpo ja fugi,  
Bufcando algum remedio a meus pefares,  
Por ver o preço, que no Ceo perdi,  
Se por dita acharey nos voffos mares:  
Mais quis dizer, & não paffou daqui,  
Porque as lagrimas ja correndo a pares  
Lhe faltarão dos olhos, com que logo  
Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

A Ira com que fubito alterado  
O coração dos Deofes foy num ponto,  
Não foffreo mais confelho bem cuidado,  
Nem dilação, nem outro algum defconto:  
Ao grande Eolo mandão ja recado  
Da parte de Neptuno, que fem conto  
Solte as furias dos ventos repugnantes,

Que não aja no mar mais nauegantes.

Bem quifera primeiro ali Protheo  
Dizer neste negocio o que fentia,  
E fegundo o que a todos pareceo,  
Era algũa profunda prophecia:  
Porem tanto o tumulto fe moueo  
Subito na diuina companhia,  
Que Thetis indinada lhe bradou,  
Neptuno fabe bem o que mandou.

Ia la o foberbo Hypotades foltaua  
Do carcere fechado os furiofos  
Ventos, que com palauras animaua,  
Contra os varoês audaces & animofos:  
Subito o ceo fereno fe obumbraua,  
Que os ventos mais que nunca impetuofos  
Começão nouas forças a yr tomando,  
Torres, montes & cafas derribando.

Em quanto este confelho fe fazia  
No fundo aquofo, a leda laffa Frota  
Com vento foffegado profeguia  
Pello tranquilo mar, a longa rota:  
Era no tempo quando a luz do dia.  
Do Eoo Emifperio está remota,  
Os do quarto da prima fe deitauão  
Pera o fegundo os outros defpertauão.

Vencidos vem do fono, & mal defpertos  
Bocijando a miudo fe encoftauão,  
Pellas antenas, todos mal cubertos,  
Contra os agudos ares que affoprauão:  
Os olhos contra feu querer abertos  
Mas estregando os membros estirauão,  
Remedios contra o fonno bufcar querem,  
Hiftorias contão, cafos mil referem.

Com que melhor podemos, hum dizia,  
Efte tempo paffar, que he tão pefado,  
Se não com algum conto de alegria  
Com que nos deixe o fono carregado?  
Refponde Lionardo, que trazia  
Penfamentos de firme namorado,  
Que contos paderemos ter milhores  
Pera paffar o tempo, que de amores?

Não he, diffe Velofo, coufa jufta  
Tratar branduras em tanta afpereza,  
Que o trabalho do mar, que tanto cufta,  
Não foffre amores, nem delicadeza:  
Antes de guerra feruida & robufta  
A noffa historia feja, pois dureza  
Noffa vida ha de fer, fegundo entendo  
Que o trabalho por vir mo efta dizendo.

Confentem nifto todos, & encomendão  
A Velofo que conte ifto que aproua,  
Contarei diffe, fem que me reprendão  
De contar coufa fabulofa, ou noua:  
E porque os que me ouuirem daqui aprendão  
A fazer feitos grandes de alta proua,  
Dos nacidos direy na noffa terra,  
E eftes fejão os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue  
Ioão filho de Pedro moderaua,

Depois que fofegado & liure o teue  
Do vizinho poder que o molestaua:  
La na grande Inglaterra, que da neue  
Boreal fempre abunda, femeaua  
A fera Erinis dura & mâ cizania  
Que luftre foffea noffa Lufitania.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,  
E nobres cortefaões, a cafo hum dia  
Se leuanteu difcordia em ira acefa,  
Ou foy opinião, ou foy porfia:  
Os Cortefaões a quem tam pouco pefa  
Soltar palauras graues de oufadia  
Dizem que prouarão, que honras & famas  
Em tais damas não ha, pera fer damas.

E que fe ouuer alguém com lança & efpada  
Que queira fustentar a parte fua,  
Que elles em campo rafo, ou estacada,  
Lhe darão fea infamia, ou morte crua:  
A femnil fraqueza pouco vfada  
Ou nunca a oprobrios tais, vendo fe nua  
De forças naturais conuenientes,  
Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como foffem grandes & poffantes  
No reino os inimigos, não fe atreuem  
Nem parentes, nem feruidos amantes  
A fustentar as damas, como deuem:  
Com lagrimas fermofas & bastantes  
A fazer que em focorro os Deofos leuem  
De todo o Ceo, por roftos de alabaftro  
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era efte Ingres potente, & militara  
Cos Portuguefes ja contra Castella,  
Onde as forças magnanimas prouara  
Dos companheiros, & benigna eftrella?  
Não menos nefta terra efprimentara  
Namorados affeitos, quando nella  
A filha vio, que tanto o peito doma  
Do forte Rey, que por molher a toma.

Efte que focorrer lhe não queria,  
Por não caufar difcordias inteftinas  
Lhe diz, quando o direito pretendia  
Do reino la das terras Iberinas,  
Nos Lufitanos vi tanta oufadia,  
Tanto primor, & partes tão diuinas,  
Que elles fos poderião, fe não erro  
Sufentent voffa parte a fogo & ferro.

E fe agrauadas damas fois feruidas,  
Por vos lhe mandarei embaixadores,  
Que por cartas difcretas & polidas,  
De voffo agrauo os fação fabedores:  
Tambem por voffa parte encarecidas  
Com palauras dafagos & damores,  
Lhe fejão voffas lagrimas, que eu creyo  
Que ali terees focorro & forte efteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,  
E logo lhe nomea doze fortes,  
E porque cada dama hum tenha certo,  
Lhe manda que fobrelles lancem fortes,  
Que ellas fo doze fam: & defcuberto

Qual a qual tem caida das confortes,  
Cadhũa efcreue ao feu por varios modos,  
E todas a feu Rey, & o Duque a todos.

Ia chega a Portugal o menfageiro,  
Toda a corte aluroça a nouidade,  
Quifera o Rey fublime fer primeiro,  
Mas não lho foffre a Regia Mageftade:  
Qualquer dos cortefaões aaventureiro  
Defeja fer, com feruida vontade,  
E fo fica por bemaumenturado,  
Quem ja vem pello Duque nomeado.

La na leal cidade, donde teue  
Origem (como he fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leue  
Manda o que tem o leme do gouerno:  
Apercebem fe os doze em tempo breue  
Darmas, & roupas de vfo mais moderno,  
De elmos, cimeras, letras, & primores  
Caualos, & Concertos de mil cores.

Ia do feu Rey tomado tem licença  
Pera partir do Douro celebrado,  
Aqueles, que efcolhidos por fentença  
Forão do Duque Ingles efprimentado:  
Não ha na companhia differença  
De caualeiro, destro, ou esforçado:  
Mas hum fo, que Magriço fe dizia  
Defarte fala aa forte companhia,

Fortifsimos confocios, eu defejo  
A muito ja de andar terras estranhas,  
Por ver mais agoas, que as do Douro & Tejo,  
Varias gentes, & leis, & varias manhas:  
Agora que aparelho certo vejo,  
(Pois que do mundo as coufas fam tamanhas)  
Quero fe me deixais, ir fò por terra,  
Porque eu ferey conuofco em Inglaterra.

E quando cafo for, que eu impedido  
Por quem das coufas he vltima linha,  
Não for com vofco ao prazo instituido,  
Pouca falta vos faz a falta minha:  
Todos por mi fareis o que he diuido:  
Mas fe a verdade o fprito me adiuinha,  
Rios, montes, fortuna, ou fua enueja,  
Não farão que eu com vofco la não feja.

Afsi diz & abraçados os amigos,  
E tomada licença, em fim fe parte,  
Paffa Lião, Caftella vendo antigos  
Lugares, que ganhara o patrio Marte:  
Neuarra, cos altifsimos perigos  
Do Perineo, que Efpanha & Galia parte:  
Vistas em fim de França as coufas grandes,  
No grande emperio foy parar de Frandes.

Ali chegado, ou foffe cafo, ou manha,  
Sem paffar fe deteue muitos dias,  
Mas dos onze a illuftrifsima companhia  
Cortão do mar do Norte as ondas frias:  
Chegados de Inglaterra aa cofta eftranha,  
Pera Londres ja fazem todos vias,  
Do Duque fam com fefta agafalhados,  
E das damas feruidos, & amimados.

Chegaffe o prazo, & dia afinalado,  
De entrar em campo ja cos doze Ingleses,  
Que pello Rey ja tinhão fegurado,  
Armanfe delmos, greuas, & de arnefes:  
Ia as damas tem por fi fulgente & armado  
O Mauorte feroz dos Portuguefes,  
Vestem fe ellas de cores & de fedas  
De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

Mas aquella, a quem fora em forte dado  
Magriço, que não vinha, com trifteza  
Se veste, por não ter quem nomeado  
Seja feu caualeiro, nesta emprefa:  
Bem que os onze apregoão, que acabado  
Sera o negocio afsi na corte Inglesa,  
Que as damas vencedoras fe conheção  
Pofto que dous & tres dos feus falleção.

Ia num fublime & pubrico theatro  
Se affenta o Rey Ingles com toda a corte,  
Eftauão tres & tres, & quatro & quatro,  
Bem como a cada qual coubera em forte:  
Não fam vistos do Sol do Tejo ao Batro,  
De força, esforço, & danimo mais forte,  
Outros doze fayr como os Ingleses  
No campo, contra os onze Portuguefes.

Maftigão os caualos escumando  
Os aureos freos, com feroz fembrante,  
Estaua o Sol nas armas rutilando,  
Como em criftal, ou rigido diamante:  
Mas enxergafe num & noutro bando  
Partido defigoal & diffonante  
Dos onze contra os doze: quando a gente  
Começa a aluoroçar fe geralmente.

Verão todos o rosto aonde auia  
A caufa principal do rebuliço,  
Eis entra hum caualeiro, que trazia  
Armas, caualo, ao bellico feruiço.  
Ao Rey & aas damas fala, & logo fe hia  
Pera os onze, que efte era o gram Magriço,  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem não fata certo nos perigos.

A dama como ouuio, que este era aquelle,  
Que vinha a defender feu nome, & fama,  
Se alegre, & veste ali do animal de Hele,  
Que a gente bruta mais que vertude ama:  
Ia dão final, & o fom da tuba impelle  
Os belicofos animos, que inflama,  
Picão defporas, largão redeas logo  
Abaxão lanças, fere a terra fogo.

Dos caualos o estrepito parece  
Que faz, que o chão debaixo todo treme,  
O coração no peito, que estremece  
De quem os olha, fe aluoroça, & teme:  
Qual do caualo voa, que não dece,  
Qual co caualo em terra dando, geme,  
Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

Algum dali tomou perpetuo fono,  
E fez da vida ao fim breue interualo,  
Correndo algum cauallo vay fem dono,

E noutra parte o dono fem caualo:  
Cae a foberba Inglesa de feu trono,  
Que dous ou tres ja fora vão do valo,  
Os que de espada vem fazer batalha,  
Mais achão ja que arnes, efculo, & malha.

Gastar palauras em contar eftremos  
De golpes feros, cruas eftocadas,  
He deffes gaftadores, que fabemos  
Maos do tempo, com fabulas fonhadas:  
Bafta por fim do cafo, que entendemos  
Que com finezas altas & affamadas,  
Cos noffos fica a palma da victoria,  
E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos feus paços, com feftas & alegria,  
Cozinheiros occupa, & caçadores  
Das damas a fermofa companhia,  
Que querem dar aos feus libertadores  
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
Em quanto fe detem em Inglaterra,  
Ate tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço  
Defejofo de ver as coufas grandes,  
La fe deixou ficar, onde hum feruiço  
Notauel aa condeffa fez de Frandes:  
E como quem não era ja nouiço  
Em todo trance, onde tu Marte mandes,  
Hum Frances mata em campo, que o deftino  
La teue de Torcato & de Coruino.

Outro tambem dos doze em Alemanha  
Se lança, & teue hum fero defafio  
Cum Germano enganofa, que com manha  
Não diuida o quis pòr no eftremo fio:  
Contando afsi Velofo, ja a companhia  
Lhe pede, que não faça tal defuio  
Do cafo de Magriço, & vencimento  
Nem deixe o de Alemanha em efquecimento.

Mas neste paffo afsi promptos eftando,  
Eis o meftre, que olhando os ares anda,  
O apito toca, acordão defpertando  
Os marinheiros dhũa & doutra banda:  
E porque o vento vinha refrescando,  
Os traquetes das gaueas tomar manda,  
Alerta, diffe, estay, que o vento crece  
Daquella nuuem negra que aparece.

Não erão os traquetes bem tomados,  
Quando dà a grande & fubita procella,  
Amaina, diffe o meftre a grandes brados  
Amaina, diffe, amaina a grande vella,  
Não efperão os ventos indinados  
Que amainaffem, mas juntos dando nella,  
Em pedaços a fazem, cum ruido  
Que o mundo pareceo fer deftruydo.

O ceo fere com gritos nifto a gente,  
Cum fubito temor, & defacordo,  
Que no romper da vela a Nao pendente  
Toma gram fuma dagoa pello bordo,  
Alija, diffe o meftre, rijamente,  
Alija tudo ao mar, não falte acordo,

Vão outros dar a bomba não ceffando,  
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os foldados animofos  
A dar aa bomba, & tanto que chegarão,  
Os balanços, que os mares temerofos  
Derão aa Nao, num bordo os derribarão:  
Tres marinheiros duros, & forçofos,  
A menear o leme não baftarão,  
Talhas lhe punhão dhũa & doutra parte  
Se aproueitar dos homens força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão  
Moftrar mais força dimpeto cruel,  
Se pera derribar então vierão  
A fortifsima torre de Babel:  
Nos altifsimos mares, que crecerão,  
A pequena grandura dhum batel,  
Moftra a poffante nao, que moue efpanto  
Vendo que fe foftem nas ondas tanto.

A nao grande, em que vay Paulo da Gama,  
Quebrada leua o mafto pello meyo,  
Quafi toda alagada: a gente chama  
Aquelle que a faluar o mundo veyo:  
Não menos gritos vão ao ar derrama  
Toda a Nao de Coelho, com receyo,  
Com quanto teue o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou que deffe o vento:

Agora fobre as nuuens os fubião  
As ondas de Neptuno furibundo,  
Agora a ver parece que decião  
As intimas entranhas do profundo.  
Noto, Auftro, Boreas, Aquilo querião  
Arruinar a machina do mundo,  
A noite negra & feya fe alumia,  
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aues triste canto  
Iunto da costa braua leuantarão,  
Lembrando fe de feu paffado pranto,  
Que as furiofas agoas lhe caufarão:  
Os Delfins namorados entre tanto  
La nas couas maritimas entrarão,  
Fugindo aa tempeftade, & ventos duros  
Que nem no fundo os deixa eftar feguros

Nunca tam viuos rayos fabricou  
Contra a fera foberba dos Gigantes,  
O gram ferreiro fordido, que obrou  
Do enteado as armas radiantes:  
Nem tanto o gram Tonante arremeffou  
Relampados ao mundo fulminantes,  
No gram diluuio, donde fos viuerão  
Os dous que em gente as pedras conuerterão.

Quantos montes então, que derribarão  
As ondas que batião denodadas,  
Quantas aruores velhas arrancarão  
Do vento brauo as furias indinadas:  
As forçofas raizes não cuidarão  
Que nunca pera o ceo foffem viradas,  
Nem as fundas arêas que podeffem  
Tanto os mares que encima as reuolueffem.

Vendo Vafco da Gama que tam perto

Do fim de feu defejo fe perdia,  
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,  
Ora com noua furia ao ceo fubia,  
Confufo de temor, da vida incerto,  
Onde nenhum remedio lhe valia,  
Chama aquelle remedio fancto & forte  
Que o impofsibil pode, desta forte.

Diuina guarda, angelica, celefte,  
Que os ceos, o mar & terra fenhoreds,  
Tu que a todo ifrael refugio defte  
Por metade das agoas Eritreas:  
Tu que liurafte Paulo & defendefte  
Das Syrtes arenofas & ondas feas,  
E guardaste cos filhos o fegundo  
Pouoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho nouos medos perigofos  
Doutra Scylla & Caribdis ja paffados,  
Outras Syrtes, & baxos arenofos,  
Outros Acroceraunios infamados,  
No fim de tantos cafos trabalhofos,  
Por que fomos de ti defemparados,  
Se efte noffo trabalho não te offende,  
Mas antes teu feruiço fo pretende?

O ditofos aquelles que puderão  
Entre as agudas lanças Affricanas  
Morrer, em quanto fortes fostiuerão  
A fancta Fe, nas terras Mauritanas:  
De quem feitos illuftres fe foberão,  
De quem ficão memorias foberanas,  
De quem fe ganha a vida com perdella,  
Doce fazendo a morte as honras della.

Afsi dizendo os ventos que lutauão,  
Como touros indomitos bramando,  
Mais & mais a tormenta acrecentauão,  
Pella miuda enxarcia affuuiando.  
Relampados medonhos não ceffauão,  
Feros trouoês que vem repreferando  
Cair o ceo dos exos fobre a terra,  
Cenfigo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorofa ftrela fcintilaua  
Diante do Sol claro, no Horizonte  
Menfageira do dia, & vifitaua  
A terra, & o largo mar, com leda fronte:  
A deofa que nos ceos a governaua,  
De quem foge o enfifero Oriente,  
Tanto que o mar, & a chara armada vira,  
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco fam por certo,  
Diffe, mas não ferâ, que auante leue  
Tão danada tenção, que defcuberto  
Me fera fempre o mal a que fe atreue,  
Ifto dizendo, dece ao mar aberto,  
No caminho gaftando efpaço breue,  
Em quanto manda as nimphas amorofas  
Grinaldas nas cabeças por de rofas.

Grinaldas manda por de varias cores  
Sobre cabellos louros a porfia,  
Quem não dirâ, que nacam roxas flores  
Sobre ouro natural, que amor infia:

Abrandar determina por amores  
Dos ventos a nojofa companhia,  
Mostrandolhe as amadas Nymphas bellas,  
Que mais fermofas vinhão que as estrellas.

Afsi foy, porque tanto que chegarão  
A vifta dellas, logo lhe falecem  
As forças com que dantes pellejarão,  
E ja como rendidos lhe obedecem.  
Os pê & mãos, parece, que lhe atarão  
Os cabellos que os rayos escurecem,  
A Boreas, que do peito mais queria,  
Afsi diffe a bellifsima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo  
Que me tiuefte nunca amor constante,  
Que brandura he de amor mais certo arreyo,  
E não conuem furor a firme amante:  
Se ja não poês a tanta infania freyo,  
Não efperes de mi daqui em diante,  
Que poffa mais amarte, mas temerte,  
Que amor contigo, em medo fe conuerte.

Afsi mefmo a fermofa Galatea  
Dizia ao fero Noto, que bem fabe  
Que dias ha que em vella fe recrea,  
E bem crê que com elle tudo acabe,  
Não fabe o brauo tanto bem fe o crea,  
Que o coração no peito lhe não cabe,  
De contente de ver que a dama o manda,  
Pouco cuida que faz fe logo abranda.

Defta maneira as outras amanfauão  
Subitamente os outros amadores,  
E logo aa linda Venus fe entregauão,  
Amanfadas as iras & os furores,  
Ella lhe prometeo vendo que amauão.  
Sempiterno fauor em feus amores,  
Nas bellas mãos tomandelhe omenagem  
De lhe ferem leais efta viagem.

Ia a menham clara daua nos outeiros,  
Por onde o Ganges murmurando foa,  
Quando da celfa gauea os marinheiros  
Enxergarão terra alta pella proa,  
Ia fora de tormenta, & dos primeiros  
Mares, o temor vão do peito voa,  
Diffe alegre o Piloto Melindano,  
Teria he de Calccu, fe não me engano.

Efta he por certo a terra que bufcais  
Da verdadeira India, que aparece  
E fe do mundo mais não defejais,  
Voffo trabalho longo aqui fenece:  
Soffrer aqui não pode o Gama mais,  
De ledto em ver que a terra fe conhece,  
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo  
A merce grande a Deos agardeceo.

As graças a Deos daua, & razão tinha  
Que não fomenta a terra lhe moftroua,  
Que com tanto temor bufcando vinha  
Por quem tanto trabalho efprimentaua,  
Mas via fe liurado tão afinha  
Da morte, que no mar lhe aparelhaua  
O vento duro, feruido, & medonho,

Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos parigos  
Destes trabalhos graues & temores,  
Alcanção os que fam de fama amigos  
As honras immortais, & graos mayores:  
Não encoftados fempre nos antigos  
Troncos nobres de feus antecessores,  
Não nos leitos dourados, entre os finos  
Animais de Mofcouia Zebellinos.

Não cos manjares nouos & exquisitos,  
Não cos paffeos molles & ouciosos,  
Não cos varios deleites & infinitos  
Que afeminão os peitos generofos:  
Não cos nunca vencidos apetitos  
Que a Fortuna tem fempre tão mimofos,  
Que não foffre a nenhum que o paffo mude  
Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com bufcar co feu forçofo braço  
As honras, que elle chame proprias fuas,  
Vigiando, & vestindo o forjado aço  
Soffrendo tempeftades & ondas cruas:  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,  
Engulindo o corrupto mantimento  
Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que fe enfia,  
A parecer feguro, ledó, inteiro,  
Pera o pilouro ardente, que affouia  
E leua a perna, ou braço ao companheiro:  
Destarte o peito hum calo honrofo cria  
Defprezador das honras, & dinheiro,  
Das honras, & dinheiro, que a venntura  
Forjou, & não vertude jufta, & dura.

Destarte fe esclarece o entendimento,  
Que experiencias fazem repoufado,  
E fica vendo, como de alto affento,  
O baxo tracto humano embaraçado,  
Efte onde tiuer força o regimento  
Direito, & nam de affeitos occupado,  
Subirà (como deue) a illuftre mando,  
Contra vontade fua, & não rogando.

**FIM.**

• Canto Septimo.

Ia fe viã chegados  
junto aa terra,  
Que defejada ja de tantos fora,  
Que entre as correntes Indicas fe  
encerra,  
E o Ganges, que no çeo terreno mora:  
Ora fus gente forte que na guerra  
Quereis leuar a palma vencedora,  
Ia fois chegados, ja tendes diante  
A terra de riquezas abundante.

A vos, ô geraçam de Lufo digo,  
Que tam pequena parte fois no mundo:  
Não digo inda no mundo, mas no amigo

Curral de quem gouerna o çeo rotundo:  
Vos, a quem não fomente algum perigo  
Eftorua conquiftar o pouo inundo:  
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
Da Madre, que nos çeos eftâ em effencia.

Vos Portuguefes poucos, quanto fortes,  
Que o fraco poder voffo não pefais,  
Vos que aa cufta de voffas varias mortes  
A lei da vida eterna dilatais:  
Afsi do çeo deitadas fam as fortes,  
Que vos por muito poucos que fejais,  
Muito façais na fancta Chriftandade:  
Que tanto, ô Chrifto exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, foberbo gado,  
Que por tam largos campos fe apacenta,  
Do fuceffor de Pedro rebelado,  
Nouo paftor, & noua ceita inuenta:  
Vedelo em feas guerras occupado,  
Que inda co cego error fe nam contenta,  
Não contra o fuperbifimo Otomano:  
Mas por fair do jugo foberano.

Vedelo duro Ingles, que fe nomea  
Rei da velha & fanctifsima cidade,  
Que o torpe Ifmaelita fenhorea,  
(Quem via honra tam longe da verdade)  
Entre as Boreais neues fe recrea,  
Noua maneira faz de Chriftandade,  
Pera os de Christo tem a efpada nua,  
Nem por tomar a terra que era fua.

Guardalhe por entanto hum falfo Rei,  
A cidade Hierofolima terrefte,  
Em quanto elle não guarda a fancta lei,  
Da cidade Hierofolima celefte:  
Pois de ti Gallo indigno que direy?  
Que o nome Chriftianifimo quifefte,  
Nem pera defendelo, nem guardalo,  
Mas para fer contra elle, & derribalo.

Achas que tês direito em fenhorios  
De Chriftãos, fendo o teu tam largo & tão.  
E nam contra o Cynifio & Nilo rios  
Inimigos do antigo nome fancto,  
Ali fe ande prouar da efpada os fios,  
Em quem quer reprouar da Ygreja o canto,  
De Carlos, de Luis, o nome & a terra  
Erdafte, & as caufas nam da justa guerra?

Pois que direy daquelles que em delicias,  
Que o vil ocio no mundo traz configo,  
Gastão as vidas, logrão as diuicias,  
Efquecidos de feu valor antigo:  
Nafcem da tyrania inimicicias,  
Que o pouo forte tem de fi inimigo,  
Contigo Italia fallo, ja fumerfa  
Em vicios mil, & de ti mefma aduerfa.

O miferos Chriftãos, pola ventura  
Sois os dentes de Cadmo defparzidos,  
Que hũs aos outros fe dão aa morte dura,  
Sendo todos de hum ventre produzidos?  
Nem vedes a diuina fepultura  
Poffuida de cães, que fempre vnidos

Vos vem tomar a voffa antiga terra,  
Fazendo fe famofas pela guerra?

Vedes que tem por vfo & por decreto,  
Do qual fam tão inteiros obferuantes,  
Ajuntarem o exercito inquieto,  
Contra os pouos, que fam de Chrifto amantes.  
Entre vos nunca deixa a fera Aleto  
De famear cizanias repugnantes,  
Olhay feftais seguros de perigos,  
Que elles & vos, fois voffos inimigos.

Se cobiça de grandes fenhorios  
Vos faz yr conquistar terras alheas,  
Nam vedes que Pactolo & Hermo rios,  
Ambos voluem auriferas areas,  
Em Lidia, Afsiria laurão de ouro os fios,  
Affrica efconde em fi luzentes veas,  
Mouauos ja fe quer riqueza tanta,  
Pois mouer vos não pode a cafa Sancta.

Aquellas inuensões feras & nouas,  
De instrumentos mortais da artelharia,  
Ia deuem de fazeras duras prouas,  
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:  
Fazei que torne la aas filueftres couas,  
Dos Caspios montes, & da Citia fria,  
A Turca geração, que multiplica  
Na policia da voffa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos  
Bradando vos eftão, que o pouo bruto  
Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
Preceptos do alcorão (duro tributo)  
Em caftigar.os feitos inhumanos  
Vos gloriay de peito forte, & aftuto,  
E não queirais louuores arrogantes,  
De ferdes contra os voffos muy poffantes.

Mas em tanto que cegos, & fedentos  
Andais de voffo fangue, o gente infana,  
Não faltarão Christãos atreuimentos,  
Nesta pequena cafa Lufitana  
De Affrica tem maritimos affentos,  
He na Afia mais que todas foberana,  
Na quarta parte noua os campos ara,  
E fe mais mundo ouuera la chegâra.

E vejamos em tanto que aconteçe  
Aaquelles tam famofos nauegantes,  
Defpois que a branda Venus enfraqueçe  
O furor vão dos ventos repugnantes:  
Defpois que a larga terra lhe aparece,  
Fim de fuas perfias tam conftantes,  
Onde vê famear de Christo a ley,  
E dar nouo coftume, & nouo Rei.

Tanto que aa noua terra fe chegârão,  
Leues embarcações de pefcadores  
Acharão, que o caminho lhe moftrârão  
De Calecu onde eram moradores:  
Pera la logo as proas fe inclinarão,  
Porque esta era a cidade das milhores  
Do Malabar melhor, onde viuia  
O Rei que a terra toda poffuia.

Alem do Indo jaz, & âquem do Gange,

Hum terreno muy grande, & affaz famofo  
Que pela parte Auftralo mar abränge,  
E pera o Norte o Emodio cauernofo.  
Iugo de Reis diuerfos o conftränge  
A varias leis: algũs o viciofo  
Mahoma, algũs os Idolos adorão,  
Algũs os animais, que entre elles morão.

La bem no grande monte, que cortando  
Tam larga terra, toda Afia difcorre,  
Que nomes tam diuerfos vai tomando,  
Segundo as regiões por onde corre,  
As fontes faem, donde vem manando  
Os rios, cuja gram corrente morre  
No mar Indico, & cercão todo o pefo  
Do terreno, fazendo o Cherfonefo.

Entre hum & o outro rio, em grande eſpaço  
Say da larga terra hũa longa ponta  
Quafi pyramidal , que no regaço  
Do mar com Ceilão infula confronta,  
E junto donde nafce o largo braço  
Gangetico, o rumor antigo conta.  
Que os vizinhos da terra moradores  
Do cheiro fe mantem das finas flores.

Mas agora de nomes, & de vfança,  
Nouos & varios ſam os habitantes:  
Os Delijs, os Patanes, que em poſſança  
De terra, & gente, ſam mais abundantes,  
Decanis, Oriãs, que a eſperança  
Tem de fua faluação nas refonantes  
Agoas do Gange, & a terra de Bengala  
Fertil de forte que outra não lhe igoala.

O Reino de Cambaia bellicofo  
(Dizem que foy de Poro Rei potente)  
O Reino de Narfinga poderofo,  
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:  
Aqui fe enxerga la do mar vndofo  
Hum monte alto, que corre longamente,  
Seruindo ao Malabar de forte muro,  
Com que do Canarâ viue feguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,  
Do pê do qual pequena quantidade  
Se eftende hũa fralda eftreita, que combate  
Do mar a natural ferocidade:  
Aqui de outras cidades ſem debate,  
Calecu tem a illuſtre dignidade,  
De cabeça de Imperio rica, & bella,  
Samorim fe intitula o fenhor della.

Chegada a frota ao rico fenhorio,  
Hum Portugues mandado logo parte,  
A fazer fabedar o Rei gentio  
Da vinda fua a tam remota parte:  
Entrando o menſageiro pelo Rio,  
Que ali nas ondas entra, a não viſta arte  
A cor, o geſto eſtranho, o traço nouo  
Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,  
Se chega hum Mahometa, que nafcido  
Fora na região da Berberia,  
La onde fora Anteo obedecido.

Ou pela vezinhança ja teria  
O Reino Lufitano conhecido,  
Ou foy ja afsinalado de feu ferro,  
Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

Em vendo o menfageiro com jocundo  
Rofto, como quem fabe a lingoa Hifpana  
Lhe diffe, quem te trouxe a eftoutro mundo,  
Tam longe da tua patria Lufitana?  
Abrindo lhe refponde o mar profundo,  
Por onde nunca veio gente humana,  
Vimos bufcar do Indo o grão corrente,  
Por onde a Lei diuina fe acrecente.

Efpantado ficou da gram viagem,  
O mouro qne Monçaide fe chamaua,  
Ouuindo as opreffões que na paffajem  
Do mar, o Lufitano lhe contaua,  
Mas vendo em fim, que a força da menfajem  
So pera o Rei da terra releuaua,  
Lhe diz que eftaua fora da cidade.  
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegeffe  
De fua eſtranha vinda, fe queria  
Na fua pobre caſa repoufaſſe,  
E do manjar da terra comeria:  
E deſpois que fe hum pouco recreaſſe,  
Coelle pera a armada tornaria,  
Que alegria não pode fer tamanha,  
Que achar gente vezinha em terra eſtranha.

O Portugues aceita de vontade  
O que o ledo Monçaide lhe offerece  
Como fe longa fora ja a amizade,  
Coelle come & bebe, & lhe obedeçe:  
Ambos fe tornão logo da cidade,  
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,  
Sobem aa Capitaina, & toda a gente  
Monçaide recebeo benignamente.

O Capitão o abraça em cabo ledo,  
Ouuindo clara a lingoa de Caſtella,  
Iunto de fi o affenta, & prompto & quedo  
Pela terra pergunta, & coufas della:  
Qual fe ajuntaua em Rodope o aruoredado,  
So por ouuir o amante da donzella  
Euridiçe, tocando a lira de ouro,  
Tal a gente fe ajunta a ouuir o Mouro.

Elle começa, o gente que a natura  
Vizinha fez de meu paterno ninho,  
Que deſtino tam grande, ou que ventura  
Vos trouxe a cometerdes tal caminho:  
Nam he fem cauſa não occulta, & eſcura  
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,  
Por mares nunca doutro lenho arados,  
A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende  
Algum feruiço feu por vos obrado:  
Por iffo fo vos guia, & vos defende  
Dos imigos do mar, do vento yrado:  
Sabey que estais na India, onde fe eſtende  
Diuerſo pouo, rico & proſperado,  
De ouro luzente, & fina pedraria,

Cheiro fuaue, ardente efpeciaria.

Efta prouincia, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar fe chama,  
Do culto antigo os Ydolos adora,  
Que ca por estas partes fe derrama:  
De diuerfos Reis he, mas dum fo fora  
Noutro tempo, fegundo a antiga fama,  
Saramâ Perimal foy derradeiro  
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro.

Porem como a efta terra entam vieffem,  
De la do feyo Arabico outras gentes,  
Que o culto Mahometico trouxeffem,  
No qual me intituirão meus parentes,  
Succedeo que pregando conuerteffem  
O Perimal, de fabios & elloquentes,  
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,  
Que profupos de nella morrer fancto.

Naos arma, & nellas mete curiofo  
Mercadoria que offereça rica,  
Pera yr nellas a fer religiofo,  
Onde o prepheta jaz, que a ley publica:  
Antes que parta, o Reino poderofa  
Cos feus reparte, porque não lhe fica  
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,  
Ricos de pobres, liures de fojeitos.

A hum Cochim, & a outro Cananor,  
A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,  
A qual Coulão, a qual dá Cranganor  
E os mais, a quem o mais ferue & contenta  
Hum fo moço, a quem tinha muito amor,  
Defpois que tudo deu, fe lhe aprefenta,  
Pera este Calecu fomite fica,  
Cidade ja por tracto nobre & rica.

Efta lhe dá co titulo excellente  
De Emperador, que fobre os outros mande,  
Ifto feito fe parte diligente,  
Pera onde em fancta vida acabe, & ande,  
E daqui fica o nome de potente  
Camorí, mais que todos digno, & grande  
Ao moço & defcendentes, donde vem  
Efte, que agora o Imperio manda & tem.

A ley da gente toda rica & pobre,  
De fabulas compofita fe imagina:  
Andão nús, & fomite hum pano cobre  
As partes, que a cubrir natura infina:  
Dous modos ha de gente, porque a nobre  
Naires chamados fam, & a menos digna  
Poleãs tem por nome, a quem obriga  
A ley não mesturar a casta antiga

Porque os q̃vfaram fempre hum mesmo officio,  
De outro nam podê receber conforto,  
Nem os filhos terem outro exercicio,  
Senão o de feus paffados ate morte,  
Pera os Neires he certo grande viçio  
Deftes ferem tocados de tal forte,  
Que quando algum fe toca por ventura,  
Com ceremonias mil fe alimpa & apura.

Defta forte o Iudaico pouo antigo  
Nem tocaua na gente de Samaria,

Mais eftranhezas inda das que digo  
Nefta terra vereis de vfança varia,  
Os Naires fos fam dados ao perigo  
Das armas, fos defendem da contraria  
Banda o feu Rei, trazendo fempres vfada  
Na ezquerda a adarga, e na direita a efpada:

Bramenes fam os feus religiosos,  
Nome antigo, & de grande preminencia,  
Obferuão os preceitos tam famofos  
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:  
Nem matão coufa viua, & temerofos  
Das carnes tem grandifsima abftinencia,  
Somente no venereo ajuntamento  
Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais fam as molheres: mas fomente  
Pera os da geração de feus maridos:  
Ditofa condiçam, ditofa gente,  
Que nam fam de ciumes offendidos.  
Eftes & outros costumes variamente  
Sam pelos Malabares admitidos,  
A terra he groffa em trato, em tudo aquilo  
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Afsi contaua o Mouro: mas vagando  
Andaua a fama ja pela cidade,  
Da vinda defta gente estranha, quando  
O Rei faber mandaua da verdade,  
Ia vinham pelas ruas caminhando,  
Rodeados de todo fexo, & idade,  
Os principaes que o Rei bufcar mandâra,  
O Capitão da armada que chegâra.

Mas elle, que do Rei ja tem licença  
Pera defembarcar, acompanhado  
Dos nobres Portuguefes fem detença  
Parte de ricos panos adornado:  
Das cores a fermofa diferença  
A vifta alegre ao pouo aluoroçado,  
O remo compaffado fere frio  
Agora o mar, depois o fresco rio.

Na praia hum regedor do Reino eftaua,  
Que na fua lingoa Catual fe chama,  
Rodeado de Naires, que efperaua  
Com defufada fefta o nobre Gama:  
Ia na terra nos braços o leuaua,  
E num partatil leito hũa rica cama  
Lhe offereçe em que va, costume vfado,  
Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Desta arte o Malabar, deftarte o Lufo,  
Caminhão la pera onde o Rei o efpera:  
Os outros Portuguefes vão ao vfo  
Que infantaria fegne efquadra fera:  
O pouo que concorre vay confufo  
De ver a gente estranha, & bem quifera  
Perguntar: mas no tempo ja paffado  
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando  
Nas coufas que lhe o tempo offerecia,  
Monçaide entrelles vay interpretando  
As palauras que de ambos entendia:  
Afsi pela cidade caminhando,

Onde hũa rica fabrica fe erguia  
De hum fumptuofo templo ja chegauão,  
Pelas portas do qual juntos entrauão.

Ali estam das deidades as figuras  
Efulpidas em pao, & em pedra fria,  
Varias degeftos, varias de pinturas,  
A segundo o Demonio lhe fingia.  
Vem fe as abominaueis efculturas,  
Qual a Chimêra em membros fe varia,  
Os Chriftãos olhos a ver Deos vfados  
Em forma humana eftam marauilhados.

Hum na cabeça cornos efulpidos,  
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,  
Outro num corpo roftos tinha vnidos,  
Bem como o antigo Iano fe pintaua:  
Outro com muitos braços diuididos  
A Briareo parece que imitaua:  
Outro fronte Canina tem de fora,  
Qual Anubis Menfitico fe adora.

Aqui feita do barbaro gentio  
A fupersticiofa adoração,  
Direitos vão fem outro algum defuio,  
Pera onde eftaua o Rei do pouo vão:  
Engroffando fe vay da gente o fio,  
Cos que vem ver o eſtranho Capitão,  
Eftão pelos telhados & janellas  
Velhos & moços, donas & donzellas.

Ia chegão perto, & não paffos lentos,  
Dos jardins odoriferos fermofos,  
Que em fi efcondem os regios apoufentos,  
Altos de torres não, mas fumptuofos,  
Edificação fe os nobres feus affentos,  
Por entre os aruoredos deleitofos,  
Afsi viuem os Reis daquella gente,  
No campo & na cidade juntamente.

Pelos partais da cerca a futiliza  
Se enxerga da Dedalea facultade,  
Em figuras mostrando por nobreza  
Da India a mais remota antiguidade:  
Affiguradas vão com tal viueza  
As hiftorias daquella antiga idade,  
Que quem dellas tiuer noticia inteira,  
Pela fombra conhece a verdadeira.

Eftaua hum grande exercito que pifa  
A terra Oriental, que o Idafpe laua,  
Rege o hum capitam de frente lifa,  
Que com frondentes Tirfos palejaua,  
Por elle edificada eftaua Nifa  
Nas ribeiras do rio, que manaua,  
Tão proprio, que fe ali estiuer Semelle,  
Dirâ por certo, que he feu filho aquelle.

Mais auante bebendo feca o rio,  
Mui grande multidão da Afsiria gente,  
Sujeita a feminino fenhorio,  
De hũa tam bella, como incontinente:  
Ali tem junto ao lado nunca frio,  
Efulpido o feroz ginete ardente,  
Com quem teria o filho competencia,  
Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão  
As bandeiras de Grecia gloriofas,  
Terceira Monarchia, & fojugauão,  
Ate as agoas Gargeticas vndofas:  
Dum capitão mancebo fe guiauão  
De palmas rodeado valerofas,  
Que ja não de Filipo, mas fem falta  
De progenie de Iupiter fe exalta.

Os Portuguefes vendo eftas memorias,  
Dizia o Catual ao Capitão,  
Tempo cedo virà que outras victorias,  
Estas que agora olhais abaterão:  
Aqui fe efcreuerão nouas hiftorias,  
Por gentes eftrangeiras que virão  
Que os noffos fabios magos o alcançâão,  
Quando o tempo futuro efpeculâão.

E dizlhe mais a magica fciencia,  
Que pera fe euitar força tamanha,  
Não valerâ dos homês refiftencia,  
Que contra o Ceo não val da gente manha:  
Mas tambem diz que a bellica excellencia  
Nas armas, & na paz, da gente eftranha  
Sera tal, que fera no mundo ouuido  
O vencedor, por gloria do vencido.

Afsi fallando entrauão ja na fala,  
Onde aquelle potente Emperador  
Nũa camilha jaz, que nam fe igoala  
De outra algũa no preço & no lauor:  
No recoftado gesto fe afsinala  
Hum venerando & prospero fenhor,  
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça  
De preciofas gemas fe adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,  
Cos giolhos no chão, de quando em quando  
Lhe daua a verde folha da erua ardente  
Que a feu coftume eftaua ruminando:  
Hum Bramene, peffoa preminente,  
Pera o Gama vem com paffo brando,  
Pera que ao grande Principe o aprefente,  
Que diante lhe acena que fe affente.

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
Os feus mais afaftados, prompto em vifta  
Estaua o Samori no trajo & geito  
Da gente, nunca de antes delle vifta:  
Lançando a graue voz do fabio peito,  
Que grande authoridade logo aquifta  
Na opinião do Rei, & do pouo todo  
O Capitão lhe falla defte modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde  
O ceo volubil com perpetua roda  
Da terra a luz folar coa terra efconde,  
Tingindo a que deixou de efcura noda,  
Ouuindo do rumor que la responde  
O eco, como em ti da India toda  
O principado eftâ, & a mageftade,  
Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos a ti manda,  
Por te fazer faber que tudo aquillo  
Que fobre o mar, que fobre as terras anda

De riquezas, de lâ do Tejo ao Nilo:  
E desda fria plaga de Gelanda,  
Ate bem donde o Sol nam muda o efito  
Nos dias, fobre a gente de Ethiopia,  
Tudo tem no feu Reino em grande copia.

E fe queres com pactos, & lianças  
De paz, & de amizade sacra, & nua,  
Comerçio confentir das abundanças  
Das fazendas da terra fua, & tua,  
Porque creção as rendas, & abaftanças,  
Por quem a gente mais trabalha & fua,  
De voffos Reinos, fera certamente  
De ti proueito, & delle gloria ingente.

E fendo afsi que o nô defta amizade,  
Entre vos firmemente permaneça,  
Eftara prompto a toda aduerfidade,  
Que por guerra a teu Reino fe offereça:  
Com gente, armas, & naos de qualidade  
Que por yrmão te tenha, & te conheça,  
E da vontade em ti fobrifto pofta  
Me des a my certifsima reposta.

Tal embaxada daua o Capitão,  
A quem o Rei gentio refpondia,  
Que em ver embaxadores de nação  
Tam remota, gram gloria recebia:  
Mas nefte cafo a vltima tençam  
Com os de feu confelho tomaria,  
Informando fe certo de quem era  
O Rei, & a gente, & terra que differa.

E que em tanto podia do trabalho  
Paffado yr repoufar, & em tempo breue  
Daria a feu defpacho hum jufto talho,  
Com que a feu Rei repofta alegre leue:  
Ia nifto punha a noite o vfado atalho  
Aas humanas canfeiras, porque ceue  
De doce fono os membros trabalhados,  
Os olhos ocupando ao ocio dados.

Agafalhados foram juntamente,  
O Gama, & Portuguefes no apoufento  
Do nobre Regedor da Indica gente,  
Com festas & geral contentamento:  
O Catual no cargo diligente  
De feu Rei, tinha ja por regimento  
Saber da gente efranha donde vinha  
Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os igneos carros do fermofo  
Mancebo Delio vio, que a luz renoua,  
Manda chamar Monçaide, defejofo  
De poder fe informar da gente noua:  
Ia lhe pergunta prompto & curiofo,  
Se tem noticia inteira, & certa proua,  
Dos efranhos quem fam, que ouuido tinha  
Que he gente de fua patria muy vizinha.

Que particularmente ali lhe deffe  
Informação muy larga, pois fazia  
Niffo feruiço ao Rei, porque foubeffe  
O que neste negocio fe faria:  
Mançaide torna, pofto que eu quifeffe  
Dizerte difto mais nam faberia,

Somente fey que he gente la de Hespanha  
Onde o meu ninho, & o Sol no mar fe banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado  
Foi fem fazer na carne detrimento  
Da mãy, tal que por bafo está aprouado  
Do Deos, que tem do mundo o regimento:  
O que entre meus antigos he julgado  
Delles, he que o valor fanguinolento  
Das armas, no feu braço reflandeçe,  
O que em noffos paffados fe parece.

Porque elles com virtude fobre humana,  
Os deitarão dos campos abundofos  
Do rico Tejo, & frefca Goadiana,  
Com feitos memorauéis, & famofos:  
E não contentes inda, & na Affricana  
Parte, cortando os mares procelofos  
Nos não querem deixar viuer feguros,  
Tomando nos cidades, & altos muros.

Nam menos tem mostrado esforço, & manha,  
Em quaesquer outras guerras que acõteção,  
Ou das gentes beligeras da Espanha,  
Ou la dalgũs que do Pirene deção.  
Afsi que nunca em fim com lança eſtranha  
Se tem, que por vencidos fe conheção,  
Nem fe fabe inda não, te afirmo & affello  
Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E feſta informação nam for inteira  
Tanto quanto conuem, delles pretende  
Informarte, que he gente verdadeira,  
A quem mais falſidade enoja & offende:  
Vay verlhe a frota, as armas, & a maneira  
Do fundido metal, que tudo rende,  
E folgaras de veres a policia  
Portugueſa na paz, & na milicia.

Ia com defejos o Idolatra ardia,  
De ver ifto, que o Mouro lhe contaua,  
Manda eſquipar bateis, que yr ver queria  
Os lenhos em que o Gama nauegaua.  
Ambos partem da praia, a quem feguia  
A Naira geraçam, que o mar coalhaua,  
Aa Capitaina fobem forte & bella,  
Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos fam os toldos, & as bandeiras  
Do rico fio fam, que o bicho gera,  
Nellas eſtam pintadas as guerreiras  
Obras, que o forte braço ja fizera:  
Batalhas tem campais auentureiras,  
Defafios crueis, pintura fera,  
Que tanto que ao Gentio fe aprefenta,  
A tento nella os ollos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama  
Lhe pedia primeiro que fe affente,  
E que aquelle deleite que tanto ama  
A ceita Epicurea, eſperimente:  
Dos eſpumantes vaſos fe derrama  
O licor, que Noe moſtrâra aa gente:  
Mas comer o Gentio nam pretende,  
Que a ceita que feguia lho defende.

A trombeta que em paz no penſamento,

Imagem faz de guerra, rompe os ares,  
Co fogo o diabolico instrumento,  
Se faz ouuir no fundo la dos mares:  
Tudo o Gentio nota: mas o intento  
Mostrava sempre ternos fingulares  
Feitos dos homens, que em retrato breue  
A muda poefia ali defcreue.

Alçafe em pê, co elle os Gamas junto  
Coelho de outra parte, & o Mauritano  
Os olhos poem no bellico trafunto  
De hum velho branco, aspeito venerando,  
Cujo nome nam pode fer defuncto  
Em quanto ouuer no mundo trato humano,  
No trajo a Grega vfança eftâ perfeita,  
Hum ramo por infignia na direita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego  
Eu que cometo infano, & temerario,  
Sem vos Nimphas do Tejo, & do Mondego,  
Por caminho tam arduo, longo, & vario:  
Voffo fauor inuoco, que nauego  
Por alto mar, com vento tam contrario,  
Que fe nam me ajudais, ei grande medo,  
Que o meu fraco batel fe alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando  
O voffo Tejo, & os voffos Lufitanos,  
A fortuna me traz peregrinando,  
Nouos trabalhos vendo, & nouos danos:  
Agora o mar, agora efprimentando  
Os perigos Mauorcios inhumanos,  
Qual Canace que â morte fe condena,  
Nũ mão fempre a espada, & noutra a pena:

Agora com pobreza auorrecida,  
Por hofpicios alheios degradado,  
Agora da efperança ja adquirida,  
De nouo mais que nunca derribado:  
Agora aas costas efcapando a vida,  
Que dum fio pendia tam delgado,  
Que não menos milagre foi faluarfe,  
Que pera o Rei Iudaico acrecentarfe.

E ainda Nimphas minhas não baftaua,  
Que tamanhas miferias me cercaffem:  
Senão que aquelles que eu cantando andaua,  
Tal premio de meus verfos me tornaffem  
A troco dos defcanfos que efparrava,  
Das capellas de louro que me honraffem,  
Trabalhos nunca vfados me inuentârão,  
Com que em tam duro eftado me deitârão.

Vede Nimphas que engenhos de fenhores  
O voffo Tejo cria valerosos,  
Que afsi fabem prezas com tais fauores  
A quem os faz cantando gloriofos:  
Que exemplos a futuros efcrittores,  
Pera efpertar engenhos curiofos,  
Pera porem as coufas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois logo em tantos males he forçado,  
Que fo voffo fauor me não falleça,  
Principalmente aqui, que fou chegado  
Onde feitos diuerfos engrandeça:

Daimo vos fos, que eu tenho ja jurado  
Que não no empregue em quem o não mereça  
Nem por lifonja louue algum fubido,  
Sob pena de não fer agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama deffe  
A quem ao bem comum, & do feu Rei  
Antepofer feu proprio intereffe:  
Imigo da diuina & humana ley,  
Nenhum ambiciofo, que quiffe  
Subir a grandes cargos, cantarey,  
So por poder com torpes exercicios  
Vfar mais largamente de feus vicios.

Nenhum que vfe de feu poder bastante  
Pera feruir a feu defejo feio,  
E que por comprazer ao vulgo errante  
Se muda em mais figuras que Proteio,  
Nem Camenas tambem cuideis que cante  
Quem com habito honefto & graue veio,  
Por contentar o Rei no officio nouo,  
A defpir & roubar o pobre pouo.

Nem quem acha que he justo & que he direito  
Guardafe a ley do Rei feueramente,  
E não acha que he jufto & bom respeito,  
Que fe pague o fuor da feruil gente.  
Nem quem fempre com pouco experto peito  
Razões aprende, & cuida que he prudente,  
Pera taxar com mão rapace & efcaffa,  
Os trabalhos alheios, que nam paffa.

Aquelles fos direy que auenturârão  
Por feu Deos, por feu Rei, a amada vida  
Onde perdendoa, em fama a dilatârão,  
Tambem de fuas obras merecida  
Apolo, & as Mufas que me acompanharão,  
Me dobraram a furia concedida  
Em quanto eu tomo alento defcanfado,  
Por tornar ao trabalho mais folgado.

**F I M.**

• Canto Octauo.

Na primeira figura  
fe detinha  
O Catual, que vira estar pinta-  
da.  
Que por diuifa hum ramo na mão tinha,  
A barba branca, longa, & penteada:  
Quem era, & porque caufa lhe conuinha  
A diuifa que tem na mão tomada,  
Paulo refponde, cuja voz difcreta  
O Mauritano fabio lhe interpreta.

Eftas figuras todas que aparecem,  
Brauos em vifta, & feros nos aspeitos,  
Mais brauos, & mais feros fe conhecem  
Pela fama, nas obras, & nos feitos  
Antigos fam, mas inda refplandecem  
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,  
Efte que ves he Lufo, donde a fama  
O noffo Reino Lufitania chama.

Foy filho & companheiro do Thebano,  
Que tam diuerfas partes conquiftou  
Parece vindo ter ao ninho Hispano,  
Seruindo as armas que contino vfou,  
Do Douro, Guadiana o campo vfano,  
Ia dito Elifio, tanto o contentou  
Que ali quis dar, aos ja canfados offos  
Eterna fepultura, & nome aos noffos.

O ramo que lhe ves pera diuifa,  
O verde Tyrfo foi de Baco vfado,  
O qual aa noffa idade amoftra & auifa  
Que foi feu companheiro & filho amado:  
Ves outro, que do Tejo a terra pifa,  
Defpois de ter tam longo mar arado,  
Onde muros perpetuos edefica,  
E templo a Palas, que em memoria fica

Vliffes he o que faz a fancta cafa  
Aa Deofa, que lhe dá lingoa facunda,  
Que fe lâ na Afia Troia infigne abrafa,  
Ca na Europa Lisboa ingente funda:  
Quem fera eftoutro ca que o campo arrafa  
De mortos, com prefença furibunda?  
Grandes batalhas tem desbaratadas,  
Que as Aqueas nas bandeiras tem pintadas.

Afsi o Gentio diz, refponde o Gama,  
Efte que ves pafitor ja foi de gado,  
Viriato fabemos que fe chama,  
Destro na lança mais que no cajado:  
Injuriada tem de Roma a fama,  
Vencedor inuencibil afamado,  
Nem tem coelle não, nem ter puderão  
O primor que com Pirro ja tiuerão.

Com força não: com manha vergonhofa,  
A vida lhe tirarão que os efpanta,  
Que o grande aperto em gente, inda ã honrofa  
Aas vezes leis magnanimas quebranta:  
Outro eftâ aqui que contra a patria yrofa  
Degradado com nofco fe aleuanta,  
Efcolheo bem com quem fe aleuantaffe  
Pera que eternamente fe illuStraffe.

Vês com nofco tambem vence as bandeiras  
Deffas aues de Iupiter validas,  
Que ja naquelle tempo as mais guerreiras  
Gentes de nos fouberam fer vencidas:  
Olha tam fotis artes & maneiras,  
Pera adquerir os pouos tam fingidas  
A fatidica Cerua que o auifa,  
Elle he Sertorio, & ella a fua diuifa.

Olha eftoutra bandeira & ve pintado,  
O gram progenitor dos Reis primeiros,  
Nos Vngaro o fazemos, porem nado  
Crem fer em Lotharingia os efrangeiros:  
Defpois de ter cos Mouros fuperado  
Galegos, & Leonefes caualleiros,  
Aa cafa Sancta paffa o fancto Enrique,  
Porque o tronco dos Reis fe fanctifique.

Quem he me dize estoutro que me efpanta,  
Pergunta o Malabar marauilhado,  
Que tantos efquadrões, que gente tanta,

Com tam pouca, tem roto & deftroçado:  
Tantos muros afperrimos quebranta,  
Tantas batalhas da nunca canfado,  
Tantas coroas tem por tantas partes,  
A feus pês derribadas, & eftandartes?

Efte he o primeiro Afonfo, diffe o Gama,  
Que todo Portugal aos Mouros toma,  
Por quem no Estigio lago jura a fama,  
De mais não celebrar nenhum de Roma:  
Efte he aquelle zelofo a quem Deos ama,  
Com cujo braço o Mouro imigo doma,  
Pera quem de feu Reino abaxa os muros,  
Nada deixando ja pera os futuros.

Se Cefar, fe Alexandre Rei tiuerão,  
Tam pequeno poder, tam pouca gente,  
Contra tantos inimigos quantos erão,  
Os que desbarataua efte excelente,  
Nam creas que feus nomes fe eftenderão  
Com glorias imortais tam largamente:  
Mas deixa os feitos feus inexplicaeis,  
Ve que os de feus vaffalos fam notaeis.

Efte que ves olhar com gefto yrado,  
Pera o rompido Alumno mal fofrido,  
Dizendo lhe que o exercito efpalhado,  
Recolha, & torne ao campo defendido:  
Torna o moço do velho acompanhado,  
Que vencedor o torna de vencido,  
Egas moniz fe chama o forte velho  
Pera leais vaffalos claro efpelho.

Vello ca vai cos filhos a entregarfe,  
Acorda ao colo, nu de feda & pano,  
Porque nam quis o moço fogeitarfe,  
Como elle prometera ao Castelhana:  
Fez com fifo & promeffas leuantarfe  
O cerco que ja eftaua foberano,  
Os filhos & molher obriga aa pena,  
Pera que o fenhor falue, a fi condena.

Nem fez o Conful tanto que cercado  
Foi nas forcas Caudinas de ignorante  
Quando a paffar por baxo foi forçado  
Do Samnitico jugo triumphante:  
Este pelo feu pouo injuriado,  
Afsi fe entrega fo firme & confiante,  
Eftoutro afsi, & os filhos naturais,  
E a conforte fem culpa, que doe mais

Ves efte que faindo da cilada,  
Dâ fobre o Rei que cerca a villa forte,  
Ia o Rei tem prefo, & a villa defcercada  
Illustre feito digno de Mauorte,  
Velo ca vay pintado nefta armada  
No mar tambem aos Mouros dando a morte,  
Tomando lhe as galès, leuando a gloria,  
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinho que na terra,  
E no mar reflandee juntamente,  
Co fogo que acendeo junto da ferra  
De Abila, nas gales da Maura gente  
Olha como então jufta & fancta guerra  
De acabar pelejando està contente:

Dar mãos dos Mouros entra a felice alma  
Triunfando nos ceos com jufta Palma.

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro  
Trajo, fair da grande armada noua,  
Que ajuda a combater o Rei primeiro  
Lisboa, de fi dando fancta proua:  
Olha Enrique famofo caualleiro,  
A Palma que lhe nafce junto aa coua,  
Por elles moftra Deos milagre visto,  
Germanos fam os Martyris de Christo.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada,  
Contra Arronches que toma, por vingança  
De Leiria, que de antes foi tomada,  
Por quem porMaphamede enresta a lança:  
He Teotonio Prior: mas vê cercada  
Sanctarem, & veras a fegurança  
Da figura nos muros, que primeira  
Subindo ergueo das Quinas a bandeira:

Vello ca donde Sancho desbarata  
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,  
Os imigos rompendo, o Alferez mata,  
E Hispalico pendão derriba em terra,  
Mem Moniz he, que em fi o valor retrata,  
Que o fepulchro do pay cos offos cerra,  
Digno deftas bandeiras, pois fem falta  
A contraria derriba, & a fua exalta.

Olha aquelle que deçe pela lança,  
Com as duas cabeças dos vigias,  
Onde a çilada efconde, com que alcança  
A cidade por manhas & oufadias:  
Ella por armas toma a femelhança  
Do caualleiro, que as cabeças frias  
Na mão leuaua, feito nunca feito,  
Giraldo fem paour he o forte peito.

Nem vês hum Caftelhano, que agrauado,  
De Affonfo nono Rei, pelo odio antigo  
Dos de Lara cos Mouros he deitado,  
De Portugal fazendofe inimigo?  
Abrantes villa toma acompanhado  
Dos duros infieis que traz configo:  
Mas vê que hum Portugues com pouca gente  
O desbarata & o prende oufadamente.

Martim Lopez fe chama o caualleiro,  
Que destes leuar pode a palma, & o louro:  
Mas olha hum Ecclefiastico guerreiro,  
Que em lança de aço torna o Bago de ouro:  
Vêllo entre os duuidofos tam inteiro,  
Em não negar batalha ao brauo Mouro,  
Olha o final no çeo que lhe aparece,  
Com que nos poucos feus o esforço creçe.

Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilha,  
Rotos, cos outros dous, & não de efaço,  
Rotos? mas antes mortos, marauilha  
Feita de Deos, que não de humano braço:  
Vês ja a villa de Alcaçare fe humilha,  
Sem lhe valer defefa, ou muro de aço,  
A dom Matheus o Bifpo de Lisboa,  
Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mefre que deçe de Caftella,

Portugues de nação, como conquista  
A terra dos Algarues, & ja nella  
Nem acha que por armas lhe refita,  
Com manha, esforço, & com benigna estrella  
Villas, castellos toma a escalla vista:  
Ves Tauila tomada aos moradores,  
Em vingança dos fete caçadores.

Vês com belica astucia ao Mouro ganha  
Silues, que elle ganhou com força ingente,  
He dom Paio Correa, cuja manha  
E grande esforço faz enueja aa gente:  
Mas não paffes os tres q̃ ã Frãça & Espanha  
Se fazem conhecer perpetuamente,  
Em defafios, juftas & torneos,  
Nellas deixando publicos trofeos.

Vellos co nome vem de aentureiros,  
A Castella, onde o preço fos leuârão  
Dos jogos de Belona verdadeiros,  
Que com dano de algũs fe exercitârão,  
Vê mortos os soberbos caualleiros,  
Que o principal dos tres defafiarão,  
Que Gonçalo Ribeiro fe nomea,  
Que pode não temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto eftende,  
Que de nenhum paffado fe contenta,  
Que a patria que de hum fraco fio pende  
Sobre feus duros hombros a fultenta,  
Não no ves tinto de yra, que reprende  
A vil defconfiança inerte & lenta  
Do pouo, & faz que tome o doce freyo,  
De Rei feu natural, & nam de alheyo.

Olha por feu confelho & oufadia,  
De Deos guiada fo, & de fancta Eftrella  
So pode o que impofsibil parecia,  
Vencer o pouo ingente de Castella:  
Ves par induftria, esforço, & valentia  
Outro eftrago & victoria clara & bella  
Na gente, afsi feroz como infinita,  
Que entre o Tartefo, & Goadiana habita.

Mas não ves quafi ja desbaratado,  
O poder Lufitano, pela aufencia  
Do Capitão deuoto, que apartado  
Orando inuoca a fuma & trina effencia:  
Vello com preffa ja dos feus achado,  
Que lhe dizem que falta refiftencia  
Contra poder tamanho, & que vieffe,  
Porque configo esforço aos fracos deffe.

Mas olha com que fancta confiança,  
Que inda não era tempo refpondia,  
Como quem tinha em Deos a fegurança  
Da victoria, que logo lhe daria:  
Afsi Pompilio, ouuindo que a poffança  
Dos imigos a terra lhe corria,  
A quem lhe a dura noua eftaua dando,  
Pois eu, refponde, eftou facrificando.

Se quem com tanto esforço em Deos fe atreue,  
Ouir quiferes como fe nomea,  
Portugues Cipião chamar fe deue:  
Mas mais de dom Nuno Aluarez fe arrea,

Ditofa patria que tal filho teue:  
Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea  
Efte globo de Ceres & Neptuno,  
Sempre fufpirará por tal aluno.

Na mefma guerra vê que prefas ganha,  
Estoutro Capitão de pouca gente,  
Comendadores vence, & o gado apanha,  
Que leuão roubado oufadamente:  
Outra vez vê que a lança em fangue banha  
Destes, fo por liurar com amor ardente  
O prefo amigo, prefo por leal,  
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha efte defleal o como paga  
O perjurio que fez & vil engano,  
Gil Fernandez he de Eluas quem o eftraga,  
E faz vir a paffar o vltimo dano:  
De Xerez rouba o campo, & quafi alaga  
Co fangue de feus donos Castelhana:  
Mas olha Rui Pireira que co rofto  
Faz efcudo aas gales, diante pofto.

Olha que dezefete Lufitanos,  
Nefte outeiro fabulas fe defendem,  
Fortes de quatrocentos Castelhanos,  
Que em derredor pelos tomar fe eftendem,  
Porem logo fentiram com feus danos,  
Que nam fo fe defendem, mas effendem,  
Digno feito de fer no mundo eterno,  
Grande no tempo antigo & no moderno.

Sabefe antigamente que trezentos  
Ia contra mil Romanos pelejarão,  
No tempo que os virís atreuimentos  
De Viriato tanto fe illuftrarão,  
E delles alcançando vencimentos  
Memoraueis, de erança nos deixarão,  
Que os muitos por fer poucos nam temamos  
O que defpois mil vezes amoftramos.

Olha ca dous Infantes Pedro & Henrique,  
Progenie generofa de Ioane,  
Aquelle faz que fama illuftre fique  
Delle em Germania, com que a morte engane:  
Efte, que ella nos mares o pubrique,  
Por feu defcobridor, & defengane  
De Ceita a Maura tumida vaidade,  
Primeiro entrando as portas da cidades.

Vês o Conde dom Pedro que fustenta  
Dous cercos contra toda a Barbaria,  
Vês outro Conde eftà que representa  
Em terra Marte, em forças & oufadia,  
De poder defender fe nam contenta  
Alçaçere da ingente companhia:  
Mas do feu Rei defende a cara vida,  
Pondo por muro a fua, ali perdida.

Outros muitos verias que os pintores  
Aqui tambem por certo pintarião:  
Mas faltalhe pinçel, faltão lhe cores,  
Honra, premio, fauor que as artes crião,  
Culpa dos viciofos fuceffores,  
Que degenerão certo, & fe defuião  
Do luftre, & do valor dos feus paffados,

Em goftos & vaidades atolados.

Aquelles pais illuftres que ja derão  
Principio aa geraçam que delles pende,  
Pela virtude muyto antão fizerão,  
E por deixar a cafa que defcende,  
Cegos, que dos trabalhos que tiuerão,  
Se alta fama & rumor delles fe eftende,  
Efcuros deixão fempre feus menores,  
Com lhe deixar defcanfos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abaftados,  
Sem nenhum tronco illuftre donde venhão,  
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados  
Dão mais que a mil, ã esforço & faber tenhã  
Eftes os feus nam querem ver pintados,  
Crendo que cores vãs lhe não conuenhão,  
E como a feu contrairo natural,  
Aa pintura que falla querem mal.

Não nego que â com tudo defcendentes  
Do generofo tronco, & cafa rica  
Que com costumes altos & excellentes  
Suftentão a nobreza que lhe fica:  
E fe ha luz dos antigos feus parentes  
Nelles mais o valor não clarifica,  
Nam falta ao menos, nem fe faz efcura:  
Mas destes acha poucos a pintura.

Afsi eftâ declarando os grandes feitos,  
O Gama que ali moftra a varia tinta,  
Que a douda mão tam claros, tam perfeitos  
Do fingular artifice ali pinta:  
Os olhos tinha prompts & dereitos,  
O Catual na historia bem daftinta,  
Mil vezes perguntava, & mil ouuia,  
As goftofas batalhas que ali via.

Mas ja a luz fe moftraua duuidofa,  
Porque a alampada grande fe efcondia  
Debaxo do Orizonte & luminofa  
Leuaua aos Antipodas o dia,  
Quando o Gentio, & a gente generofa,  
Dos Naires, da nao forte fe partia  
A bufcar o repoufo que defcanfa,  
Os laffos animais, na noite manfa.

Entre tanto os Arufpices famofos  
Na falfa opinião, que em facrificios  
Anteuem fempre os cafos duuidofos,  
Por finais diabolicos, & indicios  
Mandados do Rei proprio, eftudiosos  
Exercitauão a arte & feus officios,  
Sobre esta vinda desta gente eftranha,  
Que aas fuas terras vem da ignota Eſpanha.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,  
De como a noua gente lhe feria  
Iugo perpetuo, eterno catiueiro,  
Deftruiçam de gente, & de valia:  
Vaife efparado o atonito agoureiro  
Dizer ao Rei (fegundo o que entendia)  
Os finais temerofos que alcançâra  
Nas entranhas das victimas que oulhara:

A ifto mais fe ajunta que hum deuoto  
Sacerdote da ley de Maphamede,

Dos odios concebidos nam remoto,  
Contra a diuina Fe, que tudo excede,  
Em forma do Propheta falfo & noto,  
Que do filho da escraua Agar procede,  
Baco odiofo em fonhos lhe aparece,  
Que de feus odios inda fe nam deçe.

E diz lhe afsi, guardaiuos gente minha,  
Do mal que fe aparelha pelo imigo  
Que pelas agoas humidas caminha,  
Antes que esteis mais perto do perigo:  
Isto dizendo acorda o Mouro afinha,  
Efpantado do fonho: mas configo  
Cuida que não he mais que fonho vfado  
Torna a dormir quieto & fofegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces  
O gram legifflador que a teus paffados  
Tem moftrado o preceito a que obedeces  
Sem o qual foreis muitos baptizados?  
Eu parti rudo vello, & tu adormeces?  
Pois faberas que aquelles que chegados  
De nouo fam, feram muy grande dano  
Da lei que eu dei ao nefcio pouo humano.

Em quanto he fraca a força defta gente,  
Ordena como em tudo fe refista,  
Porque quando o Sol fae facilmente  
Se pode nelle por a aguda vifta:  
Porem despois que fobe claro & ardente,  
Se agudeza dos olhos o conquista,  
Tam cega fica, quanto ficareis  
Se raizes criar lhe nam tolheis.

Isto dito, elle & o fono fe despede,  
Tremendo fica o atonito Agareno  
Salta da cama, lume aos feruos pede  
Laurando nelle oo feruido veneno:  
Tanto que a noua luz que ao Sol precede  
Mostrara rofto Angelico & fereno,  
Conuoca os principais da torpa ceita,  
Aos quais do que fonhou dê conta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios  
Ali fe dão fegundo o que entendião,  
Astutas traições, enganos varios,  
Perfidias inuentauam & tecião:  
Mas deixando confelhos temerarios,  
Deftruiçam da gente pretendiãõ,  
Por manhas mais fotis & ardis milhores,  
Com peitas adquerindo os regedores,

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas  
Conciliãõ da terra os principais,  
E com razões notaueis & discretas  
Moftram fer perdiçam dos naturais,  
Dizendo que fam gentes inquietas,  
Que os mares discorrendo Occidentais,  
Viuem fo de piraticas rapinas,  
Sem Rei, fem leis humanas ou diuinas.

O quanto deue o Rei que bem gouerna,  
De olhar que os confelheiros, ou priuados,  
De confciencia, & de virtude interna,  
E de fincero amor fejam dotados:  
Porque como estè pafto na fuperna

Cadeira, pode mal dos apartados  
Negocios, ter noticia mais inteira,  
Do que lhe der a lingoa confelheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto  
Em groffo, a confciencia limpa & certa  
Que fe enleue num pobre & humilde manto,  
Onde ambição a cafo ande encuberta,  
E quando hũ bom em tudo he jufto & fancto  
E em negocios do mundo pouco acerta,  
Que mal coelles poderã ter conta,  
A quieta inocencia, em fo Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais,  
Que o Gentilico pouo governauão,  
Induzidos das gentes infernais,  
O Portugues defpacho dilatauão:  
Mas o Gama, que não pretende mais,  
De tudo quanto os Mouros ordenauão,  
Que leuar a feu Rei hum final certo  
Do mundo, que deixa defcuberto.

Nisto trabalha fo, quem bem fabia  
Que defpois que leuaffe esta certeza,  
Armas, & naos, & gentes mandaria  
Manoel, que exercita a fumma alteza,  
Com que a feu jugo & ley fometeria  
Das terras, & do mar a redondeza,  
Que elle não era mais que hum diligente  
Defcobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gentio determina,  
Porque com feu defpacho fe tornaffe,  
Que ja fentia em tudo da malina  
Gente impedirfe quanto delejaffe:  
O Rei que da noticia falsa, & indina  
Nam era defpantar fe fespantaffe,  
Que tam credulo era em feus agouros,  
E mais fendo affirmados pelos Mouros.

Efte temor lhe esfria o baixo peito:  
Por outra parte a força da cobiça,  
A quem por natureza eftã fugeito,  
Hum defejo immortal lhe acende, & atiça:  
Que bem vê que grandifsimo proueito  
Farã fe com verdade, & com juftiça  
O contrato fizer por longos annos,  
Que lhe comete o Rei dos Lufitanos.

Sobre ifto nos confelhos que tomaua,  
Achaua muy contrarios pareceres,  
Que naquelles, com quem fe aconselhaua,  
Executa o dinheiro feus poderes:  
O grande Capitão chamar mandaua,  
A quem chegado diffe, fe quiferes  
Confeffarme a verdade limpa, & nua,  
Perdão alcançaras da culpa tua.

Eu fou bem informado, que a embaxada  
Que de teu Rei me deste, que he fingida:  
Porque nem tu tẽs Rei, nem patria amada,  
Mas vagabundo vas paffando a vida:  
Que quem da Hifperia vltima alongada  
Rei, ou fenhor de infania defmedida,  
Ha de vir cometer com naos, & frotas  
Tam incertas viagês, & remotas?

E fe de grandes Reinos poderofos,  
O teu Rei tem a regia majestade,  
Que presentes me trazes valerofos,  
Sinais de tua incognita verdade:  
Com peças & dões altos fumptuofos  
Se lia dos Reis altos a amizade:  
Que final nem penhor não he baftante,  
A palauras dum vago nauegante.

Se por ventura vindes defterrados,  
Como ja foram homens dalta forte,  
Em meu Reino fereis agafalhados,  
Que toda a terra he patria pera o forte:  
Ou fe piratas fois ao mar vfados,  
Dizeimo fem temor de infamia, ou morte:  
Que por fe fustentar em toda idade,  
Tudo faz a vital necefsidade.

Ifto afsi dito, o Gama que ja tinha  
Suspeitas das infidias que ordenaua  
O Mahometico odio, donde vinha  
Aquillo que tam mal o Rei cuidaua:  
Cũa alta confianca, que conuinha,  
Com que seguro credito alcançaua,  
Que Venus Acidalia lhe influia,  
Tais palauras do fabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia  
Humana cometeo na prifca idade,  
Nam caufaram, que o vafo da niquicia,  
Açoute tão cruel da Chriftandade,  
Viera por perpetua inimicicia  
Na geraçam de Adão, co a falidade  
O poderofa Rei da torpe feita,  
Nam conceberas tu tam mâ fofpeita.

Mas porque nenhumb grande bem fe alcança  
Sem grandes oprefsões, & em todo o feyto  
Segue o temor os paffos da efperança,  
Que em fuor viue fempre de feu peyto,  
Me moftas tu tão pouca confiança  
Defta minha verdade: fem refpeyto  
Das razões em contrario que acharias  
Senão creffes a quem não crer deuias.

Porque fe eu de rapinas fo viueffe  
Vndiuago, ou da patria desterrado,  
Como cres que tão longe me vieffe,  
Bufcar affento incognito & apartado?  
Porque efperanças, ou porque intereffe,  
Viria efprimentando o mar yrado,  
Os Antarticos frios, & os ardores  
Que fofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes dalta eftima  
O credito me pedes do que digo,  
Eu não vim mais q̃ a achar o eſtranho Clima  
Onde a natura pos teu Reyno antigo:  
Mas fe a Fortuna tanto me fublima,  
Que eu torne à minha patria, & Reino amigo  
Então verâs o dom foberbo & rico  
Com que minha tornada certifico.

Se te parece inopinado feito,  
Que Rei da vltima Hisperia ati me mande,  
O coração fublime, o regio peito,

Nenhum cafo pofsibil tem por grande.  
Bem parece que o nobre & gram conceito  
Do Lufitano efpirito demande  
Maior credito, & fe de mais alteza,  
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos  
Reis noffos firmemente propuferão  
De vencer os trabathos, & perigos,  
Que fempre às grandes coufas fe opuferão  
E defcobrindo os mares inimigos  
Do quieto defcanfo, pretenderão  
De faber que fim tinhão, & onde estauão  
As derradeiras praias que lauauão.

Conceito digno foi do ramo claro  
Do venturofo Rei, que arou primeiro  
O mar, por yr deitar do ninho caro  
O morador de Abila derradeiro:  
Efte por fua induftria, & engenho raro,  
Num madeiro ajuntando outro madeiro,  
Defcobrir pode a parte, que faz clara  
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.

Crefcendo cos fuceffos bons primeyros  
No peyto as oufadias, defcobrirão  
Pouco & pouco caminhos eftrangeyros,  
Que hũs fucedendo aos outros profeguirão:  
De Affrica os moradores derradeyros  
Austrais, que nunca as fete flammias virão,  
Forão viftos de nos, atras deyxando  
Quantos eftão os Tropicicos queymando.

Afsi com firme peyto, & com tamanho  
Propofito vencemos à Fortuna,  
Ate que nos no teu terreno eftranho  
Viemos pôr a vltima coluna:  
Rompendo a força do liquido Eftanho  
Da tempeftade horrifica, & importuna  
Ati chegamos, de quem fo queremos  
final, que ao noffo Rey de ti leuemos.

Efta he a verdade Rey, que não faria  
Por tão incerto bem, tão fraco premio  
Qual, não fendo isto afsi, esperar podia,  
Tão longo tão fingido, & vão proemio:  
Mas antes defcanfar me deyxaria  
No nunca defcanfado & fero gremio  
Da madre Thetis, qual pirata inico  
Dos trabalhos alheyos feyto rico.

Afsi que ô Rey, fe minha grão verdade  
Tês por qual he, fincera, & não dobrada,  
Ajuntame ao defpacho breuidade,  
Não me impidas o gofto da tornada:  
E fe inda te parece falfidade,  
Cuyda bem na razão que efta prouada,  
Que com claro juyzo pode verfe,  
Que facil he a verdade dentenderfe.

A tento eftaua o Rey na fequrança,  
Com que prouaua o Gama o que dizia,  
Concebe delle certa confiança,  
Credito firme, em quanto proferia,  
Pondera, das palauras ha abafança,  
Iulga na autoridade grão valia,

Começa de julgar por enganados  
Os Catuais currutos, mal julgados.

Iuntamente a cobiça do proueyto,  
Que espera do contrato Lufitano,  
O faz obedecer, & ter refpeyto,  
Co Capitão, & não co Mauro engano:  
Enfim ao Gama manda, que direyto  
Aas naos se vâ, & feguro dalgum dano  
Poffa a terra mandar qualquer fazenda,  
Que pela especiaría troque, & venda.

Que manda da fazenda enfim lhe manda,  
Que nos Reynos Gangeticos faleça,  
Salgũa traz idonea la da banda  
Donde a terra se acaba, & o mar começa.  
Iâ da Real preferença veneranda  
Se parte o Capitão, pera onde peça  
Ao Catual, que delle tinha cargo  
Embarcação, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:  
Mas o mau Regedor, que novos laços  
Lhe machinaua, nada lhe concede,  
Interponda tardanças & embaraços:  
Coelle parte ao caes, porque o arrede  
Longe quanto poder dos regios paços,  
Onde, fem que feu Rei tenha noticia,  
Faça o que lhe afinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria  
Embarcaçam bastante, em que partiffe,  
Ou que pera a luz craftina do dia  
Futuro, sua partida diffiriffe:  
Ia com tantas tardanças entendia  
O Gama, que o Gentio consentiffe  
Na ma tençam dos Mouros, torpe & fera,  
O que delle ate li nam entendêra:

Era este Catual, hum dos que estauão  
Corrutos pela Maumetana gente,  
O principal por quem se gouernauão  
As cidades do Samorim potente:  
Delle fomite os Mouros esperauão  
Efeyto a seus enganos torpemente,  
Elle, que no concerto vil confpira  
De suas esperanças nam delira.

O Gama com infancia lhe requere  
Que o mande por nas naos, & não lhe val,  
E que afsi lho mandàra, lhe refere,  
O nobre fucceffor de Perimal:  
Porque razão lhe impede & lhe difere  
A fazenda trazer de Portugal,  
Pois aquillo que os Reis ja tem mandado  
Nam pode ser por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corruto  
A tais palauras, antes reuoluendo  
Na fantasia algum futil, & astuto  
Engano diabolico, & estupendo,  
Ou como banhar poffa o ferro bruto  
No fangue auorrecido, estava vendo,  
Ou como as naos em fogo lhe abrafaffe,  
Porque nenhũa aa patria mais tornaffe.

Que nenhum torne aa patria fo pretende

O confelho infernal dos Maumetanos,  
Porque nam faiba nunca onde fe eftende  
Aterra Eoa o Rei dos Lufitanos:  
Não parte o Gama em fim, que lho defende  
O Regedor dos barbaros profanos,  
Nem fem licença fua yrfe podia,  
Que as almâdias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão,  
Responde o Idolatra, que mandaffe  
Chegar aa terra as naos, que longe eftão,  
Porque melhor dali foffe, & tornaffe:  
Sinal he de inimigo, & de ladrão,  
Que la tam longe a frota fe alargaffe,  
Lhe diz, porque do certo & fido amigo  
He nam temer do feu nenhum perigo.

Nestas palauras o difcreto Gama  
Enxerga bem, que as naos defeja perto  
O Catual, porque com ferro, & flama  
Lhas affalte, por odio defcuberto:  
Em varios penfamentos fe derrama:  
Fantafiando eftâ remedio certo,  
Que deffe a quanto mal fe lhe ordena  
Tudo temia, tudo em fim cuida.

Qual o reflexo lume do polido  
Efpelho de aço, ou de cristal fermofo,  
Que do rayo folar fendo ferido,  
Vai ferir noutra parte luminoso,  
E fendo da ouciofa mão mouido  
Pela cafa do moço curiofo,  
Anda pelas paredes, & telhado,  
Tremulo, aqui & ali, & deffoffegado.

Tal o vago juyzo fluctuava  
Do Gama prefo, quando lhe lembrara  
Coelho, fe por cafo o efpara  
Na praia cos bateis, como ordenara:  
Logo fecretamente lhe mandava,  
Que fe tornaffe aa frota, que deixâra,  
Nam foffe falteado dos enganos,  
Que efperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de fer, quem quer co dom de Marte  
Imitar os illuftres, & igoalalos.  
Voar co penfamento a toda parte,  
Adiuinhar pirigos, & euitallos:  
Com militar engenho, & futil arte  
Entender os imigos, & enganalos,  
Crer tudo em fim, que nunca louuarey  
O Capitão que diga, não cuidey.

Infiste o Malabar em telo prefo,  
Senão manda chegar a terra a armada,  
Elle confante, & de yra nobre acefo,  
Os ameaços feus nam teme nada:  
Que antes quer fobre fi tomar o pefo,  
De quanto mal a vil malicia oufada  
Lhe andar armando, que por em ventura  
A frota de feu Rei, que tem fegura.

Aquella noite esteue ali detido,  
E parte do outro dia, quando ordena  
De fe tornar ao Rei. mas impedido  
Foi da guarda que tinha não pequena:

Comete lhe o Gentio outro partido,  
Temendo de feu Rei castigo, ou pena,  
Se fabe esta malicia, a qual afinha  
Saberâ, fe mais tempo ali o detinha.

Diz lhe que mande vir toda á fazenda  
Vendibil, que trazia, pera a terra,  
Pera que de vagar fe troque, & venda,  
Que quem nam quer comercio, bufca guerra:  
Posto que os maos prepositos entenda  
O Gama, que o danado peito encerra,  
Confente, porque fabe por verdade,  
Que compra co a fazenda a liberdade.

Concertã fe que o negro mande dar,  
Embarcações idoneas com que venha,  
Que os feus bateis não quer aventurar,  
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:  
Partem as almãdias a bufcar  
Mercadoria Hispana, que conuenha,  
Efcreue a feu yrmão, que lhe mandaffe  
A fazenda, com que fe refgataffe.

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
A agafalhou o iffame Catual:  
Coella ficam Alvaro & Diogo,  
Que a podeffem vender pelo que val,  
Se mais que obrigação, que mando & rogo  
No peito vil o premio pode, & val,  
Bem o moftra o Gentio a quem o entenda,  
Pois o Gama foltou pela fazenda.

Por ella o folta, crendo que ali tinha  
Penhor baftante, donde recebeffe  
Intereffe maior do que lhe vinha,  
Se o Capitão mais tempo detiueffe:  
Elle vendo que ja lhe nam conuinha  
Tornar a terra, porque nam podeffe  
Ser mais retido, fendo aas naos chegado  
Nellas eftar fe deixa defcanfado.

Nas naos estar fe deyxã vagarofo,  
Atê ver o que o tempo lhe defcobre,  
Que não fe fia ja do cobiçofo  
Regedor corrompido, & pouco nobre.  
Veja agora o juyzo curiofo  
Quanto no rico, afsi como no pobre  
Pode o vil intereffe & fede imiga  
Do dinheyro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rey Treicio,  
Sò por ficar fenhor do grão tefouro:  
Entra, pelo fortifsimo edificio,  
Com a filha de Acrifo a chuua douro:  
Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,  
Que a troco do metal luzente, & louro,  
Entrega aos inimigos a alta torre,  
Do qual quafi afogada empago morre.

Efte rende munidas fortalezas,  
Faz tredoros, & falfos os amigos,  
Efte a mais nobres faz fazer vilezas,  
E entrega Capitães aos inimigos:  
Este corrompe virginais purezas,  
Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,  
Efte depraua as vezes às ciencias,

Os juyzos cegando, & as consciencias.

Efte interpreta mais que futilmente  
Os textos. efte faz & desfaz leis:  
Efte caufa os perjurios entre a gente:  
E mil vezes tirânos torna os Reis.  
A te os que fo a Deos omnipotente  
Se dedicação, mil vezes ouuireis,  
Que corrompe efte encantador, & illude:  
Mas não fem cor com tudo de virtude.

**F I M.**

• Canto Nono.

Tiuerão longamen-  
te na cidade  
Sem vender fe a fazenda os do-  
us feitores,  
Que os infieis por manha, & falfidade  
Fazem, que nam lha comprem mercadores,  
Que todo feu propofito, & vontade  
Era, deter ali os defcubridores  
Da India, tanto tempo que vieffem  
De Meca as naos, que as fuas desfizeffem.

La no feio Eritreo, onde fundada  
Arfinoe foi do Fgipcio Ptholomeo,  
Do nome da irmã fua afsi chamada,  
Que deſpois em Suez fe conuerteo,  
Não longe, o porto jaz da nomeada  
Cidade Meca, que fe engrandeceo  
Com a fuperſtiçam falfa, & profana,  
Da relegiofa agoa Maumetana.

Gidâ fe chama o porto, aonde o trato  
De todo o roxo mar mais florecia,  
De que tinha proueito grande, & grato  
O Soldão que effe Reino poſſuia:  
Daqui aos Malabares, por contrato  
Dos infieis, fermofa companhia  
De grandes naos, pelo Indico Oceano,  
Efpeciaria vem bufcar cada anno.

Por eftas naos os Mouros eſperauão,  
Que como foſſem grandes & poſſantes  
Aquellas, que o commercio lhe tomauão,  
Com flamas abraſſaffem crepitantes:  
Nefte focorro tanto confiauão,  
Que ja nam querem mais dos nauegantes,  
Se nam que tanto tempo ali tardaffem,  
Que da famofa Meca as naos chegaffem.

Mas o Gouernador dos ceos, & gentes,  
Que pera quanto tem determinado,  
De longe os meios dá conuenientes,  
Por onde vem a effeito o fim fadado,  
Influo piadofos accidentes  
De affeiçam em Monçaide, que guardado  
Estaua pera dar ao Gama auifo,  
E merecer por iffo o Paraifo.

Efte de quem fe os Mouros não guardauão,  
Por fer Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinauão,

A tençam lhe defcobre torpe, & fera:  
Muitas vezes as naos que longe eftauão  
Vifita, & com piedade confidera  
O dano, fem razão, que fe lhe ordena,  
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,  
Que de Arabica Meca vem cadano,  
Que agora fam dos feus tam defejadas,  
Pera fer instrumento defte dano:  
Diz lhe que vem de gente carregadas,  
E dos trouões horrendos de Vulcano,  
E que pode fer dellas oprimido,  
Segundo eftaua mal apercebido.

O Gama que tambem confidera  
O tempo, que pera a partida o chama,  
E que defpacho ja não efparava  
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:  
Aos feitores, que em terra eftão, mandava  
Que fe tornem aas naos: & porque a fama  
Defte fubita vinda os não impida,  
Lhe manda que a fizeffem efcondida.

Porem não tardou muito, que voando  
Hum rumor nam foaffe com verdade,  
Que forão prefos os feitores, quando  
Foram fentidos virfe da cidade:  
Efta fama as orelhas penetrando  
Do fabio capitão, com breuidade  
Faz reprefaria nūs, que aas naos vierão,  
A vender pedraria que trouxerão.

Eram eftes antigos mercadores  
Ricos em Calecu, & conhecidos  
Da falta delles, logo entre os milhores  
Sentido foi, que eftão no mar retidos:  
Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,  
Voluem o cabrestante, & repartidos  
Pelo trabalho, hūs puxão pela amarra,  
Outros quebrão co peito duro a barra.

Outros pendem da verga, & ja defatão  
A vella, que com grita fe foltaua,  
Quando com maior grita ao Rei relatão  
A preffa, com que a armada fe leuava:  
As molheres & filhos, que fe matão  
Daquelles que vão prefos, onde eftava  
O Samorim, fe aqueixão que perdidos  
Hūs tem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lufitanos  
Com toda fua fazenda liurementemente,  
A pefar dos imigos Maumetanos,  
Porque lhe torne a fua prefa gente:  
Defculpadas manda o Rei de feus enganadas,  
Recebe o Capitão de melhormemente  
Os prefos, que as defculpadas, & tornando  
Algūs negros, fe parte as vellas dando.

Partefe cofta abaxo, porque entende  
Que em vão co Rei gentio trabalhava,  
Em querer delle paz, a qual pretende  
Por firmar o comercio que tratava:  
Mas como aquella terra que fe estende  
Pela Aurora, fabida ja deixava,

Com estas novas torna a patria cara,  
Certos finais levando do que achara.

Leva algus Malabares, que tomou  
Per força, dos que o Samorim mandara,  
Quando os prezos feitos lhe tornou:  
Leva pimenta ardente que comprara:  
A fecca flor de Banda não ficou,  
A Noz, & o negro crauo, que faz clara  
A nova ilha Maluco, coa canella,  
Com que Ceilão he rica illustre & bella.

Isto tudo lhe ouvera a deligencia  
De Monçada fiel, que tambem leua,  
Que inspirado de Angelica influencia,  
Quer no liuro de Christo que se escreua,  
O ditoso .Affricano, que a clemencia  
Diuina afsi tirou defcura treua,  
E tam longe da patria achou maneira,  
Pera fubir a patria verdadeira.

Apartadas afsi da ardente costa,  
As venturofas naos, levando a proa  
Pera onde a natureza tinha pofta  
A Meta Austrina da esperança boa,  
Leuando alegres novas & repofta,  
Da parte Oriental pera Lisboa,  
Outra vez cometendo os duros medos  
Do mar incerto, temidos & ledos.

O prazer de chegar a patria cara,  
A feus penates caros & parentes,  
Pera contar a peregrina, & rara  
Nauegam, os varios çeos, & gentes,  
Vir a lograr o premio, que ganhara  
Por tão longos trabalhos, & accidentes,  
Cada hum, tem por gofto tam perfeito,  
Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a Deosa Cipria, que ordenada  
Era pera fauor dos Lufitanos  
Do Padre eterno, & por bom genio dada  
Que fempre os guia ja de longos annos.  
A gloria por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem sofridos danos,  
Lhe andava ja ordenando, & pretendia  
Darlhe nos mares tristes alegria.

Depois de ter hum pouco reuoluido  
Na mente, o largo mar que nauegãrão,  
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,  
Nas Amphioneas Thebas, se caufarão,  
Ia trazia de longe no fentido,  
Pera premio de quanto mal paffarão,  
Bufcarlhe algum deleite, algum defcanfo  
No Reino de criftal liquida, & manfo.

Algun repoufo em fim, com que podeffe  
Refucilar a lassa humanidade  
Dos nauegantes feus, como intereffe  
Do trabalho, que incurta a breue idade:  
Parecelhe razão que conta deffe  
A feu filho, por cuja potestade  
Os Deofes faz decer ao vil terreno,  
E os humanos fubir ao ceo fereno.

Isto bem reuoluido, determina

De terlhe aparelhada la no meio  
Das agoas, algũa infula diuina,  
Ornada defmaltado & verde arreio:  
Que muitas tem no reino, que confina  
Da primeira co terreno feio,  
Afora as que paffue foberanas,  
Pera dentro das portas Herculananas.

Ali quer que as aquaticas donzellas,  
Efperem os fortifsimos barões,  
Todas as que tem titolo de bellas,  
Gloria dos olhos, dor dos corações,  
Com danças, & coreas, porque nellas  
Influirâ fecretas affeições,  
Pera com mais vontade trabalharem  
De contentar a quem fe affeçoarem.

Tal manha bufcou ja, pera que aquelle  
Que de Achifes pario, bem recebido  
Foffe no campo que a bouina pelle  
Tomou de efpaco, por futil partido:  
Seu filho vai bufcar, porque fo nelle  
Tem todo feu poder, fero Cupido,  
Que afsi como naquella emprefa antiga  
A ajudou ja, nefitoutra a ajude & figa.

No carro ajunta as aues, que na vida  
Vão da morte as exequias celebrando,  
E aquellas em que ja foi conuertida  
Peristera, as boninas apanhando:  
Em derredor da Deofa ja partida,  
No ar lafcuios beijos fe vão dando,  
Ella por onde paffa o ar, & o vento  
Serenoz faz, com brandoz mouimento.

Ia fobre os Idalios montes pende,  
Onde o filho frecheiro eftaua então,  
Ajuntando outros muitos, que pretende  
Fazer hũa famofa expedição  
Contra o mundo reuelde, porque emende  
Erros grandes, que ha dias nelle eftão,  
Amando coufas que nos forão dadas,  
Nam pera fer amadas, mas vfadas.

Via Acteon na caça, tam auftero,  
De cego na alegria bruta, infana,  
Que por feguir hum feo animal fero,  
Foge da gente, & bella forma humana:  
E por castigo quer doce, & feuro,  
Mafta lhe a fermofura de Diana,  
E guarde fe nam feja inda comido  
Deffes cães que agora ama, & confumido.

E vê do mundo todo os principais,  
Que nenhum no bem pubrico imagina,  
Vê nelles, que não tem amor a mais  
Que a fi fomite, & a quem Philaucia infina  
Vê que effes que frequentão os reais  
Paços, por verdadeira & faã doutrina  
Vendem adulação, que mal confente  
Mandarfe o nouo trigo florecente.

Vê que aquelles que deuem aa pobreza  
Amor diuino, & ao pouo charidade,  
Amão fomite mandos, & riqueza,  
Simulãdo juftiça, & integridade:

Da fea tyrania & de afperezã  
Fazem direito, & vã feueridade:  
Leis em fauor do Rei fe estabelecem,  
As em fauor do pouo fo perecem.

Vê em fim que ninguem ama o que deue,  
Se não o que fomite mal defeja,  
Não quer que tanto tempo fe releue,  
O castigo que duro, & justo feja:  
Seus miniftros ajunta, porque leue  
Exercitos conformes aa peleja,  
Que efpera ter coa mal regida gente,  
Que lhe não for agora obediente.

Muitos deftes mininos voadores,  
Eftão em varias obras trabalhando,  
Hũ amolando ferros paffadores,  
Outros afteas de fetas delgaçando,  
Trabalhando cantando eftão de amores,  
Varios cafos em verfo modulando,  
Melodia fonora, & concertada,  
Suaue a letra, angelica a foadã.

Nas fragras immortais, onde forjauão,  
Pera as fetas as pontas penetrantes,  
Por lenha, corações ardendo eftauão,  
Viuas entranhas inda palpitantes:  
As agoas onde os ferros temperauão,  
Lagrimas fam de miferos amantes,  
A viuã flama, o nunca morto lume,  
Defejo he fo que queima, & não confume.

Algũs exercitando a mão andauão,  
Nos duros corações da plebe ruda,  
Crebros fofpiros pelo ar foauão,  
Dos que feridos vã, da feta aguda,  
Fermofas Nimphas fam, as que curauão  
As chagas recebidas, cuja ajuda  
Não fomite dã vida aos mal feridos:  
Mas poem em vida os inda não nafcidos.

Fermofas fam algũas, & outras feas,  
Segundo a qualidade for das chagas,  
Que o veneno efpalhado pelas veas,  
Curão no aas vezes afperas triagas  
Algũs ficão ligados em cadeas,  
Por palauras futis de fabias Magas,  
Ifto acontece aas vezes quando as fetas  
Acertão de leuar eruas fecretas.

Deftes tiros afsi defordenados,  
Que estes moços mal deftros vã tirando,  
Nafcem amores mil desconcertados,  
Entre o pouo ferido miferando,  
E tambem nos heroes de altos eftados,  
Exemplos mil fe vem de amor nefando,  
Qual o das moças, Bibli, & Cynirea  
Hum mancebo de Afsiria, hum de Iudea.

E vos ô poderofõ por paftoras  
Muytas vezes ferido o peyto vedes,  
E por bayxos, & rudos vos fenhoras  
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,  
Hũ efperando andais nocturnas horas,  
Outros fubis telhados & paredes,  
Mas eu creyo que defte amor indino,

He mais culpa a da mãy, que a da minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,  
Punhão os brancos Cifnes manfamente,  
E Dione, que as rofas entre a neue  
No rosto traz, decia diligente:  
O frecheiro, que contra o çeo fe atreue,  
A recebella vem, ledô, & contente,  
Vem todos os cupidos feruidores,  
Beijar a mão aa Deofa dos amores.

Ella porque não gafte o tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz, amado filho, em cuja mão  
Toda minha potencia eftà fundada:  
Filho em quem minhas forças fempore eftão,  
Tu que as armas Tifeas tês em nada,  
A focorrer me a tua potestade,  
Me traz efpecial necefsidade.

Bem ves as Lufitanicas fadigas,  
Que eu ja de muito longe fauoreço,  
Porque das Parcas fey minhas amigas,  
Que me ande venerar & ter em preço,  
E porque tanto imitação as antigas  
Obras de meus Romanos, me offereço  
A lhe dar tanta ajuda em quanto poffo,  
A quanto fe estender o poder noffo.

E porque das infidias do odiofo  
Baco foram na India moleftados,  
E das injurias fos do mar vndofo,  
Poderão mais fer mortos, que canfados:  
No mesmo mar, que fempore temerofo  
Lhe foi, quero que feirão repoufados,  
Tomando aquelle premio, & doçe gloria  
Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera iffo queria que feridas  
As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
Da mor dos Lufitanos encendidas,  
Que vem de defcobrir o nouo mundo,  
Todas nãa ilha juntas & fubidas,  
Ilha que nas entranhas do profundo  
Oceano, terei aparelhada,  
De dões de Flora, & Zefiro adornada.

Ali com mil refrefcos & manjares,  
Cominhos odoriferos, & rofas,  
Em criftalinos paços fingulares,  
Fermofos leitôs, & ellas mais fermofas:  
Em fim com mil deleites não vulgares,  
Os efperem as Nymphas amorofas,  
Damor feridas, pera lhe entregarem  
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

Quero que aja no reino Neptunino  
Onde eu nafci, progenie forte & bella,  
E tome exemplo o mundo vil, malino,  
Que contra tua potencia fe reuela,  
Porque entendão que muro Adamantino,  
Nem triste hypocrefia val contra ella:  
Mal auerâ na terra quem fe guarde,  
Se teu fogo imortal nas agoas arde.

Afsi Venus propos, & o filho inico  
Pera lhe obedecer ja fe apercebe,

Manda trazer o arco eburneo rico,  
Onde as fetas de ponta de ouro embebe:  
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe,  
Ha redea larga aas aues, cujo canto  
Ha Phaetontea morte chorou tanto.

Mas diz Cupido, que era neceffaria  
Hũa famofa, & celebre terceyra,  
Que pofto que mil vezes lhe he contraria,  
Outras muytas ha tem por companheyra:  
A Deofa Gigantea temeraria,  
Iactante, mintirofa, & verdadeyra,  
Que com cem olhos ve, & por onde voa  
O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a bufcar, & mandam a diante,  
Que celebrando va com tuba clara,  
Os lououres da gente nauegante,  
Mais do que nunca os doutrem celebrara  
Ia murmurando a fama penetrante  
Pelas fundas cauernas fe efpalhàra,  
Fala verdade, a vida por verdade,  
Que junto a Deofa traz Credulidade.

O louuor grande, o rumor excellente  
No coração dos Deofes, que indinados  
Forão por Baco contra a illuftre gente,  
Mudando os fez hum pouco afeyçoados:  
O peyto feminil, que leuemente  
Muda quaefquer propafitos tomados,  
Ia julga por mao zelo, & por crueza  
Defejar mal a tanta fortaleza.

Defpede nifto o fero moço as fetas  
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,  
Dereitas pelas ondas inquietas,  
Algũas vão, & algũas fazem giros:  
Caem as Nimphas, lançam das fecretas  
Entranhas ardentiffimos fofpiros,  
Cae qualquer, fem ver o vulto que ama,  
Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,  
Com força o moço indomito excefsiua,  
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,  
Porque mais que nenhũa lhe era efquiua:  
Ia não fica na aljaua feta algũa,  
Nem nos equoreos campos Nimpha viua,  
E fe feridas inda eftão viuendo,  
Sera pera fentir que vão morrendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,  
Que vedes Venus traz a medicina,  
Mostrando as brancas vellas, & redondas,  
Que vem por cima da agoa Neptunina:  
Pera que tu reciproco refpondas  
Ardente Amor aa flama feminina,  
He forçado que a pudicicia honesta  
Faça quanto lhe Venus amoefta.

Ia todo o bello coro fe aparelha  
Das Nereidas, & junto caminhaua  
Em coreas gentis, vfança velha,  
Pera a ilha, a que Venus as guiaua:  
Ali a fermofa Deofa lhe aconselha

O que ella fez mil vezes, quando amaua,  
Ellas que vão do doce amor vencidas,  
Eftão a feu confelho offerecidas.

Cortando vão as naos a larga via  
Do mar ingente, pera a patria amada,  
Defejando prouerfe de agoa fria,  
Pera a grande viagem prolongada:  
Quando juntas com fubita alegria,  
Ouuerão vista da ilha namorada,  
Rompendo pelo çeo a mãi fermofa  
De Menonio, fuaue & deleitofa.

De longe a Ilha virão frefca, & bella,  
Que Venus pelas ondas lha leuaua  
(Bem como o vento leua branca vella)  
Pera onde a forte armada fe enxergaua,  
Que porque não paffaffem, fem que nella  
Tomaffem porto, como defejaua,  
Pera onde as naos nauegão a mouia  
A Accidalia, que tudo em fim podia.

Mas firme a fez & imobil, como vio  
Que era dos Nautas vifta, & demandada,  
Qual ficou Delos, tanto que pario  
Latona Phebo, & a Deofa aa caça vfada  
Pera la logo a proa o mar abrio,  
Onde a cofta fazia hũa enfeada  
Curua, & quieta, cuja branca area  
Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

Tres fermofos outeiros fe moftrauão,  
Erguidos com foberba graciofa,  
Que de gramineo efmalte fe adornauão,  
Na fermofa ilha alegre, & deleitofa:  
Claros fontes & limpidas manauão  
Do cume, que a verdura tem viçofa,  
Por entre pedras aluas fe diriua,  
A fonorofa Limpha fugitiua.

Num valle ameno, que os outeiros fende,  
Vinhão as claras agoas ajuntarfe,  
Onde hũa mefa fazem, que fe estende  
Tam bella, quanto pode imaginarfe:  
Aruoredo gentil fobre ella pende,  
Como que prompto eftâ pera afeitarfe,  
Vendofe no cristal reflplandecente,  
Que em fi o eftâ pintando propriamente:

Mil aruores eftão ao çeo fubindo,  
Com pomos odoriferos & bellos,  
A Laranjeira tem no fruto lindo  
A cor, que tinha Daphne nos cabellos.  
Encoftafe no chão, que eftâ caindo  
A Cidreira cos pefos amarellos,  
Os fermofos limoês ali cheirando  
Eftam virgineas tetas imitando.

As aruores agreftes, que os outeiros  
Tem com frondente coma emnobrecidos  
Alemos fam de Alcides, & os Loureiros  
Do louro Deos amados, & queridos:  
Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros  
De Cybele por outro amor vencidos,  
Estâ apontando o agudo Ciparifo  
Pera onde he pofto o Etereo paraifo.

Os dões que dâ Pomona, ali natura  
Produze diferentes nos labores,  
Sem ter necefsidade de cultura,  
Que fem ella fe dão muito milhores.  
As Cereijas porpureas na pintura,  
As Amoras, que o nome tem de amores,  
O pomo, que da patria Perfia veio,  
Milhor tornado no terreno alheio.

Abre a Romã, mostrando a rubicunda  
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:  
Entre os braços do Vlmeiro eftâ a jocunda  
Vide, cûs cachos roxos, & outros verdes:  
E vos fe na voffa aruore fecunda  
Peras pyramidais viuer quiferdes,  
Entregaiuos ao dano, que cos bicos,  
Em vos fazem os paffaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,  
Com que fe cobre a ruftico terreno,  
Faz fer a de Achemenia menos dina:  
Mas o fombrio valle mais ameno:  
Ali a cabeça o flor Cyfifia inclina,  
Sobollo tanque lucido & fereno,  
Floreçe o filho & neto de Cyniras,  
Por quem tu Deofa Paphia inda fufpiras.

Pera julgar difficil coufa fora,  
No çeo vendo, & na terra as mefmas cores,  
Se daua aas flores cor a bella Aurora,  
Ou fe lha dam a ella as bellas flores:  
Pintando eftaua ali Zefiro, & Flora  
As violas da cor dos amadores,  
O Lirio roxo, a frefca Rofa bella,  
Qual reluze nas faces da donzella.

A candida Cecêm das Matutinas  
Lagrimas ruciada, & a Manjarona,  
Venfe as letras nas flores Hyacintinas,  
Vem queridas do filho de Latona:  
Bem fe enxerga nos pomos & boninas,  
Que competia Cloris com Pomona:  
Pois fe as aues no ar cantando voão,  
Alegres animais o chão pouoão.

A longo da agoa o niueo Cifne canta,  
Responde lhe do ramo Philomela,  
Da fombra de feus cornos nam fe efpana  
Acteon nagoa cristalina & bella:  
Aqui a fugace Lebre fe leuanta  
Da efpeffa mata, ou temida Gazella,  
Ali no bico traz ao caro ninho,  
O mantimento ô leue paffarinho.

Nefta frefcura tal defembarcauão  
Ia das naos os segundos Argonautas,  
Onde pela floresta fe deixauão  
Andar as bellas Deofas como incautas,  
Algũas doces Cytaras tocauão,  
Algũas arpas, & fonoras frautas,  
Outras cos arcos de ouro fe fingião  
Seguir os animais, que nam feguião.

Afsi lho aconfelhàra a meftra experta,  
Que andaffem pelos campos espalhadas,  
Que vista dos barões a prefa incerta,

Se fizeffem primeyro defejadas  
Algũas, que na forma defcuberta  
Do bello corpo eftauão confiadas,  
Pofta a artificiofa fermofura,  
nuas lauarfe deyxão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya  
Punhão os pes de terra cubiçofos,  
Que não ha nenhum delles, que não faya  
De acharem caça agrefte defejofos:  
Não cuydão que fem laço, ou redes caya  
Caça naquelles montes deleytofos  
Tão fuaue, domeftica, & benina,  
Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em efpingardas, & nas beftas  
Pera ferir os Ceruos fe fiauão,  
Pelos fombrios matos, & florestas  
Determinadamente fe lançauão:  
Outros nas fombras, que de as altas feftas  
Defendem a verdura, paffeauão  
Ao longo da agoa, que fuaue, & queda  
Por aluas pedras corre aa praya leda.

Começão de enxergar fubitamente  
Por entre verdes ramos varias cores,  
Cores de quem a vifta julga, & fente,  
Que não erão das rofas, ou das flores,  
Mas da lam fina, & feda diferente  
Que mais incíta a força dos amores,  
De que fe vestem as humanas rofas,  
Fazendofe por arte mais fermofas.

Da Velofo efpantado hum grande grito,  
Senhores caça eftranha diffe he esta,  
Se inda durão o Gentio antigo rito,  
A Deofas he fagrada esta floresta:  
Mais defcobrimos do que humano efprito  
Defejou nunca, & bem fe manifesta  
Que fam grandes as coufas, & excellentes  
Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes.

Sigamos eftas Deofas, & vejamos,  
Se fantasticas fam, fe verdadeiras,  
Isto dito velloces mais que Gamos,  
Selançam a correr pelas ribeiras:  
Fugindo as Nimphas vão por entre os ramos,  
Mas mais induftriofas que ligeiras,  
Pouco & pouco furrindo, & gritos dando,  
Se deixão yr dos Galgos alcançando.

De hũa os cabellos de ouro o vento leua  
Correndo, & da outra as fraldas delicadas,  
Acendefe o defejo que fe ceua  
Nas aluas carnes fubito moftradas,  
Hũa de industria cae, & ja releua  
Com mofttras mais mafias, que indinadas,  
Que fobre ella empecendo tambem caia  
Quem a feguio pela arenofa praia.

Outros por outra parte vão topar,  
Com as Deofas defpidas, que fe lauão,  
Ellas começam fubito a gritar,  
Como que affalto tal nam efperauão,  
Hũas fingindo menos eftimar  
A vergonha, que a força, fe lançauão

Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
O que aas mãos cobiçofas vão negando.

Outra como acudindo mais de preffa,  
Aa vergonha da Deofa caçadora,  
Efconde o corpo nagoa, outra fe apreffa  
Por tomar os vestidos, que tem fora:  
Tal dos mancebos ha, que fe arremeffa  
Vestido afsi & calçado (que co a mora  
Deffe despir, ha medo que inda tarde)  
A matar na agoa o fogo que nelle arde.

Qual tão de caçador fagaz, & ardido,  
Vfado a tomar na agoa a aue ferida,  
Vendo rofto o ferreo cano erguido,  
Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,  
Antes que foe o eftouro, mal fofrido  
Salta nagoa, & da prefa nam duuïda,  
Nadando vay & latindo, afsi o mancebo  
Remete ha que nam era yrmaã de Phebo.

Lionardo foldado bem despofto,  
Manhofo, caualleiro, & namorado,  
A quem amor não dera hum fo desgofto,  
Mas fempore fora delle mal tratado:  
E tinha ja por firme profuposto  
Ser com amores mal afortunado,  
Porem não que perdeffe a esperança,  
De inda poder feu fado ter mudança.

Quis aqui fua ventura, que corria  
Apos Efire, exemplo de belleza,  
Que mais caro que as outras dar queria,  
O que deu para darfe a natureza,  
Ia canfado correndo lhe dizia.  
O fermofura indigna de aspereza,  
Pois desta vida te concedo a palma,  
Efpera hum corpo de quem leuas a alma.

Todas de correr canfam, Nimpha pura,  
Rendendo fe aa vontade do inimigo,  
Tu fo de my fo foges na espeffura?  
Quem te diffe que eu era o que te figo?  
Se to tem dito ja aquella ventura,  
Que em toda a parte fempore anda comigo,  
O nam na creas, porque eu quando a cria,  
Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canfes, que me canfas: & fe queres  
Fujirme, porque nam poffa tocarfe,  
Minha ventura he tal, que inda que esperes  
Ella farâ que nam poffa alcançarte:  
Efpera, quero ver, fe tu quiferes,  
Que futil modo bufca de escaparte,  
E notarâs no fim deste fucceffo,  
Tra la fpica & la man, qual muro he meffo.

O não me fujas, afsi nunca o breue  
Tempo fuja de tua fermofura,  
Que fo com refrear o paffo leue,  
Vencerâs da fortuna a força dura:  
Que Emperador, que exercito fe atreue.  
A quebrantar a furia da ventura,  
Que em quanto defejey me vai feguindo,  
O que tu fo faras nam me fugindo?

Põeeste da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:  
Leuas me hum coração, que liure tinha?  
Solta mo, & corroras mais leuemente.  
Não te carrega effa alma tam mezquinha,  
Que neffes fios de ouro reluzente  
Atada leuas? ou despois de prefa  
Lhe mudafte a ventura, & menos pefa?

Nefta efperança fo te vou feguindo,  
Que ou tu nam fofrerâs o pefo della,  
Ou na virtude de teu gesto lindo,  
Lhe mudarâs a triste & dura eftrella.  
E fe fe lhe mudar, nam vas fugindo,  
Que Amor te ferirà, gentil donzella,  
E tu me efperarâs, fe Amor te fere,  
E fe me efperas, não ha mais que efpere.

Ia nam fugia a bella Nimpha, tanto  
Por fe dar cara ao triste que a feguia,  
Como por yr ouuindo o doce canto,  
As namoradas magoas que dizia:  
Voluendo o rofto ja fereno & fancto,  
Toda banhada em rifo, & alegria,  
Cair fe deixa aos pês do vencedor,  
Que todo fe desfaz em puro amor.

O que famintos beijos na floresta,  
E que mimofo choro que foaua,  
Que afagos tam fuaues, que yra honefta  
Que em rifinhos alegres fe tornaua:  
O que mais paffam na menhã, & na festa  
Que Venus com prazeres inflamaua,  
Milhor he efprimentalo que julgalo,  
Mas julgue o quem nam pode efprimentalo.

Defta arte em fim conformes ja as fermofas  
Nimphas, cos feus amados nauegantes,  
Os ornão de capellas deleitofas,  
De louro, & de ouro, & flores abundantes:  
As mãos aluas lhe dauão como efpofoas  
Com palauras formais, & eftipulantes,  
Se prometem eterna companhia  
Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem fe humilha  
Todo o coro das Nimphas, & obedece,  
Que dizem fer de Celo & Vesta filha,  
O que no gesto bello fe parece,  
Enchendo a terra, & o mar de marauilha,  
O Capitão illustre que o mereçe,  
Recebe ali com pompa honefta, & rêgia,  
Moftrando fe fenhora grande, & egregia.

Que despois de lhe ter dito quem era,  
Cum alto exordio de alta graça ornado,  
Dando lhe a entender, que ali viera  
Por alta influçam do imobil fado,  
Pera lhe defcobrir da vnida efphera,  
Da terra immenfa, & mar não nauegado  
Os fegredos, por alta prophecia,  
O que efta fua naçam fo merecia:

Tomando o pela mão a leua, & guia  
Pera o cume dum monte alto, & diuino,  
No qual hũa rica fabrica fe erguia  
De criftal toda, & de ouro puro, & fino:

A maior parte aqui paffam do dia  
Em doces jogos, & em prazer contino,  
Ella nos paços logra feus amores,  
As outras pelas sombras entre as flores.

Afsi a fermofa, & a forte companhia,  
O dia quafi todo eftão paffando,  
Nãa alma, doce, incognita alegria,  
O trabalhos tam longos compenfando:  
Porque dos feitos grandes, da oufadia  
Forte & famofa, o mundo està guardando  
O premio la no fim bem merecido,  
Com fama grande, & nome alto & fubido.

Que as Nimphas do Oceano tam fermofas,  
Thetis & a Ilha angelica pintada,  
Outra coufa nam he, que as deleitofas  
Honras, que a vida fazem fublimada:  
Aquellas preminencias gloriofas,  
Os triumphos, a fronte coroada  
De Palma, & Louro, a gloria & marauilha  
Estes fam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia  
A antiguidade, que os illuftres ama,  
La no estellante Olimpo a quem fubia,  
Sobre as afas inclitas da fama,  
Por obras valerofas, que fazia,  
Pelo trabalho immenfo, que fe chama  
Caminho da virtude alto & fragofo:  
Mas no fim doce, alegre, & deleitofo.

Nam erão fenão premios, que reparte  
Por feitos imortais & foberanos,  
O mundo, cos varões, que esforço & arte  
Diuinos os fizerão, fendo humanos:  
Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte  
Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos  
Ceres, Palas, & Iuno, com Diana  
Todos forão de fraca carne humana.

Mas a fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deu no mundo nomes tam eftranhos  
De Deofes, Semideofes immortais  
Indigetes, Eroicos, & de Magnos  
Por iffo, o vos que as famas estimais,  
Se quiferdes no mundo fer tamanhos,  
Defpertai ja do fono do ocio ignauo,  
Que o animo de liure faz efcauao.

E ponde na cobiça hum freio duro,  
E na ambiçam tambem, que indignamente  
Tomais mil vezes, & no torpe & efcurio  
Vicio da tirania infame, & vrgente:  
Porque effas honras vaãs, effe ouro puro  
Verdadeiro valor nam dão aa gente,  
Milhor he merecellos, fem os ter  
Que poffuilos fem os mereçer.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,  
Que aos grandes não dem o dos pequenos,  
Ou vos vefti nas armas rutilantes,  
Contra a ley dos imigos Sarracenos,  
Fareis os Reinos grandes, & poffantes  
E todos tereis mais, & nenhum menos  
Poffuireis riquezas merecidas,

Com as honras, que illuftrão tanto as vidas.

E fareis claro o Rei, que tanto amais,  
Agora cos confelhos bem cuidados,  
Agora co as efpadas, que immortais  
Vos farão, como os voffos ja paffados:  
Impofibilidades não façais,  
Que quem quis fempre pode: & numerados  
Sereis entre os Heroes efclarecidos,  
E nefta ilha de Venus recebidos.

**F I M.**

• Canto Decimo & vltimo.

Mas ja o claro ama-  
dor da Lariffea  
Adultera, inclinaua os animais,  
La para o grande lago, que rodea  
Temiftitão, nos fins Occidentais:  
O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,  
Co fopro, que nos tanques naturais  
Encrefpa a agoa ferena, & defperta  
Os Lirios, & Iazmins que a calma agraua.

Quando as fermofas Ninfas cos amantes  
Pella mão ja conformes & contentes,  
Subião pera os paços radiantes,  
E de metais ornados reluzentes:  
Mandados da Rainha, que abundantes  
Mefas, daltos manjares, excelentes,  
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
Reftaurem da canfada natureza.

Ali em cadeiras ricas cristalinas,  
Se affentão, dous & dous, amante & dama,  
Noutras aa cabeceira douro finas,  
Eftà coa bella Deofa o claro Gama:  
De ygoarias fuaues & diuinas  
A quem não chega a Egipcia antiga fama,  
Se acumulão os pratos de fuluo ouro,  
Trazidos la do Atlantico tefouro.

Os vinhos odoriferos, que acima  
Eftão não fo do Italico Falerno,  
Mas da Ambrofia, que Ioue tanto eftima,  
Com todo o ajuntamento fempiterno:  
Nos vafos, onde em vão trabalha a lima  
Crefpas efcumas erguem, que no interno  
Coração mouem fubita alegria,  
Saltando coa miftura dagoa fria.

Mil praticas alegres fe tocauão,  
Rífos doces, futis, & argutos ditos,  
Que entre hũ & outro mãjar fe aleuantauão  
Defpertando os alegres apatitos:  
Muficos instrumentos não faltauão,  
Quais no profundo reyno, os nus efpritos  
Fizerão defcanfar da eterna pena,  
Cũa voz dhũa angelica Syrena.

Cantaua a bella Ninfa, & cos acentos  
Que pellos altos paços vão foando,  
Em confonancia ygoal, os inftrumentos  
Suaues vem a hum tempo conformando:

Hum fubito filencio enfrea os ventos,  
E faz hir docemente murmurando  
As agoas, & nas cafas naturais  
Adormecer os brutos animais.

Com doce voz eftâ fubindo ao cco  
Altos varões, que estão por vir ao mundo,  
Cujas claras Ideas via Protheo,  
Num globo vão, diafano, rotundo,  
Que Iupiter em dom lho concedeo  
Em fonhos, & defpois no reino fundo  
Vaticinando o diffe, & na memoria  
Recolheo logo a Ninfa a clara hiftoria.

Materia he de Coturno, & não de Soco  
A que a Nimpha aprendeo no immenfo lago:  
Qual Yopas não foube, ou Demodoco,  
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.  
Aqui minha Caliope te inuoco  
Neste trabalho extremo, porque em pago,  
Me tornes, do ã efcreuo, & em vão pretendo,  
O gofto de efcreuer, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Eftio  
Ha pouco que paffar ate o Otono,  
A fortuna me faz o engenho frio,  
Do qual ja não me jacto, nem me abono:  
Os defgoftos me vão leuando ao rio  
Do negro efquecimento, & eterno fono,  
Mas tu me dê que cumpra, ò grão Rainha  
Das Mufas, cô que quero aa nação minha.

Cantaua a bella Deofa, que virião  
Do Tejo, pello mar que o Gama abrîra,  
Armadas que as ribeiras vencerião,  
Por onde o Oceano Indico fofpira:  
E que os Gentios Reis, que não darião  
A ceruiz fua ao jugo, o ferro & yra  
Prouarião do braço duro & forte,  
Ate renderfe a elle, ou logo aa morte.

Cantaua dhum que tem nos Malabares  
Do fumo facerdocio a dignidade,  
Que fo por não quebrar cos fingulares  
Baroês, os nos que dera damizade,  
Sofrerâ fuas cidades & lugares,  
Com ferro, incendios, ira & crueldade  
Ver deftruir do Samorim potente:  
Que tais odios terá coa noua gente.

E canta como la fe embarcaria  
Em Bellem o remedio deste dano,  
Sem faber o que em fi ao mar traria  
O grão Pacheco, Achilles Lufitano:  
O pefo fentirão, quando entraria,  
O curuo lenho, & o feruido Oceano,  
Quando mais nagoa os troncos, que gemerem,  
Contra fua natureza fe meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,  
E deixado em ajuda do gentio  
Rey de Cochim, com poucos naturais,  
Nos braços do falgado & curuo rio,  
Desbaratarâ os Naires infernais  
No paffo Cambalão, tornando frio  
Defpanto o ardos immenfo do Oriente

Que verá tanto obrar tão pouca gente.

Chamará o Samorim mais gente noua:  
Virão Reis Bipur, & de Tânôr,  
Das ferras de Narfinga, que alta proua  
Eftarão prometendo a feu fenhôr:  
Faràque todo o Naire em fim fe moua,  
Que entre Calicû jaz, & Cananor,  
Dambas as leis immigas, pera a guerra,  
Mouros por mar, Gentios polla terra.

E todos outra vez desbaratando,  
Por terra, & mar, o grão Pacheco oufado,  
A grande multidão que yrâ matando,  
A todo o Malabar terá admirado:  
Cometerá outra vez não dilatando  
O Gentio os combates apreffado,  
Injuriando os feus, fazendo votos  
Em vão aos Deofes vãos, furdos, & immotos

Ia não defenderá fomite os paffos,  
Mas queimar lhe ha lugares, templos, cafas:  
Acefo de yra o Cão, não vendo laffos  
Aquelles que as cidades fazem rafas:  
Farà que os feus de vida pouco efcaffos,  
Cometão o Pacheco que tem afas  
Por dous paffos num tempo, mas voando  
Dhum outro, tudo yrâ desbaratando.

Virá ali o Samorim, porque em peffoa  
Veja a batalha, & os feus esforce, & anime,  
Mas hum tiro, que com zonido voa,  
De fangue o tingirá no andor fublime:  
Ia não verá remedio, ou manha boa,  
Nem força, que o Pacheco muito eftime,  
Inuentara traiçoês, & vãos venenos,  
Mas fempre (o ceo querendo) farâ menos.

Que tornarâ a vez feptima, cantaua,  
Pellejar co inuicto & forte Lufo,  
A quem nenhum trabalho pefa, & agraua,  
Mas com tudo efte fo o farâ confufo:  
Trará pera a batalha horrenda, & braua,  
Machinas de madeiros fora de vfo,  
Pera lhe abalroar as Carauellas,  
Que ateli vão lhe fora cometellas.

Pella agoa leuarâ ferras de fogo  
Pera a brafarlhe quanta armada tenha,  
Mas a militar arte, & engenho, logo  
Farâ fer vaã a braueza com que venha:  
Nenhum claro barão no Martio jogo,  
Que nas afas da fama fe fostenha,  
Chega a este, que a palma a todos toma,  
E perdoeme a illuftre Grecia, ou Roma.

Porque tantas batalhas fofentadas  
Com muito pouco mais de cem foldados,  
Com tantas manhas, & artes inuentadas  
Tantos Cães não imbelles profligados:  
Ou parecerão fabulas fonhadas,  
Ou que os celestes Coros inuocados  
Decerão a ajudallo, & lhe darão  
Esforço, força, ardil, & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios  
O grão poder de Dario eftrue, & rende,

Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
O paffo de Termopilas defende,  
Nem o mancebo Cocles dos Aufonios,  
Que com todo o poder Tufco contende  
Em defenfa da ponte, ou Quinto Fabio  
Foy como este na guerra forte & fabio.

Mas neste paffo a Nimpha o fom canoro  
Abaxando, fez ronco, & entristecido,  
Cantando em baxa voz enuolta em choro  
O grande esforço mal agardecido:  
O Belifario, diffe, que no coro  
Das Mufas feras fempre engrandecido,  
Se em ti vifte abatido o brauo Marte,  
Aqui tens com quem podes confolarte.

Aqui tens companheiro afsi nos feitos  
Como no galardão injusto & duro,  
Em ti & nelle veremos altos peitos,  
A baxo eftado vir humilde, & efcurado:  
Morrer nos hofpitais em pobres leitos,  
Os que ao Rey, & aa ley feruem de muro,  
Ifto fazem os Reys, cuja vontade  
Manda mais que a juftiça & que a verdade.

Ifto fazem os Reis, quando embebidos  
Nua apparencia branda que os contenta,  
Dão os premios de Aiace merecidos,  
Aa lingoa vaã de Vliffes fraudulenta:  
Mas vingome que os bens mal repartidos  
Por quem fo doces fombas apresenta,  
Se não os dão a fabios caualeiros,  
Dãos os logo a auarentos lifongeiros.

Mas tu de quem ficou tão mal pagado  
Hum tal vaffalo, o Rey fo nisto inico,  
Se não es para darlhe honrofo eftado,  
He elle pera darte hum reino rico:  
Em quanto for o mundo rodeado  
Dos Apolineos rayos, eu te fico  
Que elle feja entre a gente illuftre & claro  
E tu nifto culpado por auaro.

Mas eis outro, cantaua, intitulado  
Vem com nome real, & traz configo  
O filho, que no mar ferâ illustrado  
Tanto como qualquer Romano antigo:  
Ambos darão com braço forte, armado,  
A Quiloa fertil afpero caftigo,  
Fazendo nella Rey leal, & humano,  
Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem farão Mombaça, que fe arrea  
De casaf fumptuofas, & edificios,  
Co ferro, & fogo feu, queimada, & fea,  
Em pago dos paffados maleficios:  
Defpois na cofta da India, andando chea  
De lenhos inimigos, & arteficios,  
Contra os Lufos: com vellas, & com remos  
O mancebo Lourenço farâ eftremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,  
Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,  
Que fae com trouão do cobre ardente,  
Farà pedaços leme, masto, vela,  
Defpois lançando arpeos oufadamente

Na capitania inimiga: dentro nela  
Saltando, a farâ fo com lança & efpada  
De quatrocentos Mouros defpejada.

Mas de Deos a efcondida prouidencia,  
Que ella fo fabe o bem de que fe ferue,  
O porâ onde esforço, nem prudencia  
Poderâ auer, que a vida lhe referue:  
Em Chaul, onde em fangue & refistencia  
O mar todo com fogo & ferro ferue,  
Lhe farão, que com vida fe não faya  
As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos  
Que o grande esforço, fo com força rende,  
Os ventos que faltârão, & os perigos  
Domar, que fobejârão, tudo o ofende:  
Aqui refurjão todos os antigos,  
A ver o nobre ardor, que aqui fe aprende,  
Outro Sceua verão, que efpedaçado  
Não fabe fer rendido, nem domado.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços  
Lhe leua hum cego tiro, que paffara,  
Se ferue inda dos animofos braços,  
E do grão coração, que lhe ficâra:  
Ate que outro pilouro quebra os laços,  
Com que co alma o corpo fe liâra,  
Ella folta voou da prifam fora,  
Onde fubito fe acha vencedora.

Vâyte alma em paz da guerra turbulenta,  
Na qual tu merecefte paz ferena,  
Que o corpo que em pedaços fe aprefenta,  
Quem o gerou vingança ja lhe ordena:  
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,  
Que vem ja dar a dura, & eterna pena,  
De Efperas, Bafilifcos, & Trabucos,  
A Cambalcos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pay com animo eftupendo,  
Trazendo furia & magoa por antolhos,  
Com que o paterno amor lhe estâ mouendo  
Fogo no coração, agoa nos olhos:  
A nobre yra lhe vinha prometendo,  
Que o fangue farâ dar pellos giolhos  
Nas inimigas naos fentilo ha o Nilo,  
Podelo ha o Indo ver, & o Gange ouiulo.

Qual o Touro ciofo, que fe enfaya  
Pera a crua pelleja, os cornos tenta  
No tronco dhum Carualho, ou alta Faya  
E o âr ferindo, as forças efprimenta:  
Tal, antes que no feyo de Cambaya  
Entre Francifco irado na opulenta  
Cidade de Dabul, a efpada afia,  
Abaxandolhe a tumida oufadia.

E logo entrando fero na enfeada  
De Dio, illuftre em cercos & batalhas,  
Farâ efpalhar a fraca & grande armada,  
De Calecu, que remos tem por malhas:  
A de Melique Yaz acautelada,  
Cos pelouros que tu Vulcano efpalhas,  
Farâ yr ver o frio & fundo affento,  
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando  
A furia eſparará dos vingadores,  
Verá braços & pernas yr nadando,  
Sem corpos, pello mar, de feus fenhores,  
Rayos de fogo yrão repreſentando,  
No cego ardor, os brauos domadores,  
Quanto ali fentirão olhos, & ouuidos,  
E fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que deſta profpera vitoria,  
Com que deſpois virá ao patrio Tejo,  
Quafi lhe roubará a famoſa gloria  
Hum fuceſſo que triste & negro vejo,  
O Cabo Tormentorio, que a memoria  
Cos offos guardará: não terá pejo  
De tirar deſte mundo aquelle eſprito,  
Que não tirarão toda a India, & Egito.

Ali Cafres feluagens poderão,  
O que deſtros immigos não poderão,  
E rudos paos tostados fos farão,  
O que arcos & pelouros não fizerão,  
Occultos os juizos de Deos ſam,  
As gentes vaãs que não nos entenderão,  
Chamãolhe fado mao, fortuna eſcura,  
Sendo fo prouidencia de Deos pura.

Mas ô que luz tamanha, que abrir finto,  
Dizia a Ninfa, & a voz aleuantaua,  
La no mar de Molinde em ſangue tinto  
Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:  
Pello Cunha tambem, que nunca extinto  
Será feu nome, em todo o mar que laua  
As ilhas do Auftro, & praias, que fe chamão  
De ſam Lourêço, & em todo o Sul fe afamão.

Eſta luz he do fogo, & das luzentes  
Armas, com que Albuquerque yra amãfand  
De Ormuz os Parſeos, por feu mal valentes,  
Que refuſam o jugo honrofo & brando:  
Ali verão as fetas eſtridentes  
Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
Contra quem as tirou, que Deos paleja  
Por quem eſtende a fe da madre Igreja.

Ali do fal os montes não defendem  
De corrupção os corpos no combate,  
Que mortos pella praya, & mar fe eſtendem  
De Gerum, de Mozcate, & Calayate:  
Ate que a força fo de braço aprendem  
A abaxar a ceruiz, onde fe lhe ate  
Obrigaçãõ de dar o reyno inico  
Das perlas de Barem tributo rico.

Que glorioſas palmas tecer vejo,  
Com que victoria a fronte lhe coroa,  
Quando fem fombra vaã de medo, ou pejo  
Toma a ilha illuſtriſſima de Goa:  
Deſpois, obedecendo ao duro enſejo  
A deixa, & ocafião eſpera boa,  
Com que a torne a tomar, que eſforço & arte  
Vencerão a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja fobrella torna & vây rompendo  
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,  
Abrindo cõ a eſpada o eſpeſſo, & horrendo

Efquadrão de Gentios, & de Mouros:  
Irão foldados inclitos fazendo  
Mais que Liões famelicos, & Touros,  
Na luz que fempre celebrada & dina  
Sera da Egipcia fancta Caterina.

Nem tu menos fugir poderas defte,  
Pofto que rica, & posto que affentada  
La no gremio da Aurora, onde nacefte,  
Opulenta Malaca nomeada:  
As fetas venenofas que fizeste,  
Os Crifes com que ja te vejo armada,  
Malaivos namorados, Iaos valentes  
Todos faras ao Lufo obedientes.

Mais eftanças cantâra esta Syrena  
Em louuor do illuftrifsimo Albuquerque,  
Mas alembroulhe hũa yra que o condena,  
Pofto que a fama fua o mundo cerque:  
O grande capitão, que o fado ordena  
Que com trabalhos gloria eterna merque,  
Mais ha de fer hum brando companheiro  
Pera os feus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & afperezas  
Doenças, frechas, & trouoës ardentes,  
A fazão, & o lugar fazem cruezas  
Nos foldados a todo obedientes:  
Parece de feluaticas brutezas,  
De peitos inhumanos & insolentes,  
Dar extremo fuplicio pella culpa  
Que a fraca humanidade & Amor defculpa.

Não ferâ a culpa abominofo incefto,  
Nem violento estupro em virgem pura,  
Nem menos adulterio defonefto,  
Mas cũa efcaua vil lafcia & efcura:  
Se o peito ou de ciofo, ou de modefto,  
Ou de vfado a crueza fera & dura,  
Cos feus hũa ira infana não refrea,  
Poë na fama alua nota negra & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado  
Da fua Campafpe, & deulha alegremente,  
Não fendo feu foldado efprimentado,  
Nem vendofe num cerco duro & vrgente:  
Sentia Ciro que andaua ja abrafado  
Arafpas, de Pantea em fogo ardente,  
Que elle tomara em guarda, & prometia  
Que nenhum mao defejo o venceria.

Mas vendo o Illuftre Perfa, que vencido  
Fora de amor, que em fim não tem defenfa,  
Leuemente o perdoa, & foy feruido  
Delle num cafo grande em recompenfa.  
Per força de Iudita foy marido  
O ferreo Balduuino, mas difpenfa  
Carlos pay della, pofto em coufas grandes,  
Que viuua, & pauoador feja de Frandes.

Mas profeguindo a Nimpha o longo canto,  
De Soarez cantaua, que as bandeiras  
Faria tremolar, & por efpanto,  
Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
Madina abominabil teme tanto,  
Quanto Meca, & Gidâ, coas derradeiras

Prayas de Abafia: Barborâ fe teme,  
Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,  
Ia pello nome antigo tão famofa,  
Quanto agora foberba, & foberana,  
Pella Cortiça calida, cheirofa,  
Della dar â tributo aa Lufitana  
Bandeira, quando excelfa, & gloriofa  
Vencendo fe erguerâ na torre erguida,  
Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas  
Diuidindo, abrirâ nouo caminho,  
Pera ti grande Imperio que te arreas  
De feres de Candace, & Sabâ ninho:  
Maçua com Cifternas de agoa cheas  
Verâ, & o porto Arquico ali vizinho,  
E fara defcobrir remotas ilhas,  
Que dão ao mundo nouas marauilhas.

Virâ defpois Menefes, cujo ferro  
Mais na Africa, que câ terâ prouado:  
Castigarâ de Ormuz Soberba o erro,  
Com lhe fazer tributo dar dobrado:  
Tambem tu Gama, em pago do defterro  
Em que eftâs, & ferâs inda tornado,  
Cos titolos de Conde, & dhonras nobres,  
Virâs mandar a terra que defcobres.

Mas aquella fatal necefsidade,  
De quem ninguems fe exime dos humanos,  
Illutrado coa Regia dignidade,  
Te tirará do mundo & feus enganos:  
Outro Menefes logo, cuja ydade  
He mayor na prudencia, que nos anos,  
Gouernará, & farà o ditofa Henrique,  
Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerâ fomite os Malabares,  
Deftruindo Panane, com Coulete,  
Cometendo as Bombardas, que nos ares  
Se vingão fo do peito que as comete:  
Mas com virtudes certo fingulares,  
Vence os immigos dalma todos fete,  
De cubiça triumpha, & incontinencia,  
Que em tal idade he fuma de excellencia.

Mas defpois que as estrellas o chamarem,  
Socederâs ô forte Mozcarenhas,  
E fe injustos o mando te tomarem,  
Prometote que fama eterna tenhas:  
Pera teus inimigos confeffarem  
Teu valor alto, o fado quer que venhas  
A mandar, mais de palmas coroado,  
Que de fortuna jufta acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos  
Terâ a Malaca muito tempo feitos,  
Num fo dia as injurias de mil anos  
Vingarâs, co valor de illuftres peitos,  
Trabalhos & perigos inhumanos,  
Abrolhos ferreos mil, paffos estreitos,  
Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,  
Tudo fico que rompas & fometas.

Mas na India cubiça & ambição,

Que claramente poem aberto o rosto  
Contra Deos, & Iustiça, te farão  
Vituperio nenhum, mas fo defgofto:  
Quem faz injuria vil, & fem rezão  
Com forças & poder, em que está pofto,  
Não vence, que a vitoria verdadeira,  
He faber ter juftiça nua, & inteira.

Mas com tudo não nego que Sampayo  
Será no esforço illuftre, & afinalado,  
Mostrando fe no mar hum fero rayo,  
Que de inimigos mil verâ qualhado:  
Em Bacanôr farâ cruel enfayo  
No Malabar, pera que amedrontado  
Defpois a fer vencido delle venha  
Cutiâle, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota  
Que Chaul temerâ de grande & oufada,  
Farâ coa vifta fo perdida & rota,  
Por Heitor da Silueira, & destrocada:  
Por Heitor Portugues, de quem fe nota,  
Que na Cofta Cambaica fempre armada,  
Serâ aos Guzarates tanto dano,  
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz focederâ  
Cunha, que longo tempo tem o leme,  
De Chale as torres altas erguerâ,  
Em quanto Dio illustre delle treme,  
O forte Baçaîm fe lhe darâ,  
Não fem fangue porem, que nelle geme  
Melique, porque a força fo de efpada  
A tranqueira foberba ve tomada.

Tras este vem Noronha, cujo Auspicio  
De Dio os Rumes feros afugenta,  
Dio que o peito & bellico exercicio  
De Antonio da filueira bem fultenta:  
Farâ em Noronha a morte o vfado officio,  
Quando hum teu ramo, ô Gama, fe efprimêta  
No gouerno do Imperio, cujo zelo  
Com medo o roxo mar farâ amarelo,

Das mãos do teu Efteuão vem tomar  
As redeas hum, que ja fera illuftrado  
No Brafil, com vencer & caftigar  
O Pirata Frances ao mar vfado:  
Defpois Capitão mor do Indico mar,  
O muro de Dâmão foberbo & armado,  
Efcala, & primeiro entra a porta aberta  
Que fogo & frechas mil terão cuberta.

A efte o Rey Cambaico foberbifsimo  
Fortaleza darâ na rica Dio,  
Porque contra o Mogor poderofifsimo  
Lhe ajude a defender o fenhorio:  
Defpois yrâ com peito esforçadifsimo  
A tolher que não paffe o Rey Gentio,  
De Calecu, que afsi com quantos veyo  
O farâ retirar de fangue cheyo

Deftroirá a cidade Repelim,  
Pondo o feu Rey com muitos em fugida:  
E defpois junto ao Cabo Comorim  
Hũa façanha faz efclarecida,

A frota principal da Samorim,  
Que destruir o mundo não duvida,  
Vencerá co furor do ferro & fogo,  
Em fi verá Beadâla o Morcio jogo.

Tendo afsi limpa a India dos immigos,  
Virâ defpois com cetro a gouernala,  
Sem que ache refitencia, nem parigos,  
Que todos tremem delle, & nenhum fala:  
So quis prouar os aſperos caſtigos  
Baticalâ, que virâ ja Beadala,  
De fangue & corpos mortos ficou chea,  
E de fogo & trouoês desfeita & fea.

Efte fera Martinho, que de Marte  
O nome tem coas obras diriuado,  
Tanto em armas illuftre em toda parte,  
Quanto em confelho fabio & bem cuidado:  
Socederlhe ha ali Castro, que o eſtandarte  
Portugues terá fempre leuantado,  
Conforme fuceffor ao fucedido  
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

Perfas feroces, Abafsis & Rumes  
Que trazido de Roma o nome tem,  
Varios de geſtos, varios de culumes  
Que mil naçoês ao cerco feras vem  
Farão dos ceos ao mundo vão queixumes  
Porque hũs poucos a terra lhe detem,  
Em fangue Portugues juram deſcritos  
De banhar os bigodes retorcidos.

Bafilifcos medonhos & Liões,  
Trabucos feros, minas encubertas,  
Suftenta Mozcarenhas cos barões,  
Que tam ledos as mortes tem por certas:  
Ate que nas mayores opreffões  
Caſtro libertador, fazendo offertas  
Das vidas de feus filhos, quer que fiquem  
Com fama eterna, & a Deos fe facrifiquem.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,  
Onde o violento fogo com ruido,  
Em pedaços os muros no ar leuanta,  
Será ali arrebatado, & ao ceo fubido:  
Aluaro quando o inuerno o mundo eſpanta,  
E tem o caminho humido impedido,  
Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,  
Os ventos, & defpois os inimigos.

Eis vem defpois, o pay, que as ondas corta  
Co reſtante da gente Lufitana  
E com força & faber, que mais importa,  
Batalha da felice & ſoberana:  
Hũs paredes fubindo eſcufam porta,  
Outros a abrem, na fera eſquadra infana,  
Feitos farão tão dinos de memoria,  
Que não caibão em vêrfo, ou larga hiſtoria.

Este defpois em campo fe apresenta  
Vencedor forte & intrepido, ao poſſante  
Rey de Cambaya, & a viſta lhe amedrenta  
Da fera multidão pradrupedante:  
Não menos fuas terras mal fuftenta  
O Hydalcham do braço triumphante  
Que caſtigando vay Dâbul na coſta

Nem lhe efcapou Pondâ no fertão posta.

Estes & outros Baroës por varias partes,  
Dinos todos de fama & marauilha,  
Fazendofe na terra brauos Martes,  
Virão lograr os gostos defta Ilha:  
Varrendo triumphantes eftandartes  
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,  
E acharão eftas Nimphas & eftas mefas,  
Que glorias & hõras fam de arduas emprefas

Afsi cantaua a Nimpha & as outras todas  
Com fonorofo aplaufo vozes dauão,  
Com que feftejão as alegres vodas,  
Que com tanto prazer fe celebrouão:  
Por mais que da Fortuna andem as rodas  
Nũa confona voz todas foauão,  
Não vos hão de faltar gente famofa,  
Honra, valor, & fama gloriofa.

Defpois que a corporal necefsidade  
Se fatisfez do mantimento nobre,  
E na harmonia & doce fuauidade,  
Virão os altos feitos, que defcobre,  
Thetis de graça ornada, & grauidade,  
Pera que com mais alta gloria dobre,  
As festas defte alegre & claro dia,  
Pera o felice Gama afsi dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia  
Suprema, de cos olhos corporais  
Veres, o que não pode a vã ciencia  
Dos errados & miferos mortais:  
Sigueme firme, & forte, com prudencia  
Por este monte efpeffo, tu cos mais.  
Afsi lhe diz, & o guia por hum mato  
Arduo, difficil, duro a humano trato.

Não andão muito que no erguido cume  
Se acharão, onde hum campo fe efmaltaua,  
De Efmeraldas, Rubis, tais que perfume  
A vista, que diuino chão pifaua:  
Aqui hum globo vem no ar, que o lume  
Clarifsimo por elle penetraua,  
De modo que o feu centro efa euidente,  
Como a fua fuperficia, claramente.

Qual a materia feja não fe enxerga,  
Mas enxergaffe bem que estâ composto  
De varios orbes, que a diuina verga  
Compos, & hum centro a todos fo tem pofto:  
Voluendo, ora fe abaxe, agora fe erga,  
Nũa fergue, ou fe abaxa, & hũ mefmo rofto  
Por toda a parte tem, & em toda a parte  
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em fi foftido,  
Qual em fim o Archetipo, que o criou:  
Vendo o Gama este globo, comouido  
De efpanto & de defejo ali ficou,  
Dizlhe a Deofa, O trafunto reduzido  
Em pequeno volume aqui te dou,  
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vas, & yrâs, & o que defejas.

Ves aqui a grande machina do mundo,  
Eterea, & elemental, que fabricada

Afsi foy do faber alto, & profundo,  
Que he fem principio, & meta limitada,  
Quem cerca em derredor efte rotundo  
Globo, & fua fuperficia tão limada,  
He Deos, mas o ã he Deos ninguẽ o entende,  
Que a tanto o engenho humano não fe eftẽde.

Efte orbe que primeiro vay cercando  
Os outros mais pequenos, que em fi tem,  
Que eftâ com luz tão clara radiando,  
Que a vista cega, & a mente vil tambem,  
Empireo fe nomea, onde logrando  
Puras ahnas estão de aquelle bem,  
Tamanho, que elle fo fe entende & alcança,  
De quem não ha no mundo femelhança.

Aqui fo verdadeiros gloriofos  
Diuos eftão, porque eu, Saturno & Iano,  
Iupiter, Iuno, fomos fabulofos  
Fingidos de mortal & cego engano:  
So pera fazer verfos dedeitofos  
Seruimos, & fe mais o trato humano  
Nos pode dar, he fo que o nome noffo  
Nefas eftrellas pos o engenho voffo.

E tambem porque a fanta prouidencia,  
Que em Iupiter aqui fe representa,  
Por efpiritos mil, que tem prudencia,  
Gouerna o mundo todo, que fultenta:  
Infinalo a prephetica fciencia,  
Em muitos das exemplos, que apresenta,  
Os que fam bõs, guiando fauorecem,  
Os maos, em quanto podem, nos ompecem.

Quer logo aqui a pintura que varã,  
Agora deleitando, ora infinando,  
Darlhe nomes, que a antiga Poefia  
A feus Deofes ja dera, fabulando:  
Que os Anjos de celefte companhia  
Deofes o facro verfo eftâ chamando,  
Nem nega que effe nome preminente,  
Tambem aos maos fe dà, mas falfamente.

Em fim que o fumo Deos, que por fegundas  
Caufas obra no mundo, tudo manda:  
E tornando a contarte das profundas  
Obras da mão diuina veneranda,  
Debaxo defte circulo onde as mundas  
Almas diuinas gozão, que não anda,  
Outro corre tam leue & tam ligeiro,  
Que não fe enxerga, he o Mobile primeiro.

Com efte rapto, & grande mouimento,  
Vão todos os que dentro tem no feyo,  
Por obra defte, o Sol andando atento  
O dia & noite faz, com curfo alheyo:  
Debaxo defte leue anda outro lento,  
Tam lento, & fojugado a duro freyo,  
Que em quanto Phebo, de luz nunca efcaffo,  
Dozentos curfos faz, dà elle hum paffo.

Olha estoutro debaxo, que efmaltado  
De corpos lifos anda, & radiantes,  
Que tambem nelle tem curfo ordenado,  
E nos feus axes correm fcintilantes:  
Bem ves como fe vefte, & faz ornado

Co largo cinto douro, que estellantes  
Animais doze traz afigurados,  
Apofentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,  
Que as eftrellas fulgentes vão fazendo.  
Olha a carreta, atenta a Cinofura,  
Andromeda, & feu pay, & o drago horrêdo:  
Vê de Calsiopea a fermofura,  
E do Oriente o gesto turbulento,  
Olha o Cifne morrendo que fofpira,  
A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira.

Debaxo defte grande firmamento,  
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,  
Iupiter logo faz o mouimento,  
E Marte abaxo bellico inimigo,  
O claro olho do ceo no quarto affento,  
E Venus, que os amores traz configo,  
Mercurio de eloquencia foberana,  
Com tres roftos debaxo vay Diana.

Em todos eftes orbes, differente  
Curfo veras, nũs graue, & noutros leue:  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da terra eftão caminho breue,  
Bem como quis o padre omnipotente  
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,  
Os quaes veras que jazem mais a dentro,  
E tem co mar a terra por feu centro.

Nefte centro poufada dos humanos,  
Que não fomite oufados fe contentão  
De foffrerem da terra firme os danos  
Mas inda o mar inftabil efprimentão,  
Virâs as varias partes, que os infanos  
Mares diuidem, onde fe apoufentão  
Varias nações, que mandão varios Reis,  
Varios costumes feus, & varias leis.

Ves Europa Chriftã mais alta & clara  
Que as outras em policia, & fortaleza:  
Ves Africa dos bens do mundo auara,  
Inculta, & toda chea de bruteza,  
Co Cabo que ate qui fe vos negâra,  
Que affentou para o Auftro a natureza:  
Olha effa terra toda, que fe habita  
Deffa gente fem ley, quafi infinita.

Vé do Benomotapa o grande imperio,  
De feluatica gente, negra & nua:  
Onde Gonçalo morte & vituperio  
Padecerâ, polla fe fancta fua:  
Nace por aste incognito Hemifperio  
O metâl, por que mais a gente fua,  
Ve que do lago, donde fe derrama  
O Nilo, tambem vindo eftâ Cuama.

Olha as cafas dos negros, como eftão  
Sem portas, confiados em feus ninhos  
Na justiça real, & defenfam,  
E na fidelidade dos vizinhos:  
Olha delles a bruta multidão  
Qual bando efpeffo & negro de Estorninhos,  
Combaterà em Sofala a fortaleza,  
Que defenderâ Nhaya com destreza.

Olha la as alagoas, donde o Nilo  
Nace, que não fouberão os antigos,  
velo rega, gerando o Crocodilo,  
Os pouos Abafsis de Chrifto amigos,  
Olha como fem muros (nouo estilo)  
Se defendem melhor dos inimigos,  
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama  
Que ora dos naturais Nobâ fe chama.

Nefta remota terra, hum filho teu  
Nas armas coutra os Turcos ferâ claro,  
Ha de fer dom Chriftouão o nome feu,  
Mas contra o fim fatal não ha reparo:  
Ve ca a Cofta do mar, onde te deu  
Melinde hofpicio gafalhofo & caro  
O Rapto rio nota, que o romance  
Da terra chama Obî, entra em Quilmance.

O Cabo ve ja Aromâta chamado,  
E agora Goardofû dos moradores,  
Onde começa a toca do afamado  
Mar roxo, que do fundo toma as cores  
Este como limite efta lançado  
Que diuide Afia de Africa, & as milhores  
Pouoações, que a parte Africa tem  
Maçuâ fam, Arquico, & Suamquem.

Ves o extremo Suez, que antigamente  
Dizem que foy dos Heroas a cidade,  
Outros dizem qne Arfinoe, & ao prefente  
Tem das frotas do Egipto a potestade:  
Olha as agoas, nas quaes abrio patente  
Efrada o gram Moufes na antiga ydade  
Afia começa aqui, que fe apresenta  
Em terrás grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que fe ennobrece  
Co fepulchro de fancta Caterina,  
Olha Toro, & Gidâ, que lhe falece  
Agoa das fontes doce, & cristalina:  
Olha as portas do estreito, que fenece  
No reyno da feca Adem, que confina  
Com a ferra Darzira, pedra viua,  
Onde chuua dos Ceos fe não deriua.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
Tomão, todas da gente vaga, & baça,  
Donde vem os caualos pera a guerra  
Ligeiros, & feroces, de alta raça:  
Olha a cofta que corre ate que cerra  
Outro eftreito de Perfia, & faz a traça  
O Cabo, que co nome fe apellida,  
Da cidade Fartaque ali fabida,

Olha Dofar infigne, porque manda  
O mais cheirofo encenço pera as aras:  
Mas atenta ja ca deftroutra banda  
De Roçalgate, & prayas fempre auaras,  
Começa o reyno Ormuz, que todo fe anda  
Pellas ribeiras, que inda ferão claras  
Quando as gales do Turco, & fera armada  
Virem de Castel branco nua a efpada.

Olha o Cabo Afaboro, que chamado  
Agora he Moçandão dos nauegantes.  
Por aqui entra o lago, que he fechado

De Arabia, & Perfias terras abundantes.  
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado  
Tem das fuas perlas ricas, & imitantes  
Aa cor da Aurora: & ve na agoa falgada  
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Perfia o imperio nobre  
Sempre posto no campo, & nos caualos,  
Que fe injuria de vfar fundido cobre,  
E de não ter das armas fempre os calos:  
Mas ve a ilha Gerum, como defcobre  
O que fazem do tempo os interualos,  
Que da cidade Armuza, que ali esteue  
Ella o nome defpois, & a gloria teue.

Aqui de dom Felipe de Menefes  
Se mostrará a virtude em armas clara,  
Quando com muito poucos Portuguefes  
Os muitos Parfeos vencerá de Lara:  
Virão prouar os golpes & reuefes  
De dom Pedro de Soufa, que prouâra  
Ia feu braço em Ampaza, que deixada  
Terá por terra a força fo de espada.

Mas deixemos o eftreito, & o conhecido  
Cabo de Iafque dito ja Carpella,  
Com todo o feu terreno mal querido  
Da natura, & dos dões vfados della,  
Carmania teue ja por apelido:  
Mas ves o fermofo Indo, que daquella  
Altura nace junto aa qual tambem  
Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlcinde fertilifsima,  
E de Iaquete a intima enfeada,  
Do mar a enchente fubita grandifsima,  
E a vazante que foge apreffurada:  
A terra de cambaya ve riquifsima,  
Onde do mar o feo fazmentrada,  
Cidades outras mil, que vou paffando,  
A vofoutros aqui fe estão guardando.

Ves corre a cofta cèlebre Indiana  
Pera o Sul, ate o Cabo Comori  
Ia chamado Cori, que Taprobana  
(Que ora he Ceilão) de frente tem de fi:  
Por este mar a gente Lufitana  
Qua com armas virâ defpois de ti,  
Terá vitorias terras, & cidades  
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,

As prouincias, que entre hum & o outro rio  
Ves com varias nações, fam infinitas:  
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,  
A quem tem o Demonio leis efcriptas:  
Olha que de Narfinga o fenhorio  
Tem as reliquias fanctas & benditas,  
Do corpo de Thome, barão fagrado,  
Qut a Iefu Chrifto teue a mão no lado.

Aqui a cidade foy, que fe chamaua  
Meliapor, fermofa, grande, & rica:  
Os Idolos antigos adoraua:  
Como inda agora faz a gente inica:  
Longe do mar naquelle tempo eftaua:  
Quando a fe, que no mundo fe pubrica,

Thome vinha prègando, & ja paffàra  
Prouincias mil do mundo, que infinàra.

Chegado aqui prègando, & junto dando  
A doentes faude, a mortos vida  
A cafo traz hum dia o mar vagando,  
Hum lenho de grandeza defmedida:  
Defeja o Rey, que andaua edificando,  
Fazer delle madeira, & não duuida  
Poder tiralo a terra compoffantes  
Forças dhomês, de engenhos de Aliphantes.

Era tão grande o pefo do madeiro  
Que fo pera abalarfe, nada abafta,  
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
Menos trabalho em tal negocio gafta:  
Ata o cordão que traz por derradeiro  
No tronco, & facilmente o leua & arrafta  
Pera onde faça hum fumptuofo templo,  
Que ficaffe aos futuros por exemplo.

Sabia bem que fe com fe formada  
Mandar a hum monte furdo, que fe moua,  
Que obedecerà logo aa voz fagrada,  
Que afsi lho infinou Chrifto, & elle o proua:  
A gente ficon difto aluoroçada,  
Os Bramenes o tem por coufa noua,  
Vendo os milagres, vendo a fantidade,  
Hão medo de perder autoridade.

Sam estes facerdotes dos Gentios,  
Em quem mais penetrado tinha enueja,  
Bufcão maneiras mil, bufcão defuios  
Com que Thome não fe ouça, ou morto feja:  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Hum cafo horrendo faz, que o mundo veja  
Que inimiga não ha tão dura, & fera,  
Como a virtude falfa da fincera.

Hum filho proprio mata, & logo acufa  
De homecidio Thome, que era innocente  
Dâ falsas teftemunhas, como fe vfa  
Condenarã no a morte breuemente:  
O Santo que não vê melhor efcufo,  
Que apellar pera o Padre omnipotente,  
Quer diante do Rey, & dos fenhores,  
Que fe faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda fer trazido  
Que refucite, & feja perguntado,  
Quem foy feu matador, & ferâ crido  
Por teftemunho o feu mais aprouado:  
Viram todos o moço viuo erguido  
Em nome de Iefu crucificado,  
Dâ graças a Thome, que lhe deu vida  
E defcobre feu pay fer homicida.

Este milagre fez tamanho efpanto,  
Que o Rey fe banha logo na ago fanta,  
E muitos apos elle, hum beija o manto  
Outro lauuor do Deos de Thome canta:  
Os Bramenes fe encherão de odio tanto,  
Com feu veneno os morde enueja tanta,  
Que perfuadindo a iffo o pouo rudo,  
Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que prègando ao pouo estaua,

Fingirão entre a gente hum arroido,  
Ia Christo nefte tempo lhe ordenaua,  
Que padecendo foffe ao Ceo fubido:  
A multidão das pedras, que voaua,  
No Santo dá ja a tudo offerecido,  
Hum dos maos por fartarfe mais de preffa,  
Com crua lança o peito lhe atraueffa.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,  
Choroute toda a terra que pifafte,  
Mais te chorão as almas, que veftindo  
Se yão da fancta Fe, que lhe inifnafte:  
Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,  
Te recebem na gloria que ganhafte,  
Pedimos te, que a Deos ajuda peças,  
Com que os teus Lufitanos fauoreças.

E vofoutros que os nomes vfurpais  
De mandados de Deos, como Thome,  
Dizey fe fois mandados, como estais  
Sem yrdes a pregar a fancta fe?  
Olhay que fe fois Sal, & vos danais  
na patria, onde Propheta ninguem he,  
Com que fe falgarão em noffos dias  
(Infieis deixo) tantas Herefias?

Mas paffo esta materia perigofa,  
E tornemos aa cofta debuxada,  
Ia com efta cidade tão famofa,  
Se faz curua a Gangetica enfeada,  
Corre Narfinga rica, & poderofa,  
Corre Orixá de roupas abaftada,  
No fundo da enfeada o illustre rio  
Ganges vem ao falgado fenhorio.

Ganges, no qual os feus habitadores  
Morrem banhados, tendo por certeza,  
Que inda que fevão grandes peccadores,  
Efta agoa fancta os laua, & da pureza:  
Ve Chatigão cidade das milhores  
De Bengala prouincia, que fe preza  
De abundante, mas olha que eftâ pofta  
Pera o Auftro daqui virada a cofta.

Olha o reyno Arracão, olha o affento  
De Pegu, que ja möftros pouoarão,  
Möftros filhos do feo ajuntamento  
Dhũa molher & hum cão, que fos fe acharão:  
Aqui foante Arame no inftrumento  
Da geração cuftumão, o que vfarão  
Por manha da Raynha, que inuentando  
Tal vfo, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa  
De Sião largo o imperio tão comprido,  
Tenaffarâ, Quedâ, que he fo cabeça  
Das que Pimenta ali tem produzido:  
Mais auante fareis que fe conheça  
Malaca, por Emperio ennobrecido,  
Onde toda a prouincia do mar grande,  
Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que defta terra coas poffantes  
Ondas o mar entrando diuidio,  
A nobre Ilha Samatra, que ja dantes  
Iuntas ambas a gente antiga vio:

Cherfonefo foy dita, & das prestantes  
Veas douro, que a terra produzio,  
Aurea por epitheto lhe ajuntarão,  
Alguns que foffe Ophir ymaginarão.

Mas na ponta da terra Cingapura  
Veras, onde o caminho aas naos fe eftreita,  
Daqui tornando a Costa aa Cynofura  
Se encurua, & pera a Aurora fe endereita:  
Ves Pam, Patane, reinos, & a longura  
De Syão que eftes & outros mais fugeita  
Olha o rio Menão, que fe derrama  
Do grande lago que Chiamay fe chama.

Ves nefte grão terreno os diferentes  
Nomes de mil nações nunca fabidas,  
Os Laos em terra & numero potentes,  
Auâs, Bramàs, por ferras tão compridas:  
Ve nos remotos montes outras gentes  
Que Gueos fe chamão de feluages vidas,  
Humana carne comem, mas a fua  
Pintão com ferro ardente, vfança crua:

Ves paffa por Camboja Mecom Rio,  
Que capitão das agoas fe interpreta,  
Tantas recebe doutro fo no eftio,  
Que alaga os campos largos, & inquieta,  
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,  
A gente delle crè como indiscreta,  
Que pena & gloria tem deſpois de morte  
Os brutos animais de toda forte.

Efte receberâ placido & brando,  
No feu regaço os Cantos, que molhados  
Vem do naufragio trifte, & miferando,  
Dos procelofos baxos eſcapados:  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Serâ o injuſto mando executado  
Naquelle, cuja Lira fonorofa,  
Serâ mais affamada que ditofa.

Ves corre a coſta que Champà fe chama,  
Cujã mata he do pao cheirofo ornada,  
Ves Cauchichina eftã de eſcura fama,  
E de Ainão ve a incognita enſeada,  
Aqui o foberbo imperio, que fe afama  
Com terras, & riqueza não cuidada,  
Da China corre, & ocupa o fenhorio  
Defdo Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro, & edificio nunca crido,  
Que entre hum imperio & o outro fe edifica,  
Certifsimo final, & conhecido,  
Da potencia real, foberba, & rica:  
Eftes o Rey que tem não foy nacido  
Princepe, nem dos pais aos filhos fica  
Mas elegem aquelle que he famofo  
Por caualeiro fabio & virtuofo.

Inda outra muita terra fe te eſconde,  
Ate que venha o tempo de moſtrar fe,  
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde  
A natureza quis mais affamarfe:  
Efta mea eſcondida que refponde  
De longe aa China donde vem buſcarfe,  
He Iapão, onde nace a prata fina,

Que illustrada ferà coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente  
As infinitas Ilhas espalhadas  
Ve Tidore, & Tarnate, co feruente  
Cume, que lança as flamas ondeadas  
As aruores verâs do Crauo ardente,  
Co fangue Portugues inda compradas,  
Aqui ha as aureas aues, que não decem  
Nunca a terra, & fo mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que fe efinaltão  
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,  
As aues variadas, que ali faltão,  
Da verde Noz tomando feu tributo:  
Olha tambem Bornèò, onde não faltão  
Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto,  
Das aruores, que Cânfora he chamado,  
Com que da Ilha o nome he celebrado.

Ali tambem Timor, que o lenho manda  
Sândalo falutifero, & cheirofo,  
Olha a Sunda tão larga, que hũa banda  
Efconde pera o Sul difficultofo:  
A gente do Sertão, que as terras anda,  
Hum rio diz que tem miraculofo,  
Que por onde elle fo fem outro vae,  
Conuerte em pedra o pao que nelle cae:

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,  
Que tambem flamas tremulas vapôra,  
A fonte que oleo mana, & a marauilha  
Do cheirofo licor, que o tronco chora,  
Cheirofo mais que quanto eftila a filha  
De Cyniras, na Arabia onde ella mora,  
E ve que tendo quanto as outras tem,  
Branda feda & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte fe aleuanta  
Tanto, que as nuuês paffa, ou a vista engana,  
Os naturaes o tem por coufa fancta,  
Polla pedra onde eftâ a pègada humana:  
Nas ilhas de Maldiua nace a prama  
No profundo das agoas foberana,  
Cujo pomo contra o veneno vrgente  
He tido por Antidoto excelente.

Verâs de frente eftar do roxo eftreito  
Socotorâ co amaro Aloe famofa,  
Outras ilhas no mar tambem fogeito  
A vos, na cofta de Affrica arenofa,  
Onde fae do cheiro mais perfeito  
A maffa ao mundo occulta, & preciofa,  
De fam Lourenço ve a Ilha afamada,  
Que Madagafcar he dalguũs chamada.

Eis aqui as nouas partes do Oriente,  
Que vofoutros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vafto mar patente,  
Que com tão forte peito nauegais:  
Mas he tambem razão, que no Ponente  
Dhum Lufitano hum feito inda vejais,  
Que de feu Rey moftrando fe agrauado  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua  
Vay de Califto ao feu contrario polo,

Que foberba a farâ a luzente mina  
Do metal, que a cor tem do louro Apolo,  
Castella voffa amiga ferà dina  
De lançarlhe o colar ao rudo colo,  
Varias prouincias tem de varias gentes  
Em ritos & cuftumes differentes.

Mas ca onde mais fe alarga, ali tereis  
Parte tambem co pao vermelho nota,  
De Sancta Cruz o nome lhe poreis,  
Defcobreila ha a primeira voffa frota:  
Ao longo desta cofta que tereis  
Yrâ bufcando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito com verdade  
Portugues, porem não na lealdade.

Defque paffar a via mais que mea,  
Que ao Antartico polo vay da linha,  
Dhũa eftatura quafi Gigantea  
Homês verâ, da terra ali vizinha:  
E mais auante o eftreito, que fe arrea  
Co nome delle agora, o qual caminha  
Pera outro mar, & terra que fica onde  
Com fuas frias afas o Auftro a efconde.

Ate qui, Portuguefes, concedido  
Vos he faberdes os futuros feitos,  
Que pello mar, que ja deixais fabido,  
Virão fazer barões de fortes peitos:  
Agora, pois que tendes aprendido  
Trabalhos, que vos fação fer aceitos  
Aas eternas efpoças, & fermofas,  
Que coroas vos tecem gloriofas.

Podeis vos embarcar, que tendes vento  
E mar tranquilo pera a patria amada:  
Afsi lhe diffe, & logo mouimento  
Fazem da Ilha alegre, & namorada:  
Leuão refrefco, & nobre mantimento,  
Leuão a companhia defejada,  
Das Nimphas que ham de ter eternamente,  
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Afsi forão cortando o mar fereno,  
Com vento fempre manfo, & nunca yrado,  
Ate que ouerão vifta do terreno  
Em que nacerão, fempre defejado:  
Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
E a fua patria, & Rey temido & amado,  
O premio & gloria dão, porque mandou  
E com titolos nouos fe illuftrou.

No mais Mufa, no mais, que a Lira tenho  
Deftemparada, & a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente furda, & endurecida:  
O fauor com que mais fe acende o engenho,  
Não no dê a patria não, que esta metida,  
No gofto da cubiça, & na rudeza  
Dhũa auftera, apagada, & vil trifteza.

E não fey porque influxo de deftno  
Não tem hum ledto orgulho, & geral gosto,  
Que os animos leuanta de contino,  
A ter pera trabalhos ledto o rofto:  
Por iffo vos ò Rey, que por diuino

Conselho eftais no regio folio pofto,  
Olhay que fois (& vede as outras gentes)  
Senhor fo de vaffallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por carias vias,  
Quaes rompentes liões, & brauos touros,  
Dando os corpos a fomes, & vigias,  
A ferro, a fogo, a fetas, & pilouros:  
A quentes regiões, a plagas frias,  
A golpes da Idolatras, & de Mouros,  
A perigos incognitos domundo,  
A naufragios, a pexes, ao profnndo:

Por vos feruir a tudo aparelhados,  
De vos tam longe fempre obedientes,  
A quaesquer voffos aſperos mandados,  
Sem dar repostas promptos & contentes,  
So com faber que fam de vos olhados,  
Demonios infernais, negros & ardentes,  
Cometerão conuofco, & não duuido  
Que vencedor vos fação, não vencido.

Fauoreceyos logo, & alegrayos  
Com a preferença, & leda humanidade,  
De rigurofas leis defaliuayos,  
Que afsi fe abre o caminho aa fanctidade:  
Os mais efprimentados leuantayos,  
Se com a efperiencia tem bondade,  
Pera voffo concelho, pois que fabem  
O como, o quando, & onde as coufas cabem.

Todos fauorecei em feus officios,  
Segundo tem das vidas o talento,  
Tenhão Religiofos exercicios  
De rogarem por voffo regimento,  
Com jejuns, defciplina, pellos vicios  
Comuns, toda ambição terão por vento,  
Que o bom Religiofo verdadeiro,  
Gloria vã não pretende nem dinheiro.

Os Caualeiros tende em muita eftima,  
Pois com feu fangue intrepido & feruente,  
Eftendem não fomite a ley de cima,  
Mas inda voffo imperio preeminente:  
Pois aquelles que a tão remoto clima  
Vos vão feruir com paffo diligente,  
Dous inimigos vencem, hūs os viuos,  
(E o que he mais) os trabalhos excefsiuos.

Fazey fenhor que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Italos, & Inglefes  
Poffam dizer que fam pera mandados,  
Mais que pera mandar os Portuguefes:  
Tomay conselho fo defprimentados,  
Que virão largos anos, largos mefes,  
Que pofto que em cientes muito cabe,  
Mais em particular o experto fabe.

De Phormião Philofopho elegante  
Vereis como Anibal efcarnecia,  
Quando das artes bellicas diante  
Delle com larga voz trataua & lia:  
A difciplina militar preftante  
Não fe aprende fenhor na fantafia  
Sonhando, imaginando, ou eftudando,  
Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo  
De vos não conhecido, nem fonhado?  
Da boca dos pequenos fey com tudo,  
Que o lauuor fae as vezes acabado,  
Nem me falta na vida honesto eftudo  
Com longa esperiencia misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis prefente,  
Coufas que juntas fe achão raramente.

Pera feruiruos braço aas armas feito,  
Pera cantaruos mente aas Mufas dada,  
So me falece fer a vos aceito,  
De quem virtude deue fer prezada:  
Se me ifto o ceo concede, & o voffo peito  
Dina emprefa tomar de fer cantada,  
Como a prefaga mente vaticina,  
Olhando a voffa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medufa,  
A vifta voffa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos da Ampelufa  
Os muros de Marrocos & Trudante,  
A minha ja eftimada & leda mufa,  
Fico, que em todo o mundo de vos cante,  
De forte que Alexandro em vos fe veja,  
Sem aa dita de Achiles ter enueja.

**F I M.**

\*\*\* END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK OS LUSÍADAS \*\*\*

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE  
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE  
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

**Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works**

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are

a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website ([www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

#### 1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

## **Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™**

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

### **Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

### **Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate)

### **Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works**

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.